

**FACULDADE CÁSPER LÍBERO
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO**

**O ARMÁRIO INVERTIDO
COMUNICAÇÃO E DISCURSO SOB A LUZ DE LAMPIÃO**

JOSÉ AUGUSTO DE CASTRO HEEREN

SÃO PAULO

2011

José Augusto de Castro Heeren

O armário invertido: comunicação e discurso sob a luz de *Lampião*.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, Linha de pesquisa B – Produtos midiáticos: jornalismo e entretenimento, como requisito parcial à obtenção do título de mestre sob a orientação da Professora Doutora Dulcilia Helena Schroeder Buitoni.

Faculdade Cásper Líbero
Programa de Pós-graduação Stricto Sensu
São Paulo – 2011

HEEREN, José Augusto de Castro

O armário invertido: comunicação e discurso sob a luz de *Lampião* / José Augusto de Castro Heeren.
São Paulo, 2011.

238 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Professora. Dra. Dulcilia Helena Schroeder Buitoni

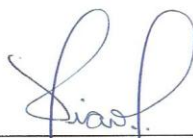
Dissertação (mestrado) – Faculdade Cásper Líbero, Programa de
Mestrado em Comunicação

1. Comunicação. 2. Discurso. 3. Jornalismo. I.Buitoni, Dulcilia Schroeder.II.Faculdade Cásper
Líbero, Programa de Mestrado em Comunicação. III.Título.

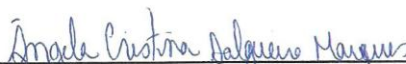
ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

AUTOR: JOSÉ AUGUSTO DE CASTRO HEEREN

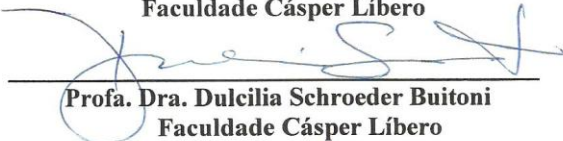
**“O ARMÁRIO INVERTIDO: COMUNICAÇÃO E DISCURSO SOB A
LUZ DE LAMPIÃO”.**



Prof. Dr. Wilton Garcia
Universidade Braz Cubas



Profa. Dra. Angela Cristina Salgueiro Marques
Faculdade Cásper Líbero



Profa. Dra. Dulcilia Schroeder Buitoni
Faculdade Cásper Líbero

Data da Defesa: - 15 de março de 2011.

Dedicatória

Para minha mãe e minha tia,
obrigado pelo amor sem medida!

Agradecimentos

Todos os prazos se esgotaram! É preciso dar a dissertação por encerrada apesar das muitas reflexões que comigo permaneceram. Mas, de qualquer modo, foi uma enorme satisfação ter compartilhado minhas inquietações com pessoas maravilhosas e a elas quero agora agradecer. Início agradecendo a todos os professores do Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, que tanto colaboraram com o meu trabalho. Entretanto, há alguns que quero aqui nomear, porque tiveram uma participação muito especial em todo o caminho.

Obrigado Professora Doutora Dulcilia H. S. Buitoni, minha orientadora, minha Amiga. Obrigado pela paciência e liberdade que me deu para trabalhar, pelas conversas e provocações, pelas orientações e desorientações que tanto ajudaram a amadurecer minhas reflexões. Não há palavras suficientes para traduzir o quanto nossos encontros marcaram minha vida.

Obrigado Professora Doutora Ângela Marques pelo carinho, apoio e ajuda que sempre me deu. Sinto-me extremamente grato e orgulhoso por contar com sua presença na “Banca de Qualificação” e na “Banca de Defesa”.

Obrigado Professor Doutor José Eugênio de Oliveira Marques pela disponibilidade e generosidade que sempre me concedeu. Sua inteligência, carinho e amizade além de servirem de inspiração me mostraram como um mestre deve realmente ser.

Obrigado Professor Dimas A. Künsch pelas valiosas considerações desenvolvidas em suas aulas. Obrigado pela confiança e incentivo ao meu trabalho – há nele grande influencia do seu pensamento.

Quero agradecer também aos colegas de curso pela amizade e pelo convívio tão agradável que tivemos nas salas de aula e fora delas. Obrigado à Nalva e a todos da Secretaria da Faculdade pelo carinho e pela paciência com as minhas dificuldades burocráticas.

Aos amigos agradeço o entendimento da importância que esta pesquisa tem para mim. Obrigado por terem compreendido meu afastamento.

E por fim não posso deixar de agradecer ao Edson, meu querido e especial amigo, pelo apoio emocional, sempre pronto a me escutar e ajudar quando era preciso.

Resumo

Este trabalho investiga os processos comunicacionais presentes no jornal alternativo *Lampião da Esquina* que circulou nacionalmente de 1978 até 1981, já no período final da ditadura militar, a partir da proposta ideológica elaborada por seu Conselho Editorial: conscientização, visibilidade e troca de experiências. Este tripé contribui para a construção de identidades afirmativas (individuais e coletivas) servindo tanto ao grupo homossexual quanto a outras minorias que também tinham voz dentro de suas páginas. Assim, focamos o processo de produção e compartilhamento de sentidos realizado entre os sujeitos interlocutores, através de uma materialidade simbólica (da produção de sentidos). Tal processo está inserido em determinado contexto sobre o qual atua e do qual recebe os reflexos. Em suma, objetivamos compreender o processo discursivo do jornal *Lampião da Esquina*, voltado para o público homossexual, e seu compartilhamento de sentidos entre os leitores, a sociedade e o próprio jornal através dos discursos (diretos e indiretos) por ele produzido. Para tanto, o *corpus* de nossa pesquisa engloba as trinta e sete edições do periódico. São utilizados como fundamentos metodológicos os conceitos de autores como Michel Foucault, Manuel Castells, Zygmunt Bauman, entre outros, e aplicados ao estudo do jornal no decorrer dos três anos de sua existência.

Palavras-chave: jornal *Lampião da Esquina*. Comunicação. Discurso. Identidade. Cultura. Jornalismo.

Abstract

This work investigates the communication processes displayed on the alternative newspaper *Lampião da Esquina* that circulated nationwide from 1978 to 1981, in the end of the military dictatorship, from the ideological proposal formulated by its Editorial Council: awareness, visibility and exchange of experiences. This tripod contributes to the building up of affirmative identities (individual and collective) serving both to the homosexual group and to the other minorities who also had voice within the newspaper pages. This way, we focused the production process and share-out of senses fulfilled by the interlocutors, through a symbolic materiality (of the senses production). This process is inserted in a particular context about which it acts and receives the reflexes. In short, we aimed at understanding the speech process of the paper *Lampião da Esquina*, directed to the homosexual public, and its share-out of senses among the readers, the society and the newspaper itself through its speeches (direct and indirect) produced by it. For this purpose, the *corpus* of our research covers up the thirty- seven issues of the paper. It is utilized as methodological grounds the concepts of authors such as Michel Foucault, Manuel Castells, Zygmunt Bauman, among others, and applied to the study of the paper during the three years of its existence.

Keywords: newspaper *Lampião da Esquina*, Communication, Speech, Identity, Culture, Journalism.

Lista de Figuras

- Figura 01:** Foto Robert Mapplethorpe – *Two Men Dancing*, 1984
- Figura 02.1:** Capa do jornal *Pif-Paf* de 1894
- Figura 02.2:** Capa do jornal alternativo *Pif-paf* de 1964
- Figura 03:** Capa do jornal alternativo *Ex*- Ano 1, nº 01, novembro 1974
- Figura 04:** Capa do jornal alternativo *Ex*- Ano 1, nº 03, janeiro 1975
- Figura 05:** Capa do jornal alternativo *Flor do Mal* - 1971
- Figura 06:** Capa do jornal alternativo *Tribuna Operária*- 1980
- Figura 07:** Capa do jornal alternativo *Versus* - 1975
- Figura 08:** Capa do jornal alternativo *O Pasquim*- 1970
- Figura 09:** Capa do jornal alternativo *O Pasquim* - 1973
- Figura 10:** Capa do jornal alternativo *Movimento* - 1975
- Figura 11:** Capa do jornal alternativo *Binômio* - 1952
- Figura 12:** Capa do jornal alternativo *Pato Macho* - 1971
- Figura 13:** Capa do jornal *O Malho* - 1903
- Figura 14:** Charge do jornal *O Malho* - 1903
- Figura 15:** Capa do jornal *Rio Nu* - 1914
- Figura 16:** Capa do jornal alternativo *Snob* - 1963
- Figura 17:** abril 1978 - Capa da edição número zero de *Lampião da Esquina*
- Figura 18:** maio/junho 1978 - Capa da edição número 01 de *Lampião da Esquina*
- Figura 19:** junho/julho 1978 - Capa da edição número 02 de *Lampião da Esquina*
- Figura 20:** julho/agosto 1978 - Capa da edição número 03 de *Lampião da Esquina*
- Figura 21:** agosto/setembro 1978 - Capa da edição número 04 de *Lampião da Esquina*
- Figura 22:** outubro 1978 - Capa da edição número 05 de *Lampião da Esquina*
- Figura 23:** novembro 1978 - Capa da edição número 06 de *Lampião da Esquina*
- Figura 24:** dezembro 1978 - Capa da edição número 07 de *Lampião da Esquina*
- Figura 25:** janeiro 1979 - Capa da edição número 08 de *Lampião da Esquina*
- Figura 26:** fevereiro – 1979 - Capa da edição número 09 de *Lampião da Esquina*
- Figura 27:** março 1979 - Capa da edição número 10 de *Lampião da Esquina*
- Figura 28:** abril 1979 - Capa da edição número 11 de *Lampião da Esquina*

Figura 29: maio 1979 - Capa da edição número 12 de *Lampião da Esquina*

Figura 30: Foto Robert Mapplethorpe – *Frank Langella*, 1984

Figura 31.1: Recorte da capa do jornal *Lampião da Esquina* – edição 35

Figura 31.2: Ibidem

Figura 31.3: Foto do cangaceiro Lampião. Autor e data desconhecidos.

Figura 32.1: Recorte da capa do jornal *Lampião da Esquina* edição 01

Figura 32.2: Recorte da capa do jornal *Lampião da Esquina* edição 19

Figura 33: História em Quadrinho - *Ave Noturna - Lampião da Esquina*, nº 21

Figura 34: História em Quadrinho - *Ave Noturna - Lampião da Esquina*, nº 21 (continuação)

Figura 35: História em Quadrinho - *Ave Noturna - Lampião da Esquina*, nº 22

Figura 36: História em Quadrinho – *Ave Noturna - Lampião da Esquina* nº 23

Figura 37: junho 1979 - Capa da edição número 13 de *Lampião da Esquina*

Figura 38: julho 1979 - Capa da edição número 14 de *Lampião da Esquina*

Figura 39: agosto 1979 - Capa da edição número 15 de *Lampião da Esquina*

Figura 40: setembro 1979 - Capa da edição número 16 de *Lampião da Esquina*

Figura 41: outubro 1979 - Capa da edição número 17 de *Lampião da Esquina*

Figura 42: novembro 1979 - Capa da edição número 18 de *Lampião da Esquina*

Figura 43: dezembro 1979 - Capa da edição número 19 de *Lampião da Esquina*

Figura 44: janeiro 1980 - Capa da edição número 20 de *Lampião da Esquina*

Figura 45: fevereiro 1980 - Capa da edição número 21 de *Lampião da Esquina*

Figura 46: março 1980 - Capa da edição número 22 de *Lampião da Esquina*

Figura 47: abril 1980 - Capa da edição número 23 de *Lampião da Esquina*

Figura 48: maio 1980 - Capa da edição número 24 de *Lampião da Esquina*

Figura 49: Foto Robert Mapplethorpe – *White Gauze*, 1984

Figura 50: Digitalização da coluna *Troca-Troca de Lampião da Esquina*

Figura 51: Digitalização da coluna *Bixórdia de Lampião da Esquina*

Figura 52: Digitalização da matéria *Termos Quentes - Lampião*, nº 32

Figura 53: junho 1980 - Capa da edição número 25 de *Lampião da Esquina*

Figura 54: julho 1980 - Capa da edição número 26 de *Lampião da Esquina*

Figura 55: agosto 1980 - Capa da edição número 27 de *Lampião da Esquina*

Figura 56: setembro 1980 - Capa da edição número 28 de *Lampião da Esquina*

Figura 57: outubro 1980 - Capa da edição número 29 de *Lampião da Esquina*

Figura 58: novembro 1980 - Capa da edição número 30 de *Lampião da Esquina*

Figura 59: dezembro 1980 - Capa da edição número 31 de *Lampião da Esquina*

Figura 60: janeiro 1981 - Capa da edição número 32 de *Lampião da Esquina*

Figura 61: fevereiro 1981 - Capa da edição número 33 de *Lampião da Esquina*

Figura 62: março 1981 - Capa da edição número 34 de *Lampião da Esquina*

Figura 63: abril 1981 - Capa da edição número 35 de *Lampião da Esquina*

Figura 64: maio 1981 - Capa da edição número 36 de *Lampião da Esquina*

Figura 65: junho 1981 - Capa da edição número 37 de *Lampião da Esquina*

Figura 66: dezembro 1979 - Capa da edição extra 01 de *Lampião da Esquina*

Figura 67: maio 1980 - Capa da edição extra 02 de *Lampião da Esquina*

Figura 68: sem mês/ 1980 - Capa da edição extra 03 de *Lampião da Esquina*

Lista de Quadros

Quadro 1: Os três Foucault, segundo os critérios ontológico de Morey

Quadro 2: Alguns exemplos dos principais jornais alternativos

Quadro 3: Principais grupos organizados no Brasil no início da década de 1980

Quadro 4: Tipologia analítica sumária do discurso militante homoerótico presente em *Lampião da Esquina*

Sumário

Introdução.....	14
Capítulo I - Onde as semelhanças e as diferenças se encontram.....	25
1.1 O Jornalismo Alternativo.....	26
1.2 A Imprensa Gay brasileira.....	37
1.2.1 O discurso Reverso.....	42
1.3 O <i>Lampião da Esquina</i>	45
1.3.1 O Projeto Político do <i>Lampião da Esquina</i>	49
1.4 Identidades Impressas.....	54
1.4.1 Consumo Gay.....	57
1.5 Militância Gay: diversidade versus diversidade.....	60
Capítulo II – <i>Lampião</i> e a Cultura das Mídias.....	91
2.1 Comunicação e Cultura.....	92
2.1.1 Cultura Gay.....	93
2.1.2 A delicada questão do Armário.....	96
2.2 As imagens visuais.....	100
2.2.1 O espetáculo das capas.....	104
2.2.2 Hibridismo Cultural.....	112
2.2.3 Estética Camp.....	115
2.3 O Homoerotismo e as Artes.....	121
2.3.1 <i>Lampião</i> e os HQs.....	123
2.3.2 Gays e Mangás.....	128
2.3.3 As Novelas e os Gays.....	130
Capítulo III – Vozes da Diversidade.....	157
3.1 <i>Lampião</i> e Sexualidade.....	158
3.1.1 Os casos João do Rio e Antônio Chrysóstomo.....	161
3.1.2 A violência do gênero.....	163

3.2	<i>Lampião</i> e os Leitores.....	167
3.2.1	As cartas na mesa.....	167
3.2.2	O Troca-Troca lampiônico.....	173
3.2.3	A Bixórdia de <i>Lampião</i>	175
3.2.4	Vozes criativas.....	177
3.3	<i>Lampião</i> e a educação.....	179
3.4	O Sagrado e o Profano em <i>Lampião da Esquina</i>	182
3.4.1	O problema com as religiões.....	183
	Considerações Finais.....	216
	Referências.....	224
	Periódicos.....	234
	Webgrafia.....	234
	Índice de Poemas.....	235
	Glossário.....	236

*E foste um difícil começo.
Afasto o que não conheço.
E quem vem de outro sonho feliz da cidade
aprende depressa, a chamar-te de realidade.
Porque és o avesso, do avesso, do avesso, do avesso.*

Caetano Veloso

Questões relativas à sexualidade sempre despertaram a nossa curiosidade. Somos gerados pelo sexo e vivenciamos a sexualidade desde os primórdios da nossa infância, contudo, encontramos inúmeras dificuldades não só ao falar sobre o assunto, mas também ao lidarmos com nossa própria sexualidade. O paradoxo, segundo o pensador francês Michel Foucault, é que nunca antes se falou, escreveu e pensou tanto sobre sexo quanto se faz hoje. Ou seja, o discurso produzido atualmente, embora vasto, é em sua maioria, superficial e vazio de significado.

Por mais que ainda encontre tabus, a sexualidade está presente nas roupas, nas conversas das pessoas, nas músicas, na mídia e, principalmente, no comportamento de cada um. Não há como escondê-la ou fingir que ela não existe, pois ela acaba por se revelar em tudo que está ligado à vida humana.

O sexo ainda é associado à perversão, ao erótico e, principalmente, ao pecado e o problema se intensifica ainda mais quando pensamos nos homossexuais. O conflito se inicia no meio familiar, pois o homossexual começa a ser discriminado, muitas vezes, pelos próprios pais que nunca idealizaram ter um filho ou uma filha gay. Quando a criança tem a pele negra, uma deficiência ou qualquer outro tipo de limitação, o apoio no meio familiar é mais comum, propiciando ao indivíduo a liberdade de exercer a sua cidadania. Porém, quando se trata de um caso de homossexualidade, as atitudes já tendem a ser bem diferentes e condenam o indivíduo a usar máscaras, contribuindo para que ele(a) seja inferiorizado(a).

O discurso produzido pela medicina, pela religião e pela justiça intensifica esta “realidade” e o discurso midiático, em geral, também corrobora para a construção de imagens negativas da homossexualidade.

Estes discursos construíram um conceito de sexualidade desviante. A base do discurso religioso é a visão do pecado e de um deus punitivo. O discurso da Justiça é o desvio sócio-moral que resulta nos crimes de pederastia e confinamentos como penas legais. Os discursos das Ciências Médicas tinham como argumento o desvio psíquico. Essas fontes de preconceito vão impulsionar a mobilização de gays pelos seus direitos, pela liberação sexual e pelo fim do assujeitamento na sociedade. Em última instância, na criação de uma imprensa própria que carregue a voz dos homossexuais. Seguindo esta corrente apareceram no jornalismo impresso o jornal alternativo *Lampião da Esquina* (1978) e a revista *Sui Generis* (1994).

Na sociedade contemporânea, a mídia pode ser entendida como um poderoso dispositivo de produção de identidades porque ela serve à recriação de uma identidade que caracteriza uma experiência de alteridade para os interlocutores. Por meio da relação do interlocutor com um outro, ele vive a experiência da contemporaneidade, inscrevendo-se num campo de saberes e códigos preestabelecidos que o atravessam e constituem sua percepção da “realidade”.¹

A idéia de escolher o jornal *Lampião da Esquina* como mote para nosso trabalho surgiu quando estávamos pesquisando a respeito da questão homossexual na imprensa alternativa que surgiu no Brasil no período da ditadura militar e encontramos disponibilizadas na WEB todas as capas do periódico no site www.stonewallbrasil.com, (no final de 2010 o site deixou de existir). A visão do conjunto destas capas produziu um efeito tão inebriante pela riqueza de seus discursos que não tivemos escolha senão nos entregar totalmente a eles. Felizmente, um pouco depois, verificamos que todo o conteúdo do jornal também já estava digitalizado e disponibilizado on-line pelo Centro de Documentação Professor Luiz Mott.²

Uma coisa é saber da existência de algo outra é se deslumbrar por conhecê-la melhor. Na década de 80 do século passado chegamos a ver nas bancas de jornal da cidade de São Paulo alguns exemplares do *Lampião da Esquina*. Na época, isto nos chamou a atenção por dois motivos: o fato de existir um veículo de comunicação voltado para o público gay que não era pornográfico e por estar o periódico colocado nas bancas de jornal ao lado de outros jornais da grande imprensa, não era escondido, a sua compra não imprimia uma aura de vergonha e nem precisava vir dentro de um saco preto ou ficar restringida a um canto obscuro das bancas.

A sensação que passava é que o jornalismo brasileiro tinha saído do armário, ou melhor, o que era considerado marginal começou a aparecer no espaço público heterossexual como se fosse um armário invertido³. Infelizmente, por sermos jovens, nossa interação e compreensão do fenômeno que envolvia esta publicação ficou empobrecida. Somente agora, na maturidade, conseguimos entender a importância que o jornal teve dentro da comunidade homossexual na época de sua publicação.

¹ GREGOLIN, 2004: 72

² www.grupodignidade.org.br

³ Sobre a questão do armário ver página 98

Depois de definido o objeto de nosso estudo, surgiu o primeiro problema: qual seria o *corpus* a ser focado? Nosso recorte ficaria somente nas capas? No conteúdo? Quais as edições seriam as mais adequadas? Qual critério utilizar para a escolha? A resposta não demorou muito, pois a imagem de conjunto ainda estava muito marcada em nossas mentes. Assim, pensamos nosso trabalho como se fosse uma fotografia com um enquadramento panorâmico, a imagem ali retratada rica em sua multiplicidade de discursos, detalhes e cores resultou o que Josep Maria Català definiria como Imagem Complexa⁴.

Reduzir nosso foco em um aspecto apenas do jornal *Lampião da Esquina* seria como mutilar a fotografia. Usualmente uma pesquisa partiria do microcosmo para evidenciar o macrocosmo, mas fazendo desta maneira, neste caso, perderíamos o contexto geral e seu significado. Ver, Olhar e Enxergar são ações diferentes. Fechando muito, não veríamos a foto na sua totalidade, no máximo, conseguiríamos olhar mais detalhadamente seu conteúdo. O que pretendemos em nossa abordagem é tentar enxergar o fenômeno como um todo. Edgard Morin, pai do pensamento complexo,⁵ disse que aquilo que realmente gera conhecimento não é apenas o certo, o correto, o simples, mas também aquilo que aparentemente não atende a uma lógica, aquilo que está impregnado de incerteza, aquilo que gera, por exemplo a dúvida.

A busca por enxergar o todo não quer dizer que nosso trabalho seja um país sem fronteiras. Para melhor entender a mensagem que esta imagem complexa transmitia ou evocava, tivemos que nos deter mais calmamente em suas partes constitutivas. Observamos que o jornal *Lampião da Esquina* podia ser dividido em três fases:

A primeira fase, que denominamos aqui como “heróica”, onde o jornal se preocupou em desmitificar vários conceitos construídos sobre a homossexualidade, como o produzido pelo discurso médico, pelo discurso religiosos etc., tentando desta maneira conscientizar seus leitores a respeito dos mitos e verdades sobre estes temas, foi até o número que saiu a entrevista com Fernando Gabeira (Edição 18, novembro de 1979), não só por causa dela, mas também porque

⁴ Sobre Imagem Complexa, ver: *La imagen compleja: La fenomenología de las imágenes en La era de La cultura visual*. J. Català.

⁵ Sobre Pensamento Complexo, ver: *Introdução ao pensamento complexo*. E. Morin.

esta edição marcou o fim do processo contra o jornal⁶, o que coincidiu com o início da temporada de abertura no Brasil.

A segunda, que chamamos aqui de “ativista” foi marcada por reportagens e artigos como o de João Carneiro que abordava os vários assassinatos de homossexuais ocorridos em Recife (Edição 25, junho de 1980) e conclamava a comunidade homossexual à se rebelar contra a violência homofóbica. O universo da militância envolvendo as minorias estava muito presente nestas edições.

A terceira fase foi a mais jornalística e inovadora começando com a edição que falava sobre a prostituição masculina (Edição 30, novembro de 1980). O jornalista Bernardo Kucinski em seu livro *Jornalistas e Revolucionários nos tempos da imprensa alternativa* disse que *Lampião da Esquina* começou elegante e terminou pornográfico⁷. Nada mais equivocado. Em termos de conteúdo, no final de 1980 o jornal publica sua terceira Edição Extra contendo uma entrevista inédita com Manuel Puig e outra de Jean-Paul Sartre concedida à revista francesa *Gai Pied* reproduzida na íntegra pelo jornal, ambas fazendo reflexões sobre a questão gay. A publicação destas entrevistas indicam que o projeto político do jornal não havia mudado no decorrer dos anos. Em junho de 1981 saía o último número de *Lampião* (edição 37) também trazendo uma entrevista com o ensaísta, romancista e militante homossexual Guy Hocquenghem.

Quanto a publicação de fotos contendo nudez masculina, em alguns números, fazia parte do contexto das matérias e davam vazão a uma estética “camp”, sempre privilegiada pelo *Lampião*.⁸ O nu frontal era a forma do jornal quebrar o tabu de que certas partes do corpo não podiam ser mostradas. Era um discurso contra o falso moralismo e a hipocrisia presentes na da classe média brasileira da época.

Definido o *corpus*, nos sentimos como o herói mitológico Teseu em frente da enorme tarefa de entrar no Labirinto de Creta, matar o Minotauro e salvar a princesa. Como Teseu, também precisávamos ter nosso fio de Ariadne para não acabar morrendo nas mãos do monstro. Afinal, labirintos não têm saída, a menos que encontremos o seu segredo, reconhecemos as suas encruzilhadas e tenhamos o fio que nos conduza por seus trajetos.

⁶ O jornal respondeu um processo judicial por atentado a moral e bons costumes.

⁷ KUCINSKI, 2003: 132

⁸ Sobre Estética Camp ver página 117

Os discursos produzidos pelo *Lampião* nos três anos de sua existência seriam nosso fio, deixamos a voz do jornal em primeiro plano, o que ele disse, pensou e noticiou sobre o universo gay e como também dialogou com as outras minorias e com seus leitores. Para Foucault o discurso pode ser definido da seguinte maneira:

Chamaremos de discursos um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal indefinidamente repetível e cujo aparecimento e utilização poderíamos assimilar (e explicar, se for o caso) na história; é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência. O discurso, assim entendido, não é uma forma ideal e intemporal que teria, além do mais, uma história; o problema não consiste em saber como e porque ele pode emergir e tomar corpo, num determinado ponto do tempo; é, de parte a parte, histórico – fragmento de história; unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade, e não de seu surgimento abrupto em meio às complicitades do tempo.⁹

Os discursos do *Lampião* fluíram como um rio que desembocava sempre numa represa, e as águas ali acumuladas buscavam construir uma identidade gay, tanto individual como coletiva, através da conscientização, visibilidade e troca de experiências. Em suma, o projeto comunicacional do jornal privilegiou o processo de produção e compartilhamento de sentidos entre sujeitos interlocutores, realizado através de uma materialidade simbólica (da produção de textos) e inserido em determinado contexto sobre o qual atua e do qual recebe reflexos.

Não temos conhecimento de um povo que não tenha nomes, idiomas ou culturas em que alguma forma de distinção entre o eu e o outro, nós e eles, não seja estabelecida... O autoconhecimento – invariavelmente uma construção, não importa o quanto possa parecer uma descoberta – nunca está totalmente dissociado da necessidade de ser conhecido, de modos específicos, pelos outros.¹⁰

Como deu para perceber, para nos ajudar nesta empreitada, pois todo herói precisa de muita ajuda, Foucault foi quem primeiro apareceu e o que mais permaneceu, outros também nos ajudaram a compor o nosso trabalho, sempre privilegiando o processo dialógico. Foucault foi um pensador francês da metade do século XX que trabalhou principalmente com os seguintes

⁹ FOUCAULT, 2000: 135-6

¹⁰ CALHOUN, 1994: 9-10

temas: Subjetividade e Identidade, Linguagem e Discurso, O Sujeito, O Poder e A Loucura. Dialogar com o filósofo não é tarefa fácil, embora estimulante, porque antes de qualquer coisa ele quis ser uma inspiração e não uma solução: “quero que minhas contribuições sejam tomadas como ferramentas, como um instrumento, uma tática, um coquetel molotov, fogos de artifício a serem carbonizados depois do uso”¹¹. Assim, para caminhar em suas trilhas é necessário cautela e atenção. Da mesma maneira que o filósofo, gostaríamos que nosso trabalho abra para os leitores outras portas e revele outros caminhos para serem trilhados.

Para entender melhor a obra foucaultiana em nosso estudo, é necessário ter em mente que seu trabalho pode ser dividido em três partes. Esta divisão nem sempre é unânime entre os estudiosos. Escolhemos usar a divisão elaborada pelo filósofo espanhol Miguel Morey, pelo recorte sobre os processos de subjetivação humana:

Quadro 1: Os três Foucault, segundo os critérios ontológico de Morey¹²

Ser-saber	Ser-poder	Ser-consigo
------------------	------------------	--------------------

Como nos tornamos o que somos, como sujeitos ...

de conhecimento	de ação	constituídos pela moral
HL, NC, PC, AS	HL, VP, OD	HL, HS

Títulos das obras de Foucault:

HL – *História da Loucura*

PC – *As palavras e as Coisas*

AS – *A Arqueologia do Saber*

OD – *A Ordem do Discurso*

VP – *Vigiar e Punir*

HSVS – *A Vontade de Saber*

HSUP – *O Uso dos Prazeres*

HSCS – *O cuidado de Si*

NC – *O Nascimento da Clínica*

¹¹ Declaração de Foucault, de 1975, citada por SIMONS, 1995: 93.

¹² VEIGA-NETO, 2007: 41

Na primeira fase – Ser-saber, Foucault faz uma arqueologia dos sistemas de procedimentos ordenados que têm por fim produzir, distribuir, fazer circular e regular enunciados e se ocupa em isolar o nível das práticas discursivas e formular as regras de produção e transformação dessas práticas¹³.

Na segunda fase – Ser-poder, Foucault coloca toda a ênfase na busca do entendimento acerca dos processos pelos quais os indivíduos se tornam sujeitos como resultado de intrincado processo de objetivação que se dá no interior das redes de poderes, que os capturam, dividem, classificam.

Na terceira fase – Ser-consigo, Foucault pretende (o filósofo morreu antes de acabar a proposta) traçar a genealogia da ética ocidental, investigando como se dá a relação de cada um consigo próprio – e no caso, com o próprio sexo ou, talvez melhor, por intermédio do próprio sexo – e, a partir daí, como se constitui e emerge sua subjetividade.

O filósofo coloca que o sujeito é produto, ao mesmo tempo, dos saberes, dos poderes e da ética. Sua obra também não segue um esquema linear, os assuntos e os conceitos se misturam entre os títulos, idas e vindas estão sempre presentes nos textos de Foucault. É como se estes assuntos e conceitos fossem leitores de jornal. Dificilmente um leitor começa sua leitura pela primeira linha e segue até a última, normalmente começamos nossas leituras pelos assuntos que mais nos interessam como esportes, cultura, horóscopo etc. e depois possivelmente vamos para a matéria que mais nos chamou a atenção na capa e desta maneira a leitura vai se fazendo.

Montamos nosso texto pensando em três formas de enxergar o jornal: o que se fala sobre o *Lampião*, o que está entorno do *Lampião* e o que está sob o *Lampião*, dando a primazia da voz ao próprio jornal. Neste momento, começamos a perceber que o número três estava aparecendo bastante em nossa vida. Três eram as fases de Foucault, três são os capítulos de nosso trabalho, três foram as fases do jornal *Lampião da Esquina* e durante três anos o jornal circulou nacionalmente com três edições especiais preparadas por seus editores.

¹³ Para Foucault a palavra prática não pretende significar a atividade de um sujeito, mas designa a existência objetiva e material de certas regras a que o sujeito está submetido desde o momento em que pratica o “discurso”.

A simbologia do número três está presente no imaginário humano. Três são as pontas de um triângulo, três são os estados da água, três são os Reis Magos, no céu temos a presença das Três Marias e no catolicismo encontramos o número três na Santíssima Trindade. Três é o número atômico do Lítio, os três são os poderes: executivo, judiciário, legislativo. Na literatura encontramos Os três Mosqueteiros e Os três Porquinhos. Três é o número chave da democracia e também é o número que identifica um pedido de socorro (três fogueiras acesas). Para os místicos o três é o símbolo sexual masculino (pênis mais testículos) e é também o número que simboliza a união e o equilíbrio.

A união e o equilíbrio foram as palavras que nortearam nossos esforços. Ao fazer nossa pesquisa buscamos contribuir para equilibrar um pouco mais a lacuna de trabalhos acadêmicos que abordam a questão homossexual no Brasil. O próprio *Lampião* nos deu a primeira pista. Na seção *Ensaio* do número 11 de o *Lampião da Esquina* o jornalista Reginaldo Prandi faz uma matéria intitulada *Homossexualismo: duas teses acadêmicas*. Em seu texto o autor tenta traçar um cronograma sumário sobre publicações acadêmicas abordando a questão gay. Reginaldo comenta que provavelmente uma das primeiras publicações acadêmicas abordando esta temática específica tenha sido o artigo publicado na revista *Sociologia* (nº 04, outubro de 1959) da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo com o título *Aspectos sociológicos do homossexualismo em São Paulo* assinado por José Fábio Barbosa da Silva.

Logo em seguida, o autor aponta para o boletim número 13 da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo onde aparece registrado a defesa de uma dissertação de mestrado que teria sido defendida pelo autor do artigo acima citado mantendo também o mesmo título em 1961. A dissertação foi procurada por Reginaldo no intuito de avaliá-la para os leitores de *Lampião*, mas não consta da lista da biblioteca da faculdade de Filosofia.

Em sequência o jornalista do *Lampião* indica a dissertação de mestrado de Carmem Dora Guimarães defendida em 1977 no programa de Pós-graduação em antropologia social do museu da Universidade Federal do Rio de Janeiro com o título *O homossexual visto por entendidos*. O estudo da pesquisadora ficou focado em uma pesquisa de campo feita com 14 homossexuais na cidade do Rio de Janeiro . Reginaldo Prandi abre dentro de seu texto, um espaço onde faz uma resenha criteriosa a respeito do trabalho de Carmem, terminando da seguinte forma:

Mas o mérito de Carmem Dora Guimarães não reside apenas no esforço e disposição para tratar de um tema tão difícil, difuso e praticamente inédito nas ciências sociais no Brasil. Apesar do formalismo que caracteriza as teses acadêmicas, uma bem-vinda publicação do trabalho certamente contribuirá para melhorar o parco conhecimento que todos – homossexuais e heterossexuais – temos da realidade sócio-sexual no Brasil. O trabalho de Carmem Dora Guimarães interessa a todos que acreditam que apesar do obscurantismo preconceituoso em que vivemos metidos o sexo libertado também é fundamental.¹⁴

De 1959 até 2011 foram poucas as pesquisas, na área das humanidades, que abordaram a questão homossexual. Ainda existe um universo bastante amplo para ser explorado, desmitificado e entendido.

Por terem sido as capas o estopim de tudo, a distribuição gráfica de nosso estudo privilegiou a sua visibilidade. Assim, no final de cada capítulo colocamos um conjunto de capas lampiônicas. As capas que primeiro nos impressionam por seus títulos e pela visibilidade, também apontaram os caminhos de pesquisa desta dissertação e a partir delas, passamos então, a analisar matérias selecionadas em função de seus temas. O critério da divisão foi cronológico e não pelas fases do jornal. No final do primeiro capítulo estão as capas do ano 1, no final do segundo capítulo, as capas do ano 2 e no final do terceiro capítulo, as capas do ano 3. Colocamos as três edições especiais no final do capítulo que contém nossas considerações finais, por serem elas de certa maneira indicadoras de que algo terminou. Junto com as capas colocamos os títulos das principais matérias e artigos publicados em cada uma das edições. Escolhemos as seguintes seções pela abrangência e representatividade dentro do periódico: “Opinião”, “Esquina”, “Reportagem”, “Ensaio”, “Entrevista”, “Ativismo”.

Inserimos no início de cada um dos três capítulos, como epígrafe, fotos de Robert Mapplethorpe, contemporâneo ao jornal, em homenagem ao seu trabalho questionador que buscava desafiar padrões estéticos clássicos, da mesma maneira que *Lampião da Esquina*.

O primeiro capítulo intitulado *Onde as semelhanças e as diferenças se encontram* trabalha pontos ligados diretamente ao jornal *Lampião da Esquina*. Primeiramente pesquisamos o universo do jornalismo alternativo, depois mapeamos o aparecimento da imprensa gay brasileira com a utilização do conceito do discurso reverso foucaultiano para abordar sua estrutura. Logo

¹⁴ LAMPIÃO, 1979: 12

em seguida trazemos a história do nascimento do *Lampião* e sua proposta político-ideológica: Conscientização, Visibilidade e Troca de experiências, sendo este o tripé usado pelo periódico tanto para a construção de identidades homoeróticas desmitificadas e afirmativas quanto para as outras minorias. A questão das Identidades finaliza o capítulo.

O segundo capítulo intitulado *Lampião e a Cultura das Mídias* busca relacionar o que está entorno do jornal *Lampião*. Abrimos o capítulo buscando conceituar o que é cultura, hibridismo cultural e cultura Gay. A delicada questão do armário também é focalizada neste momento. Depois entramos no universo das imagens visuais, trazendo para o diálogo o espetáculo das capas lampiônicas analisada através da estética “camp”. Por fim traçamos um panorama da homossexualidade e as Artes.

O terceiro capítulo intitulado *Vozes da diversidade* procura mostrar como o jornal *Lampião* desmitifica o saber médico e o saber religioso e seu posicionamento quanto a educação e outras políticas públicas. Também neste capítulo damos voz aos leitores do jornal quando analisamos a seção “Cartas na Mesa”. Por fim identificamos e comentamos algumas seções intermitentes do jornal.



Figura 1

Capítulo I

ONDE AS SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS SE ENCONTRAM

A história, genealógicamente falando, não tem por fim reencontrar as raízes de nossa identidade, mas, ao contrário, se obstina em dissipá-la; ela não pretende demarcar o território único de onde nós retomaremos; ela pretende fazer aparecer todas as discontinuidades que nos atravessam.

Michel Foucault

1.1 O Jornalismo Alternativo

Entre os anos de 1960 e 1970 surge uma imprensa alternativa¹⁵, conhecida como *nanica*, de leitor, independente, *underground* e *udigrudi* que tinha como fundamento comum a oposição intransigente ao regime militar. Nos primeiros quinze anos de ditadura¹⁶, entre 1964 e 1980, nasceram e morreram cerca de cento e cinquenta periódicos de tamanho tablóide, que circulavam na periferia do sistema editorial. Quase sempre aleijados da verba publicitária, apelavam para posições políticas radicais, à época. Na mesma velocidade que estes jornais surgiam, eles também desapareciam, a média de vida destes periódicos era aproximadamente de apenas seis meses.

Do universo levantado de cerca de 150 jornais, um em cada dois não chegava a completar um ano de existência. Vários ficaram apenas nos primeiros dois ou três números. E foram muitos os que, como *Amanhã*, *Pif-Paf* e *Informação*, exerceram influência decisiva nos campos da política e do jornalismo em apenas meia dúzia de edições. Apenas cerca de 25 jornais, nascidos de articulações mais densas, tiveram vida relativamente longa, de até cinco anos. Mas, apesar da grande variedade de propostas editoriais, soluções estéticas e diversidade temática, regional e ideológica, nenhum

¹⁵ A expressão “imprensa alternativa” teria sido cunhada por Alberto Dimes. O termo “alternativa” contém quatro dos significados que podem explicar esse tipo de imprensa: “o de algo que não está ligado a políticas dominantes; o de uma opção entre duas coisas reciprocamente excludentes; o de única saída, para uma situação difícil e, finalmente, o desejo das gerações dos anos sessentas e setentas de protagonizar as transformações sociais que pregavam.” KUCINSKI, 1991:13

¹⁶ A ditadura militar foi o período da política brasileira em que os militares governaram o país. Esta época vai de 1964 até 1985. Caracterizou-se pela falta de democracia, supressão dos direitos constitucionais, censura, perseguição política e repressão aos que eram contra o regime militar. Em 9 de abril de 1964 os militares tomam o poder e é decretado o Ato Institucional Número 1 (AI-1) cassando mandatos de opositores ao regime militar e tirando a estabilidade dos funcionários públicos. Em 15 de abril de 1964 o general Castello Branco assume a presidência e vai até 1967. Em 1967 assume o general Arthur da Costa e Silva e vai até 1969. De 31/08/1969 – 30/10/1969, tivemos um governo formado por uma junta militar. Em 1969 o general Emílio Garrastazu Médici assume e vai até 1974. Em 1974 assume o general Ernesto Geisel e vai até 1979. Por último, em 1979 assume o general João Batista Figueiredo e vai até 1985.

deles sobreviveu com seus traços originais ao regime autoritário que combateram e sob o qual nasceram.¹⁷

Em contraste com a complacência da grande imprensa para com a ditadura militar, os jornais alternativos cobravam com veemência a restauração da democracia e do respeito aos direitos humanos. Destoavam, assim, do discurso triunfalista do governo ecoado pela grande imprensa.

Havia, essencialmente duas classes de jornais alternativos. Alguns eram predominantemente políticos, baseados, grosso modo, nos ideais de valorização do nacional e do popular dos anos 50 e no marxismo defendido nos meios estudantis dos anos sessenta. Esses periódicos eram, no geral, pedagógicos e dogmáticos.

Os jornais políticos revelaram novos personagens do nosso cenário, como os bóias-frias, protagonizaram em suas páginas os movimentos populares de reivindicações e de protesto e discutiam os temas clássicos das esquerdas, como o do caminho da revolução brasileira e as táticas e estratégias de oposição durante o longo processo de abertura.

A outra classe de jornais foi criada por jornalistas que rejeitavam a primazia do discurso ideológico-militar. Estavam voltados à crítica dos costumes e a ruptura cultural¹⁸. Tendo suas raízes justamente nos movimentos de contracultura norte-americano e, através deles, no orientalismo, no anarquismo e no existencialismo de Jean Paul Sartre. Rejeitavam a primazia do discurso ideológico.

Estes periódicos eram voltados à crítica dos costumes e à ruptura cultural, investiam principalmente contra o autoritarismo na esfera dos costumes e o moralismo hipócrita da classe média. Um bom exemplo deste tipo de jornalismo seria *O Pasquim*. O periódico instituiu o culto da cultura underground norte-americana e, ainda, detonou um movimento próprio de contracultura, transformando as linguagens do jornalismo e da publicidade, e até a linguagem coloquial.

¹⁷ KUCINSKI, 1991: 22

¹⁸ KUCINSKI, 1991: 14-15

O Pasquim mudou hábitos e valores, empolgando jovens e adolescentes nos anos de 1970, em especial nas cidades interioranas que haviam florescido durante o milagre econômico, encapsuladas numa moral provinciana.¹⁹

Assim, podemos dizer que a imprensa alternativa surgiu da articulação de duas forças compulsivas: o desejo das esquerdas de protagonizar as transformações que propunham e a busca, por jornalistas e intelectuais, de espaços alternativos à grande imprensa e à universidade. Desta articulação surgiu um jornalismo de autor, um jornalismo onde se destacava a figura de um líder ou de líderes, ou seja, de alguém ou de um grupo que encabeçasse os ideais norteadores de cada periódico e levasse a cabo a empreitada de colocar o jornal na rua.

Neste processo destacava-se a figura do líder, o jornalista-alma do projeto alternativo. Teria existido *Opinião* sem Raimundo Pereira? *Pif-Paf* sem Millôr Fernandes? *O Pasquim* sem a dupla Ziraldo-Jaguar? Ou *Versus* sem Marcos Faerman? Dificilmente.²⁰

O aparecimento do Offset de impressão a frio aliado a um sistema nacional de distribuição implantado pela Editora Abril em 1970 também ajudou para o nascimento de alguns jornais alternativos no Brasil. Para fazer parte deste sistema os jornais tinham que ser portadores de projetos nacionais que contemplassem uma tiragem a partir de 25 mil exemplares. O processo de distribuição era complicado porque os jornaleiros tinham que pagar adiantado e as distribuidoras se apoderavam de 40% da receita. Todos os jornais alternativos sofriam em maior ou menor grau de um plano administrativo bem estruturado.

A imprensa nanica pode ser vista na função social de criação de um espaço público reflexivo, contra hegemônico. Um espaço público alternativo. Para o sociólogo e filósofo alemão Jürgen Habermas os termos espaço público e esfera pública referem-se à mesma coisa.

A própria “esfera pública” se apresenta como uma esfera: o âmbito do que é setor público contrapõe-se ao privado. Muitas vezes ele aparece simplesmente como a esfera da opinião pública que se contrapõe ao poder público. Conforme o caso, incluem-se entre os órgãos estatais ou então as mídias que, como a imprensa, servem para que o público se comunique²¹.

¹⁹ Ibidem

²⁰ Ibidem

²¹ HABERMAS, 1984: 14

Desta forma o sociólogo aponta para funções fundamentais, relacionadas aos termos de esfera pública e opinião pública: a necessidade de termos um público informado, e a função da imprensa em serviência à comunicação pública. A importância da imprensa na construção da opinião pública dentro do espaço público como também na importância da esfera pública na construção de uma crítica ao poder.

A ditadura fez surgir a imprensa nanica e efetivamente, com a abertura, a grande imprensa não só foi recriando uma nova esfera pública, como o fez apropriando-se de temas até então exclusivos da imprensa alternativa, e reencontrando muitos de seus jornalistas. Opor-se ao governo deixou de ser monopólio da imprensa underground. Além disso, a retomada da atividade política clássica, no âmbito dos partidos e de seus jornais que após a decretação da anistia saíram da clandestinidade, esvaziou a imprensa alternativa de sua função de espaço de realização sócio-política.

Quadro 2: Alguns exemplos dos principais jornais alternativos:

SÃO PAULO	RIO DE JANEIRO	MINAS GERAIS	RIO GRANDE DO SUL
<i>Pif-Paf</i> (1964); <i>Flor do Mal</i> (1971); <i>Opinião</i> (1972); <i>Versus</i> (1975); <i>Ex-</i> (1977); <i>O Trabalho</i> (1979); <i>Hora do Povo</i> (1979); <i>Tribuna da Luta</i> <i>Operária</i> (1980).	<i>Snob</i> (1963); <i>O Pasquim</i> (1969); <i>Movimento</i> (1975); <i>Tribuna da Imprensa</i> (1977); <i>Em Tempo</i> (1977); <i>Beijo</i> (1977); <i>Lampião da Esquina</i> (1978).	<i>Binômio</i> (1952).	<i>Pato Macho</i> (1971); <i>Coojornal</i> (1975); <i>Repórter</i> (1977).

Os jornais alternativos tinham uma linguagem própria, variando do coloquialismo debochado ao tom sóbrio e formal; suas capas abusavam de manchetes ambíguas e curtas, exploravam sempre que possível o universo das imagens (foto montagem, foto artística, foto jornalismo, grafismos, desenhos, caricaturas e principalmente charges). Os humoristas que participavam dos jornais evitavam a caricatura; recorreram muito mais à charge para a qual não faltavam ingredientes essenciais: os tipos e as situações genéricas que o público podia identificar facilmente, generais sobrecarregados de medalhas, agentes truculentos da polícia, os coronéis neurotizados pelo anticomunismo dirigindo Inquéritos militares etc.. Com a arma poderosa da ironia o jornal alternativo penetrava nas contradições entre palavra e ato enfatizando o grotesco das situações. Desde o começo, os jornalistas que faziam estes jornais buscavam através do riso despertar uma reflexão, costume nascido na tradição do teatro grego e que por sua vez foi influenciado pelo pensamento Aristotélico²². As duas capas do jornal Ex (Figuras 17 e 18) mostram esta abordagem irônica/debochada quando colocam em suas capas foto montagens desconstruindo a imagem pública de personalidades importantes. Na primeira capa encontramos Adolf Hitler se bronzeando, totalmente nu, em uma praia tropical paradisíaca e na outra como o então presidente dos Estados Unidos Richard Nixon vestido de presidiário. Outro exemplo são as capas de O Pasquim que deixaram como marca registrada suas charges irônicas (Figura 23).

²² Sobre o assunto ver *Poética* de Aristóteles.

Capas de jornais alternativos de São Paulo:



Figura 02.1

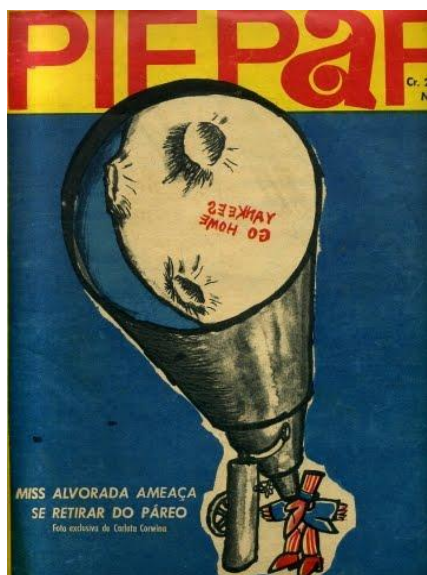


Figura 02.2

Pif-Paf teve duas histórias. Num primeiro momento foi um jornal que circulou na cidade de São Paulo no ano de 1894. (Figura 02.1) A população da cidade começou a reconhecer os políticos por imagens através das ilustrações de Agostini que fazia da sátira e da caricatura uma arma de combate. Num segundo momento aparece em 1964, no início da ditadura militar, com Millôr Fernandes seguindo a mesma proposta. (figura 02.2)

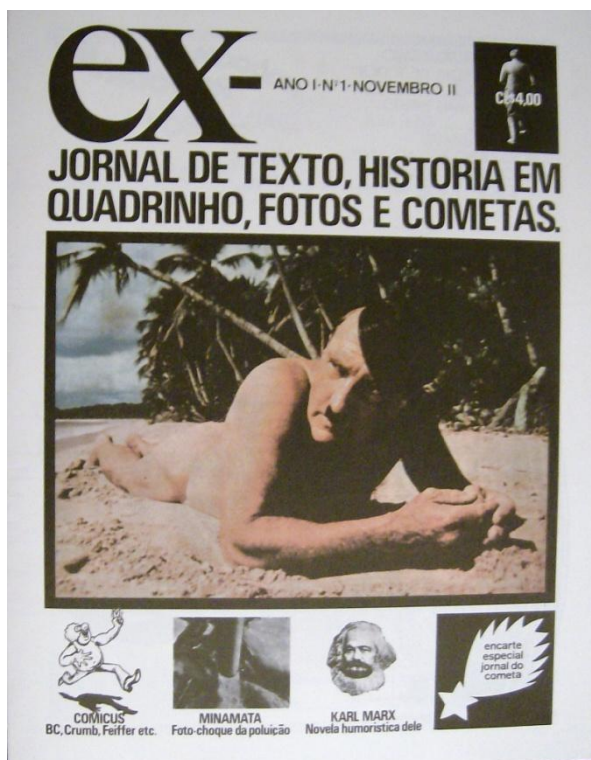


Figura 03 (Foto montagem)



Figura 04

(Foto montagem)

Figura 05



Figura 06



Figura 07

Capas de jornais alternativos do Rio de Janeiro:



Figura 08

(Foto montagem)

Figura 09



Figura 10

Capa de jornal alternativo de Minas Gerais:



Figura 11 (textos Irônicos)

Capa de jornal alternativo do Rio Grande do Sul:



Figura 12

1.2 A Imprensa Gay brasileira

A imprensa gay brasileira só começa de fato em meados da década de cinquenta com algumas publicações artesanais voltadas para o público homossexual. Eram datilografadas, mimeografadas ou xerocadas e distribuídas entre grupos pequenos. No Rio de Janeiro podemos citar: *Le Femme*²³, *Subúrbio à noite*, *Gay Society*, *Gente Gay*, entre outros. Em Niterói: *Le Sophistique*, *Os Felinos*, *O Mito* entre outros. Em Salvador: *Baby*, *Little Darling*, entre outros e São Paulo: *Entender*, *Mundo Gay*, entre outros. Mas se procurarmos por temática homossexual vamos encontrar nas publicações literárias do século XIX os primeiros registros e constatar a sua influência no jornalismo gay dos primeiros tempos.

Uma das afirmações mais provocativas de Foucault foi a de que a homossexualidade moderna é de origem comparativamente recente. Muitos historiadores da homossexualidade traçaram conexões e continuidades entre as identidades e comportamentos homossexuais do século XX e aqueles de períodos anteriores. Foucault, ao contrário, insistia que a categoria de homossexual nasceu em um contexto particular por volta de 1870 e que, como a sexualidade em geral, deveria ser vista como uma categoria de saber construída em vez de uma identidade descoberta.

Foucault não sugeriu que os relacionamentos sexuais entre pessoas do mesmo sexo não existiam antes do século XIX. No período da Renascença, por exemplo, práticas sexuais como sodomia eram condenadas pela Igreja e proibidas por lei, fosse entre homens e homens ou homens e mulheres. Mas a diferença crucial entre a antiga forma de regular práticas sexuais e aquela do final do século XIX reside na pretensão dessa última em identificar o que Foucault chamou “espécie”, um tipo aberrante de ser humano definido por uma sexualidade perversa.

A homossexualidade apareceu como uma das formas de sexualidade quando foi transposta da prática de sodomia para um tipo de androginia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita tinha sido uma aberração temporária; o homossexual era agora uma espécie.²⁴

²³ Anuar Farah editor do jornal *Le Femme* aponta para o fato do deboche contido no nome de seu jornal: “O” mulher. LAMPIÃO, 28: 06.

²⁴ FOUCAULT, 1984: 43

Sendo assim, enquanto homens e mulheres do século XVI talvez fossem levados a confessar que haviam se entregado a práticas sexuais vergonhosas contra a lei de Deus e dos homens, um homem do final do século XIX envolvido em um relacionamento sexual com outro homem seria classificado como “Homossexual”.

Junto com um grupo de outros tipos de sujeito cuja sexualidade era de interesse ou preocupação especial para a ciência médica do século XIX (incluindo mulheres, crianças e as classes trabalhadoras), o “homossexual” tornou-se foco de uma variedade de estudos e estratégias. Essas “tecnologias do sexo” tinham por objetivo preservar e fomentar uma população (ou força de trabalho) produtiva e procriadora que ia ao encontro das necessidades de um sistema capitalista em desenvolvimento. A unidade-chave dessa ordem social era a família burguesa e patriarcal, na qual a futura força de trabalho seria produzida. Isso levou, por exemplo, a um interesse sem paralelos pelo “problema” da masturbação infantil, e a uma proliferação de textos e estratégias para controlar o comportamento sexual das crianças. Dentro desses parâmetros reprodutivos, desejos e práticas homossexuais eram um problema a ser resolvido, aberrações da norma procriadora.

O homossexual era sujeito de, e sujeito a investigação sistemática num vasto leque de campos discursivos, incluindo o discurso literário, a demografia, a educação e o direito, que estavam preocupados em proteger a saúde e a pureza da população. Enquanto o homem ou a mulher que confessasse praticar sodomia no século XVI seria convencido da pecaminosidade desse ato, no caso do homossexual do século XIX, a ênfase não estava nas ações, mas sim na condição “cientificamente” determinada do indivíduo.

O discurso ficcional naturalista deste período refletiu exatamente este pressuposto onde o núcleo familiar burguês oitocentista seria o padrão certo para que a nação fosse civilizada e progredisse – no melhor espírito positivista – cada vez mais tudo que não se adequava a este pensamento familiar burguês deveria ser curado ou eliminado do corpo social. Desse modo, este discurso produzido pela literatura naturalista, que buscava apresentar os males sociais no intuito de corrigi-los, coloca no cerne de suas narrativas as minorias marginalizadas como homossexuais, prostitutas, libertinos, solteiros; enfim, todos aqueles que, duma certa maneira apresentava um risco para a unidade familiar.

O homossexual era visto como alguém totalmente tomado de sexualidade: “Estava presente nele por toda a parte: na raiz de todas as suas ações”²⁵. Os aspectos da construção da homossexualidade no final do século XIX e começo do século XX são óbvios. O fato de que a posição ou identidade de um sujeito sejam construídas não as faz menos reais para o identificado. O homossexual foi patologizado como um tipo perverso ou desviante, um caso de desenvolvimento interrompido, um caso passível de tratamento, em suma, uma aberração à norma heterossexual. Como tal, ele era sujeito aos efeitos disciplinadores, marginalizadores e subordinadores do controle social.

Não há relações de poder sem resistências; essas últimas são mais reais e efetivas porque são formadas bem no ponto onde as relações de poder são exercidas; a resistência ao poder não precisa vir de outro lugar para ser real, nem é inexoravelmente frustrada por ser compatriota do poder...”²⁶

O escritor cearense Adolfo Caminha em seu romance naturalista *O Bom Crioulo* narra a história de Amaro e Aleixo, marinheiros que vivem uma relação homoerótica que termina de forma trágica. A publicação de 1895 foi recebida pela crítica literária e pelo público como um escândalo pela forma explícita que o autor abordou o tema. Caminha, independentemente de sua abordagem naturalista, foi ousado ao trazer para seu texto o sexo inter-racial e a homossexualidade em um ambiente militar.

Outros autores naturalistas antes de Caminha também se voltaram para a temática homossexual, sempre demonstrando que o núcleo familiar patriarcal e heterossexual oitocentista não podia ser corrompido. Em 1888, Raul Pompéia escreveu *O Ateneu* e em 1890, Aluísio Azevedo escreveu *O Cortiço*; textos onde a relação homoerótica fica subentendida e colocada de forma pejorativa.

Azevedo em 1882, oito anos antes da publicação de *O Cortiço*, também escreveu o folhetim *Condessa Vésper* que trazia em sua trama principal a questão do lesbianismo. O perfil trágico da personagem gay Ambrosina indica que se o homossexualismo não fosse curado, levaria não só o indivíduo que sofria de seus males à morte, bem como todos aqueles que o cercavam.

²⁵ Ibidem

²⁶ FOUCAULT, 1980: 142

O escritor português Abel Botelho em 1891 escreveu *O barão de Lavos*, onde o protagonista Sebastião Pires de Castro ao final do romance se vê degradado e falido tudo por causa de sua homossexualidade que é explicada como uma doença, um mau que se dava por meio da hereditariedade.

O patriarcalismo exige heterossexualidade compulsória. A civilização conforme conhecida historicamente, é baseada em tabus e repressão sexual. Segundo Foucault, a sexualidade é construída socialmente. A regulamentação do desejo está subordinada às instituições sociais, canalizando assim a transgressão e organizando a dominação. Quando a epopéia da História é observada pelo lado oculto da experiência, nota-se a existência de uma espiral infinita entre desejo, repressão, sublimação, transgressão e castigo, responsável, em grande parte, pela paixão, realização e fiasco. Esse sistema coerente de dominação, que liga as artérias do Estado à pulsação da libido pela maternidade, paternidade e família, tem seu ponto fraco: a premissa heterossexual.²⁷

É importante o papel desempenhado tanto pela narrativa de ficção quanto do discurso jornalístico, logo em seguida, como resposta ao sujeito de fazer-se ouvir a partir de uma diferença que precisa de outra para se autorizar como singularidade. Como Foucault, vemos estes discursos como organizadores da experiência subjetiva, na medida em que através deles é possível visualizar o funcionamento da sociedade em determinada época. O contato com esses textos nos faz olhar a nós mesmos.

No início do século XX começam a aparecer de forma bastante insipiente na imprensa nacional referências ao universo gay, todas ainda seguindo a tradição deixada pelos escritores naturalistas. Em 1903 a revista *O Malho* publicação satírica do Rio de Janeiro dedicou uma charge e um poema irônico a respeito dos gays chamado *Fresca Theoria*. Em 1914 é publicado na revista *Rio Nu* um conto intitulado *O menino do Gouveia* assinado por Capadócio Maluco um pseudônimo. “Gouveia” no início do século era uma gíria para denominar homens mais velhos que gostavam de garotos. Nos dois casos a imagem do gay continuava estereotipada.

²⁷ CASTELLS, 2008: 238

Abaixo Figuras 13, 14 e 15



O Malho, v. 2, n. 20, jun. 1903, p. 14



Não se pode pensar em jornalismo, literatura e temática homossexual no início do século XX sem se referir a polêmica figura de João do Rio. Nos idos de 1881 Machado de Assis publicava *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e neste mesmo ano nascia, em 03 de agosto, João Paulo Alberto Coelho Barreto (Paulo Barreto) que ficaria conhecido pelo pseudônimo de João do Rio. Atualmente, ambos são sinônimos de inteligência e superação. Machado era mulato, pobre e gago, Barreto era mulato, pobre, gordo e gay.

Como jornalista, ele foi um renovador histórico da imprensa brasileira, fundindo a reportagem e a crônica num novo gênero personalíssimo e então pouco comum, o jornalismo literário. Como cidadão e artista, foi o arquétipo incomparável de sua época sinistra. Barreto era segundo os provincianos da República Velha, um exemplo típico do carioca com todas as suas qualidades e defeitos.²⁸ João do Rio fugiu aos ditames naturalistas, mas também não quis entrar abertamente no terreno da sexualidade. Seus textos literários traziam um clima erótico de grande ambigüidade.

Benedito mudou de casaco e aproveitou a ocasião para mostrar quatro ou cinco sinais de facadas e de balaços pelo corpo seco e musculoso. Depois cuspiu. (...) Um dos machos que dormiam embrulhados em colchas de chita ergueu-se, e saímos os dois sem olhar para trás. Era tempo.²⁹

1.2.1 O discurso Reverso

Depois de João do Rio tivemos uma lacuna de algumas décadas de silêncio e só retornaríamos a ouvir a temática homossexual em alguns jornais alternativos que a adotaram como pauta. A proposta destes jornais era a de trazer para dentro da comunidade homossexual maior conscientização e visibilidade, quebrando desta maneira, alguns dos inúmeros estereótipos criados pelos naturalistas. Essa quebra foi denominada por Foucault de “Discurso Reverso”.

Não há dúvidas de que a aparição, na psiquiatria, jurisprudência e literatura do século XIX, de toda uma série de discursos sobre as espécies e subespécies de homossexualidade, inversão, pederastia e “hermafroditismo psíquico” tornaram possível um forte avanço de controles sociais nesta área de “perversidade”; mas isso também

²⁸ RODRIGUES, 2010: 13

²⁹ RODRIGUES, 2010: 66

tornou possível a formação de um “discurso “reverso”: a homossexualidade começou a falar em seu próprio nome, a exigir que sua legitimidade ou “naturalidade” fossem reconhecidas, muitas vezes no mesmo vocabulário, usando as mesmas categorias pelas quais eram medicamente desqualificadas.³⁰

É possível ver nesse modelo de discurso reverso o germe da política de identidade. Aqueles que são produzidos como sujeitos desviantes, “gays”, podem encontrar uma causa comum, uma voz de dissenso comum que transforma confissão em profissão. O discurso psicanalítico, por exemplo, produziu a categoria de identidade do “invertido” como aberração à norma, mas pode também ter permitido a esse indivíduo questionar sua posição social e política. Ele forneceu um vocabulário e um saber que puderam ser estrategicamente usados por seus sujeitos. Como revelam trabalhos recentes, houve um número de tentativas explícitas de reutilizar o saber e a retórica da inversão e da homossexualidade para apelar pela descriminalização no final do século XIX.

Mas a análise que Foucault faz das “perpétuas espirais de prazer” que foram produzidos nos discursos da sexualidade não pode ser facilmente reduzida a uma oposição binária de discurso versus discurso reverso. O mosaico sexual da sociedade moderna é uma dinâmica na qual a otimização do poder é obtida com e através da multiplicação dos prazeres, não através de sua proibição ou restrição.³¹ É difícil ver o poder, a não ser em termos tradicionais, como uma força negativa agindo sobre os indivíduos ou grupos, mas a análise mais sutil que Foucault faz de seu status como uma relação que simultaneamente polícia e produz, requer que pensemos além de uma lógica política convencional de dominação e resistência.

O jornal *Snob* (1963-1969) editado por Agildo Guimarães³² no Rio de Janeiro foi um marco na imprensa alternativa e na história da imprensa gay.

³⁰ FOUCAULT, 1984: 101

³¹ Ibidem

³² Agildo Guimarães e Anuar Farah também foram os fundadores da Associação brasileira de imprensa gay que funcionou entre 1962 e 1964. Foi fechada pelo regime militar. Em entrevista para o jornal *Lampião* ambos declararam que fundaram a ABIG com todos os jornais gays editados no Brasil. Anuar foi o primeiro presidente, depois foi o Thula Morgani (...) Era a época em que nós nos chamávamos por nomes femininos, porque cada um tinha responsabilidade no seu trabalho, hoje ninguém mais se preocupa com isso, é tudo normal, disse Anuar.(...) A ABIG foi feita para lutar porque nós todos tínhamos um ideal, queríamos mostrar que éramos pessoas normais, que fazíamos o que todas as outras faziam. Normais sempre fomos, sem diferença. *Lampião*, 28: 06.

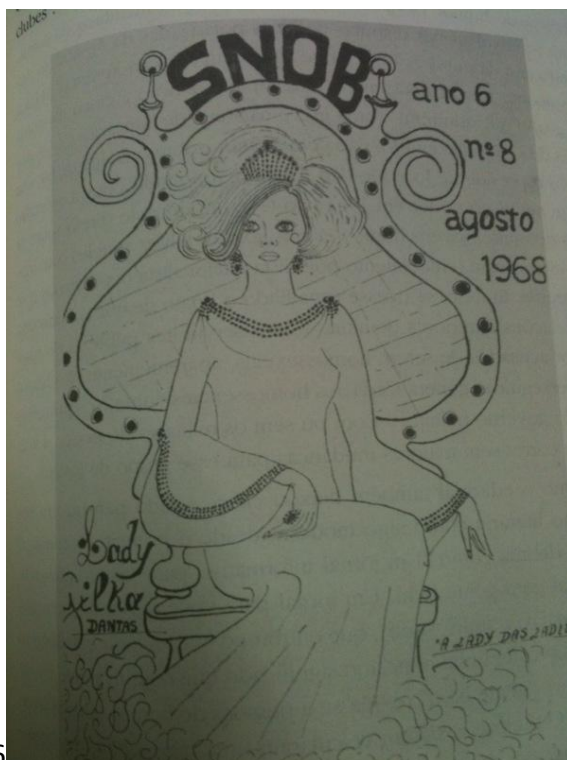


Figura 16 (desenho)

O periódico passou por dois momentos: o primeiro, publicou fofocas, entrevistas com travestis famosos, além de realizar concursos de poesias e contos e no segundo momento, ficou mais politizado. Ao todo foram noventa e nove edições e uma edição retrospectiva, tendo sua circulação interrompida pelo temor da censura moralista do governo militar e de uma possível confusão com um grupo de esquerda.

Depois em 1977 aparece o *Beijo* com seis tiragens apenas . O jornal lançou o primeiro grande ataque contra o preconceito com que a homossexualidade era tratada, principalmente na mídia. Foi uma resposta à concepção de homossexualidade que *O Pasquim*, trouxe em um editorial:

A imprensa 'progressista' não costuma incluir a sexualidade na lista dos dez mais (...). No seu número 436, *O Pasquim* resolveu falar do homossexualismo. Posição liberal: falar de "temas proibidos". *O Pasquim* dá um destaque especial à imprensa gay. Falando dela, o jornal reafirma que não é ela (...) simulando liberar, quando a imprensa progressista tratava da homossexualidade era apenas para lhe indicar rapidamente o seu lugar no meio social³³.

³³ BEIJO, 1977: editorial

Quando o tema versa sobre homossexualidade encontramos o preconceito até onde menos se esperava, no universo das publicações alternativas. O discurso democrático, libertário e sem preconceito deveriam ser as premissas norteadoras de todos os jornais. A imprensa gay formada durante a ditadura militar seguia o pressuposto de Antônio Cândido quando nos diz que a experiência da leitura vai muito além dos limites do texto. Implica na constituição subjetiva do universo dos leitores e, para além destes, dos indivíduos em geral.³⁴

1.3 O *Lampião da Esquina*

A idéia de publicar um jornal que, dentro da chamada imprensa alternativa, desse ênfase aos assuntos que esta considera “não prioritários”, surgiu em novembro de 1977, com a primeira visita que Winston Leyland, editor do *Gay Sunshine* (revista homossexual americana), fez ao Brasil para divulgar seu livro intitulado *Now the Volcano: na anthology of latin american gay literature*. Antologia que contém textos de quatro escritores brasileiros João Silvério Trevisan, Gasparino Damata, Aguinaldo Silva e Darcy Penteadado. Este grupo de escritores costumava se encontrar no apartamento de Darcy Penteadado para ler e discutir seu conteúdo. A partir destes encontros, outros amigos se juntaram ao grupo, somando onze militantes intelectuais que assumiram o que a mesma imprensa alternativa chamaria depois de “compromisso histórico”.³⁵ Assim, foi criado *Lampião* e ficou decidido que os onze idealizadores formariam um Conselho Editorial, encarregado de traçar e manter a linha editorial desta publicação. São estes os onze membros: Adão Costa, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteadado, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernadet, João Antônio Mascarenhas, João Silvério Trevisan e Peter Fry.

Em abril de 1978, aparecia então o número 0 do jornal *Lampião* – fato quase escandaloso para as pudicas esquerda e direita brasileiras, acostumados ao recato, acima de tudo. Com sua redação instalada no Rio de Janeiro, mas mantendo uma equipe editorial também em São Paulo, *Lampião* vinha, bem ou mal, significar uma ruptura: onze homens maduros, alguns muito conhecidos e respeitados intelectualmente, metiam-se num projeto em que os temas tratados eram aqueles considerados “secundários” – tais como sexualidade, discriminação racial, artes, ecologia, machismo – e a linguagem empregada era comumente a mesma linguagem desmunhecada e desabusada do gueto homossexual. Além de publicar roteiros de locais de pegação quei nas principais cidades do país, nele começaram a ser empregadas palavras proibidas ao vocabulário bem-pensante (como viado e

³⁴ CÂNDIDO, 2000: 68

³⁵ LAMPIÃO, nº Zero: 02

bicha), de modo que seu discurso gozava de uma saudável independência e de uma difícil eqüidistância inclusive frente aos diversos grupos de esquerda institucionalizada. Tratava-se de um jornal que desobedecia em várias direções.³⁶

O jornal circulou nacionalmente durante três anos, entre abril de 1978 a junho de 1981 (no caso dos jornais alternativos um triênio de publicações mensais pode ser considerado como um jornal longo), ao todo foram trinta e sete edições com três edições extras, servindo como uma luz na escuridão em que viviam os homossexuais durante o período da ditadura militar, época onde a sociedade civil não podia se reunir em um grupo de mais de duas pessoas, ficando muito difícil criar, por exemplo, uma ONG de defesa dos direitos LGBTs³⁷.

A princípio o jornal foi chamado somente de *Lampião* como mostra a capa do número zero³⁸, mas por um problema de direitos autorais o conselho editorial do periódico foi obrigado a mudá-lo para *Lampião da Esquina*. A palavra Lampião denomina uma lanterna grande cuja luz serve para iluminar o caminho. A própria palavra luz é usada como metáfora para conhecimento e sabedoria. Lampião também é o nome como ficou conhecido o cangaceiro pernambucano Virgulino Ferreira da Silva, personagem que viveu à margem da sociedade no final do século XIX e o início do século XX. Já, Lampião da Esquina pode significar indivíduo vadio, marginal.

Em um momento em que todos os direitos civis passavam pelo crivo militar com decisões indiscutíveis, a chegada do *Lampião* às ruas iluminou um caminho de esperança que mostrava ser possível aos homossexuais terem voz, como já acontecia em outros países. O objetivo era provocar discussão, conscientização e conferir visibilidade a esta parcela da sociedade e que três décadas depois culminaria em cenas como a reunião de aproximadamente três milhões de pessoas na Avenida Paulista durante a Parada do Orgulho LGBT de São Paulo em 2010³⁹.

No mesmo ano em que surgiu *O Lampião da Esquina*, os Estados Unidos viu ser eleito o primeiro homossexual assumido para um cargo público, o ativista Harvey Milk. “Nós todos, uns

³⁶ TREVISAN, 2004: 376

³⁷ A sigla GLS (gays, lésbicas e simpatizantes), foi cunhada pelo jornalista André Fischer, entrou no jargão jornalístico e caiu no gosto popular, talvez por ser mais abrangente que a denominação gay. Com o passar do tempo a sigla sofreu mudanças LGBTs (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e simpatizantes) é apenas uma de suas variantes.

³⁸ Ver figura número 17

³⁹ Número fornecido pela Associação da Parada do Orgulho LGBT.

mais, outros menos, sabíamos o que estava acontecendo lá fora quanto aos movimentos sociais”, lembra o autor de novelas Aguinaldo Silva, em entrevista a revista *Junior*.⁴⁰

Enquanto Milk comemorava lá, a equipe do *Lampião* tinha que manter sua luz sob controle, nem muito forte e, nem muito fraca, para continuar denunciando maus tratos, retratando exílios e formatando um discurso a ser seguido pelas atuais ONGs em favor da cidadania LGBT. A publicação tinha o desafio de alcançar visibilidade ao mesmo tempo que precisava se proteger dos agentes da ditadura militar que usavam o Ministério da Justiça para mover “um processo longo e doloroso” sem sucesso contra o jornal. “Chegamos a ser fichados na Polícia Federal mas no final fomos absolvidos” lembra Silva na entrevista acima citada.

Com reuniões em São Paulo e no Rio de Janeiro todo fim do mês, o grupo discutia bastante, quais seriam os próximos assuntos. “No começo as reuniões eram alternadas mas depois acabou ficando tudo no Rio mesmo porque a maioria da equipe era de lá, e o Aguinaldo centralizava bastante o trabalho”, explica Trevisan.⁴¹ Outro ponto constante de discussão era quanto à forma do jornal. Enquanto uns queriam um perfil mais articulista, outros preferiam-no mais jornalístico, linha que acabou prevalecendo.

Ao mesmo tempo, como qualquer outro jornal, o *Lampião* precisava cumprir prazos para chegar às bancas, o que por muitas vezes provocou atritos entre Aguinaldo e a equipe. “Precisava fechar o jornal e botá-lo nas bancas, e acabava atropelando um pouco as reuniões de pauta. Era considerado ditatorial por isso, mas graças a esse meu feitio durante os três anos de existência o *Lampião* nunca deixou de chegar às bancas no dia certo”, defende-se o autor de novelas que confessa não ser mais militante.⁴²

Como não contava com uma rede oficial de distribuição para chegar às mãos do público, esse trabalho era artesanal e feito com base na força de vontade. Aguinaldo lembra que não contava com a ajuda de ninguém. “Eu, Adão Costa e Fernando Bittencourt, com a colaboração de Antônio Carlos Moreira, fazíamos o jornal e o levávamos para rodar no Jornal do Comércio. Daí

⁴⁰ Revista *Junior*, Ano 2, nº 10: 40

⁴¹ *Ibidem*

⁴² *Ibidem*

ele era enviado para o galpão dos distribuidores, e nós quatro íamos para lá enfiar o jornal pela goela dos jornalheiros adentro”.⁴³

O jornal tinha um formato tablóide, em média com dezesseis páginas e com uma tiragem mensal de vinte e cinco mil exemplares. Era impresso em preto e branco, com as capas em cores. Em seus textos *Lampião da Esquina* misturava denúncia, militância e variedades do mundo gay para dar voz a um movimento que começava a se organizar, mesmo sob prisões, torturas e desaparecimentos.

Nas suas páginas também apareciam matérias com personalidades exiladas denunciando a falta de cidadania, reportagens abordando o contexto sócio-político do país, artigos densos discutindo o papel da mulher, a perseguição aos homossexuais no período nazista, a questão do prazer sexual, a relação da igreja católica com os gays, a questão dos negros etc., por ter uma abordagem eclética procura levar o leitor a uma reflexão sobre ele próprio e da realidade que o cercava.

O *Lampião* com sua linguagem abusada, retirada do universo gay, usada como uma ironia refinada e a busca de interlocução com o leitor promoveram um passeio por múltiplos espaços e/ou identidades, ao mesmo tempo, que procura afirmar a postura do gay enquanto cidadão, não só sexual, mas também político e de atitudes, desafiando posturas há muito estabelecidas.

Assim, novas temáticas emergiram e novos sujeitos sociais começam a ser construídos: o que antes parecia inexistir, começava a ganhar evidência. Dos subterrâneos das cidades, novos personagens vêm à luz e entram em cena; a abertura política abre espaço para que o que era mantido em segredo, passasse a realizar-se no espaço público.

Nesse momento, o movimento homossexual, ganhou destaque, podendo ser discutido abertamente pela primeira vez e marcando o início de uma nova era. Desde então órgãos da grande imprensa começaram a explorar o assunto, dando maior realce aos homossexuais. As edições do final da década de 70 e início da de 80 da revista *Isto É* servem como exemplo deste processo chegando a publicar algumas reportagens dedicadas à homossexualidade, proclamando que estava havendo um “poder homossexual” no meio social. Tal exposição custou aos

⁴³ Ibidem

jornalistas envolvidos um processo, por fazerem apologia malsã do homossexualismo.⁴⁴ É declarado pelo *Lampião da Esquina* que a revista *Isto É* foi a sua madrinha em matéria publicada em sua edição de número 01/1978.

1.3.1 O projeto político de *Lampião*

Em abril de 1978 foi lançado o número zero, edição experimental do jornal *Lampião da Esquina*. Como estratégia inicial de marketing o Conselho Editorial do jornal enviou cinco mil exemplares para endereços aleatórios da cidade de São Paulo e Rio de Janeiro.

A resposta desta empreitada foi bastante positiva porque somente dois dos cinco mil contemplados escreveram de volta reclamando por terem recebido o jornal.

Ilmos. Srs. Estou devolvendo a V. Sas. O número de seu jornal que me foi endereçado e não gostaria de continuar recebendo pelo simples fato de não ter interesse por este gênero de leitura. Obrigado e atentiosamente. Carlos R. S. – Rio de Janeiro⁴⁵

Esta aceitação pode estar ligada ao fato do número zero conter um Editorial bastante claro sobre o projeto político do jornal. Político porque implicava em lutas contra outras perspectivas que interpretava a homossexualidade como sinônimo de obscurantismo e de rejeição de uma sexualidade supostamente natural.

Saindo do Gueto

Brasil, março de 1978. Ventos favoráveis sopram no rumo de uma certa liberalização do quadro nacional em ano eleitoral, a imprensa noticia promessas de um Executivo menos rígido, fala-se na criação de novos partidos, de anistia, uma investigação das alternativas propostas faz até com que se fareje uma 'abertura' do discurso brasileiro.⁴⁶

O ano de 1978 foi especialmente marcante para o Brasil. Ficamos em terceiro lugar na Copa do Mundo realizada na Argentina. Tivemos eleições parlamentares para o Senado Federal, para Deputado Federal e para Deputado Estadual, com uma grande vitória do Movimento

⁴⁴ A revista *Isto É* não disponibiliza seu arquivo para consulta.

⁴⁵ LAMPIÃO, 01: 14

⁴⁶ LAMPIÃO, nº Zero: 02

Democrático Brasileiro (MDB) sobre a Aliança Renovadora Nacional (ARENA). Também foi o ano que terminou o governo do general Ernesto Geisel.

No ano seguinte, 1979, começa o governo do general João Baptista Figueiredo. Em seu governo instituiu-se a Lei da Anistia em 29 de agosto, concedendo o direito de retorno ao Brasil para os políticos, artistas e demais brasileiros exilados e condenados por crimes políticos e também foi neste mesmo ano, em novembro, que foi homologada a Lei Orgânica que restabelece o pluripartidarismo no país. Assim, ARENA passa a ser PDS e o MDB passa a ser PMDB, também é neste ano que o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido Democrático Trabalhista (PDT) foram criados.

(...) Mas um jornal homossexual, para quê? A resposta mais fácil é aquela que nos mostrará empunhando uma bandeira exótica ou 'compreensível', cavando mais fundo as muralhas do gueto, endossando – ao 'assumir' - a posição isolada que a Grande Consciência Homossexual reservou aos que não rezam pela cartilha, e que convém à sua perpetuação e ao seu funcionamento. Nossa resposta, no entanto, é esta, é preciso dizer não ao gueto e, em consequência, sair dele. O que nos interessa é destruir a imagem padrão que se faz do homossexual segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras, que prefere a noite, que encara a sua preferência sexual como uma espécie de maldição que é dado que é dado aos ademanes e que sempre esbarra, em qualquer tentativa de se realizar mais amplamente enquanto ser humano, neste fator capital seu sexo não é aquele que ele desejaria ter.⁴⁷

Sair do gueto parece indicar uma nova entrada na cena pública, ocupando um novo lugar no imaginário coletivo ao questionar a idéia de que o isolamento em lugares de tolerância era fruto de uma preferência intrínseca a uma natureza homossexual e por si mesma obscena, escondida. Desta maneira, os gays ficaram conhecidos como seres da noite. Esta metáfora serve para ilustrar a boa e a má vida – de um lado o demoníaco a verdadeira encarnação da razão perdida na irracionalidade do mal; de outro a mole gentileza do êthos burguês feita de amores e anseios da classe média.

A figura mítica da personagem Drácula criada por Bram Stoker, no final do século XIX, ilustra esta dicotomia. O bem sempre triunfa e Drácula desaparece. É a vitória da ciência, do método, da moderação do saber que passo a passo analisa as fraquezas do monstro e destrói a perversão da vontade. No final do romance os compostos heróis terminam casados e felizes.

⁴⁷ Ibidem

Antes, porém, descem aos infernos mostrando o macabro do sexo, da loucura e da morte. Drácula é paixão selvagem. A morte do vampiro é o desfecho esperado na luta da temperança puritana contra o êxtase.⁴⁸

(...) Para acabar com essa imagem padrão, Lampião não pretende solucionar a opressão nossa de cada dia, nem pressionar válvulas de escape. Apenas lembrará que uma parte estatisticamente definível da população brasileira, por carregar nas costas o estigma da não-reprodutividade numa sociedade petrificada na mitologia hebraico-cristã, deve ser caracterizada como uma minoria oprimida. E uma minoria, é elementar nos dias de hoje, precisa de voz.⁴⁹

Ao contrapor-se às interpretações que desqualificavam as práticas homossexuais associando-as ao obscurantismo, à maldição e à frustração e estigmatizando-as por escaparem à tarefa de perpetuação da espécie, *Lampião* vai, progressivamente, construindo outra perspectiva de tais práticas, entendendo-as como questão de preferência sexual, delineando uma outra imagem da homossexualidade, definindo-se como uma luta minoritária e como parte da condição humana.

Na verdade, toda vez que falamos, refletimos uma ideologia, um sistema de valores que nos procede. Desta maneira podemos entender que o discurso está na ordem das leis e que o poder que lhe é conferido advém da própria instituição. Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder⁵⁰.

(...) A essa minoria, não interessam posições como as dos que, aderindo ao sistema – do qual se tornam apenas ‘bobos da corte’ –, declaram-se por ledoo engano, livres de toda discriminação e com acesso a amplas oportunidades, o que Lampião reivindica em nome dessa minoria é que não apenas se assumir e ser aceito – o que nós queremos é resgatar essa condição que todas as sociedades constituídas em bases machistas lhes negou o fato de que os homossexuais são seres humanos e que, portanto, têm todo o direito de lutar por sua pela realização, enquanto tal.⁵¹

⁴⁸ COSTA, 1994: 179

⁴⁹ LAMPIÃO, nº Zero: 02

⁵⁰ FOUCAULT, 2003: 23.

⁵¹ LAMPIÃO, nº Zero: 02

A voz de *Lampião* faz com que o discurso apresente-se como uma configuração de poder e perigos. Desejado, já que é forte elemento social, dá ao sujeito vez e voz, aparição perante a sociedade, ao mesmo tempo sendo elemento repressor e manipulador, invariavelmente utilizado e produzido por quem detém o poder, coagindo as minorias ou todo aquele que produz uma fala contrária.

Em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.⁵²

Como mantenedor de poder, o discurso também apresenta procedimentos de exclusão: Interdição - a palavra proibida - o reconhecimento de que cada discurso deve ocupar um lugar específico, ou que não se tem o direito de falar de tudo em qualquer circunstância; Separação – a segregação da loucura – para falar de separação, Foucault contrasta razão e loucura. O autor analisa o discurso do louco, aquele cujo discurso não merece ser ouvido, fazendo um levantamento do uso da palavra desde a Idade Média. Esta era reconhecida como o lugar da separação no discurso do louco e sua palavra era considerada ruído, só sendo-lhe dado reconhecimento no teatro.

Nos dias de hoje essa separação em relação ao discurso do louco ocorre de outro modo: através dos aparatos médico e psiquiátrico, o que também se mostra como uma relação de censura para se ouvir este tipo de discurso; Rejeição – a vontade de saber – busca pela verdade que se inicia com Platão e atravessa toda a nossa tradição cultural judaico-cristã-ocidental. Trabalha com a noção de verdadeiro ou falso. O sentido de verdade é hoje considerado arbitrário, em perpétuo deslocamento, sustentado por um sistema de instituições que o impõe e reconduz, às vezes sob opressão e até violência. Essa vontade de verdade assim apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional tende a exercer sobre os outros discursos uma espécie de pressão é como um poder de coerção.⁵³

Esse exercício representa a fala da contradição: essa vontade de verdade está de fato, a serviço do poder. Só aparece aos nossos olhos a verdade que interessa a ideologia dominante.

⁵² FOUCAULT, 2003:09.

⁵³ FOUCAULT, 2003: 18

Assim, só aparece aos nossos olhos uma verdade que seria riqueza, fecundidade, força doce e insidiosamente universal. E ignoramos, em contrapartida, a vontade de verdade como prodigiosa maquinaria destinada a excluir todos aqueles que, ponto por ponto, em nossa história, procuram contornar essa vontade de verdade e recolocá-la em questão contra a verdade, lá justamente onde a verdade assume tarefa de justificar a interdição e definir a loucura.⁵⁴

O discurso passa a ser reconhecido como um ordenador do sistema social. Vale ressaltar que ordenar essa sociedade significa enquadrar, e aqueles que não se enquadram em determinado conceito social, e que não refletem o discurso dominante, tornam-se marginais, não tomando a palavra no sentido de bandido, mas sim daqueles que vivem à margem da sociedade e do discurso/pensamento vigente da maioria da população, sendo portanto execrados ou não reconhecidos enquanto cidadãos. Essa parcela da população passa a perfazer a fala do louco. Seu discurso não merece ser ouvido. É mister deixá-los de lado, esquecidos, ou fazer com que, a qualquer preço, repitam e reflitam o discurso da maioria. A proposta de *Lampião* é lutar contra o discurso da maioria e encontrar assim, sua própria voz.

(...) Para isso, estaremos mensalmente em todas as bancas do País, falando da atualidade e procurando esclarecer sobre a experiência homossexual em todos os campos da sociedade e da criatividade humana. Nós pretendemos, também, ir mais longe, dando voz a todos os grupos injustamente discriminados – dos negros, índios, mulheres, às minorias étnicas do Curdistão: abaixo os guetos e o sistema (disfarçado) de párias. Falando de discriminação, do medo, dos interditos ou do silêncio, vamos também solicitar a fala da sexualidade no que ela tem de positivo e criador, tentar apontá-la para questões que desembocam todas nesta realidade muito concreta, a vida de (possivelmente) milhões de pessoas. Mostrando que o homossexual recusa para si e para as demais minorias a pecha de casta, acima ou abaixo das camadas sociais, que ele não quer viver em guetos, nem erguer bandeiras que o estigmatizem, que ele não é um eleito nem um maldito, e que sua preferência sexual deve ser vista dentro de um contexto psicossocial da humanidade como um dos traços que um caráter pode ter, *Lampião* deixa bem claro o que vai orientar a sua luta, nós nos empenharemos em desmoralizar esse conceito que alguns nos querem impor – que a nossa preferência sexual possa interferir negativamente em nossa situação dentro do mundo que vivemos.⁵⁵

Escrever, produzindo mensalmente um jornal como *Lampião da Esquina* era, portanto, um modo de reverter as correlações de forças e mudar as regras do jogo de poder e de verdade. Ao

⁵⁴ FOUCAULT, 2003: 20

⁵⁵ LAMPIÃO, nº Zero: 02

procurar “esclarecer sobre a experiência homossexual em todos os campos da sociedade e da criatividade humana” e ultrapassando as fronteiras da vida noturna do gueto, “*Lampião* deixa bem claro o que vai orientar sua luta: nós nos empenhamos em desmoralizar esse conceito que alguns querem nos impor – que nossa preferência sexual possa interferir negativamente em nossa atuação dentro do mundo em que vivemos”⁵⁶.

1.4 Identidades impressas

Para Stuart Hall, teórico jamaicano, que se debruçou principalmente nos estudos sobre cultura e meios de comunicação, a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade. O sujeito tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais exteriores e as identidades que esses mundos oferecem.⁵⁷

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que nos projetamos a nós próprios nessas identidades culturais, ao mesmo tempo, que internalizamos seus significados e valores, tornando-os parte de nós, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural.

Assim, é necessário estabelecer a distinção entre Identidade e Papel Social. Os papéis sociais são definidos por normas estruturadas pelas instituições e organizações da sociedade. A importância relativa desses papéis no ato de influenciar o comportamento das pessoas depende de negociações e acordos entre indivíduos e essas instituições e organizações.

O monólogo que o personagem gay George, um professor de literatura nos anos sessenta, interpretado pelo ator inglês Colin Firth, faz enquanto se barbeia diante do espelho, no filme *Direito de amar*, ilustra bem o que seria papel social: “Levo tempo para me tornar George pela manhã, tempo para me adaptar ao que se espera de George (...) e a como ele deve se portar, sei bem o papel que devo desempenhar.”⁵⁸

⁵⁶ Ibidem

⁵⁷ HALL, 2006: 12

⁵⁸ *A sigle man* direção de Tom Ford. Estados Unidos, 2009.

Identidades, por sua vez, constituem fontes de significado para os próprios indivíduos, por eles originadas e construídas por um processo de individuação. As identidades também são formadas a partir de instituições dominantes, e somente assumem tal condição quando e se os atores sociais as internalizam, construindo seu significado com base nessa internalização.⁵⁹

As identidades são fontes mais importantes de significado do que papéis, por causa do processo de autoconstrução e individuação que envolvem. Em termos mais genéricos, pode-se dizer que identidades organizam significados, enquanto papéis organizam funções⁶⁰. Pode-se entender identidade como o processo de construção de significado com base no atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado. Para um determinado indivíduo ou ainda um sujeito coletivo, pode haver identidades múltiplas. No entanto, essa pluralidade é fonte de tensão e contradição tanto na auto-representação quanto na ação social.

Não temos conhecimento de um povo que não tenha nomes, idiomas ou culturas em que alguma forma de distinção entre o eu e o outro, nós e eles, não seja estabelecida...O autoconhecimento – invariavelmente uma construção, não importa o quanto possa parecer uma descoberta – nunca está totalmente dissociado da necessidade de ser conhecido, de modos específicos, pelos outros.⁶¹

Do ponto de vista sociológico toda e qualquer identidade é construída. A principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de quê, por quem, e para quê isso acontece. A construção de identidades, vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Todos estes materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espaço.

O sociólogo espanhol Manuel Castells aponta a hipótese de que, em linhas gerais, quem constrói a identidade coletiva, e para quê essa identidade é construída, são em grande medida,

⁵⁹ CASTELLS, 2008: 23

⁶⁰ Definimos “significado” como a identificação simbólica, por parte de um indivíduo social, da finalidade da ação praticada por tal indivíduo.

⁶¹ CALHOUN, páginas 9-10

determinados pelos conteúdos simbólicos que envolvem os indivíduos. Esta significação simbólica, tanto pode incluir, quando há identificação, quanto pode excluir, quando há falta dela. A construção social da identidade sempre ocorre em um contexto marcado pelas relações de poder⁶².

Uma vez que a construção social da identidade sempre ocorre em um contexto marcado pelas relações de poder, Castells propõe três formas para construí-las, sendo que suas forças não funcionam independentemente, elas fruem entre si tanto concomitantemente quanto mudando de uma forma para outra.⁶³

Identidade legitimadora: introduzida pelas instituições dominantes da sociedade no intuito de expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais. Foucault ou Sennett e, antes deles, Horkheimer ou Marcuse, vêem dominação internalizada e legitimação de uma identidade imposta, padronizada e não-diferenciada.⁶⁴

Identidade de resistência: criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a estes últimos.⁶⁵

Identidade de projeto: quando os atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social. Esse é o caso, por exemplo, do feminismo que abandona as trincheiras de resistência da identidade e dos direitos da mulher para fazer frente ao patriarcalismo, à família patriarcal e, assim, a toda a estrutura de produção, reprodução, sexualidade e personalidade sobre a qual as sociedades historicamente se estabelecem.

Pelo projeto político de *Lampião da Esquina* que contemplava a conscientização: “ (...) estaremos mensalmente em todas as bancas do país, falando da atualidade e procurando esclarecer sobre a experiência homossexual em todos os campos da sociedade e da criatividade

⁶² CASTELLS, 2008: 24

⁶³ Ibidem

⁶⁴ Ibidem

⁶⁵ Ibidem

humana.”, a visibilidade: “ (...) mostrando que o homossexual recusa para si e para as demais minorias a pecha de casta (...) que ele não quer viver em guetos, nem erguer bandeiras que o estigmatizem, que ele não é um eleito e nem um maldito, e que sua preferência sexual deve ser vista dentro de um contexto psicossocial da humanidade com um dos traços que um caráter pode ter.” e a troca de experiências: “(...) dando voz a todos os grupos injustamente discriminados – dos negros, índios, mulheres, ...”. podemos verificar que o jornal se propôs a trabalhar com as três formas constitutivas de identidades paralelamente.

1.4.1 Consumo Gay

Ao pensarmos a perspectiva cultural da identidade é necessário refletir também numa importante dimensão de produção de significados do mundo social: o consumo, pois este também pode ser visto como um a forma classificatória de se identificar e construir as identidades e diferenças.

O sociólogo francês Pierre Bourdieu elaborou uma forma de pensar as configurações sociais de uma maneira ao mesmo tempo sistêmica e transformadora. Ou seja, interessava-se em saber como a sociedade “funciona”, mas também o que a faz mudar. Nesse sentido, criou uma teoria que ia além das questões econômicas do marxismo, mostrando que há outros capitais que não apenas o financeiro – o cultural e o social por exemplo. E também que há uma constituição da esfera social em “campos” relativamente autônomos de atuação.

Bourdieu também aponta para a utilização do consumo como meio para demarcação da diferença, no que diz respeito a escolhas estéticas que as pessoas fazem, que são na verdade uma forma de distinção social. É importante lembrar que, para o autor, todo campo de forças gera disputas, onde os indivíduos competem para obter determinados capitais, seja para mudarem de posição nesse campo, seja para permanecerem nele. Zygmunt Bauman, pensador polonês, afirma que vivemos atualmente numa sociedade em que as relações sociais circulam em torno dos indivíduos em busca da definição de suas identidades e que o consumo é uma das formas destes de se definirem e de se identificarem.⁶⁶

Para Bauman, as identidades podem ser construídas pelo próprio consumidor através de elementos diferenciados que culminarão em um caráter exclusivo. Produzem resultados

⁶⁶ BAUMAN, 2005: 25

diferentes uns dos outros e que são assim personalizados, feitos sob medida, melhor atendendo às exigências da individualidade.⁶⁷ Esses elementos muitas vezes são disponibilizados pelo mercado reunidos em uma espécie de kit. É o que Bauman chama de identikits, kits de identidade. Isso facilita a construção da identidade individual, posto que, o indivíduo pode adquirir um desses kits que contém uma personalidade única e, que também é importante e validada socialmente.

O grande sucesso dos identikits é justificado pela certeza de sua aceitação social e pela presença de um especialista na sua elaboração. Essa é a fórmula de muitos anúncios comerciais. Uma autoridade discorre sobre a eficácia do produto e algumas pessoas dão depoimentos sobre sua satisfação com seus supostos efeitos. Falam sobre como o produto mudou radicalmente suas vidas, que se transformaram em novas pessoas e que agora são mais realizadas e felizes.

A propaganda tenta criar uma associação entre os produtos oferecidos e certas características socialmente desejáveis e significativas, a fim de produzir a impressão de que é possível vir a ser certo tipo de pessoa comprando um determinado produto (...). Numa cultura pós-moderna da imagem, os indivíduos haurem realmente a sua identidade dessas figuras; portanto a propaganda torna-se um mecanismo importante e geralmente negligenciado de sociabilização (...). [a propaganda] apresenta uma imagem utópica de novidade, sedução, sucesso e prestígio mediante a compra de certos bens. Oferece magicamente uma auto-transformação e uma nova identidade, associando as mudanças de comportamento, modo de vestir e aparência do consumidor com uma metamorfose em uma nova pessoa. Por conseguinte, os indivíduos aprendem a identificar-se com valores, modelos e comportamentos sociais através da propaganda.⁶⁸

Na edição número 02 de *Lampião* aparece uma matéria intitulada *Paraíso de consumo guei* onde o jornal elabora uma resenha crítica sobre a revista americana *Blueboy* voltada para o público gay, com aproximadamente 250 mil leitores.

Há anúncios vendendo o estilo de vida guei, a moda guei, a literatura guei, o perfume guei, as excursões gueis, o seguro de vida guei, a mobília guei, o relógio, o corte de cabelo, a massagem, as jóias, tudo guei. E ainda os métodos milagrosos para a cura da impotência, o crescimento do pênis, lições de halterofilismo a domicílio etc. Tudo prático, é só pagar.⁶⁹

⁶⁷ BAUMAN, 2008: 216

⁶⁸ KELNNER, 2001: 318-322

⁶⁹ LAMPIÃO, 1978: 04

Já em outra matéria na mesma edição número 02, *Um produto novo na praça*, João Silvério Trevisan define a postura de *Lampião* para o consumo gay. “O Lampião pretende desvendá-lo criticamente e apontar várias formas de discriminação que o envolvem, um dos quais é exatamente a transformação da bicha em produto de moda, vendido como mero homossexualis, simples objeto do sexo.”⁷⁰

Neste universo o consumidor gay é ao mesmo tempo discriminado pela sociedade e alvo de diversos empreendimentos de empresários que descobriram neste público um possível nicho de mercado, que merece atenção pela idéia de ser um público extremamente consumista . Isto porque os homossexuais são vistos pelo mercado como pessoas que não têm preocupação em edificar patrimônio, pois quase não têm herdeiros e, não os tendo, não despendem gastos elevados com a aquisição de patrimônio. São vistos ainda como pessoas vaidosas e que não titubeiam em gastar recursos com itens que lhes venham a trazer alguma forma de prazer ou de satisfação, mas essas mesmas iniciativas, quase sem explicação, foram simplesmente por água abaixo. O dinheiro que os homossexuais detêm e que o mercado pretende atrair é conhecido como pink money.

Em 2008, uma pesquisa realizada a pedido de cinco empresas, entre elas, nacionais e multinacionais, pela InSearch, empresa de tendências e estudos de mercado, traçou um perfil do consumidor gay brasileiro,⁷¹ chegando a conclusão de que ainda não temos no Brasil um mercado gay. Temos um público gay que pode ser potencializado mercadologicamente se for trabalhado de forma segmentado. De qualquer forma este público está crescendo lentamente com a conquista de direitos de cidadania e diversidade. É necessário que os empresários percebam a sutileza da diversidade dentro da diversidade.

O jornalista Júlio Moreno em artigo para a revista *DOM*⁷² concorda com a pesquisa e aponta para o fato de que se os próprios heterossexuais convencionaram o termo diversidade como denominação para classificar os gays, por que no dia-a-dia tratam os homossexuais como se todos fossem iguais, parte de uma tribo com os mesmos interesses? Afinal, é dentro do universo gay que se encontra a diversidade em todas as suas formas de expressão. Em comum

⁷⁰ Ibidem

⁷¹ JUNIOR, nº 06: 23

⁷² DOM, nº 08: 16

entre os homossexuais há apenas o fato de que eles se interessam por pessoas do mesmo sexo. São tantos estilos, interesses e particularidades que, para os não iniciados, realmente não tem como imaginar – e vários grupos e facções poderiam ser nomeados aqui usando cada uma das letras do alfabeto.

A orientação sexual não define a identidade de uma pessoa. Se assim o fosse, todas as mulheres e todos os homens héteros teriam exatamente os mesmos gostos. No entanto, muitas vezes é quase impossível colocar héteros muito distintos em um mesmo ambiente. O mesmo princípio aplica-se aos gays.

Na prática, o que se vê é que todos os gays são tratados como se fosse um grupo homogêneo. E aí se espera dos gays um comportamento padrão como se o fato de terem o mesmo desejo sexual os transformassem em uma tribo.

1.5 Militância Gay: diversidade versus diversidade

No livro *A Dominação Masculina*, o sociólogo francês Pierre Bourdieu fala sobre a questão da cidadania homossexual e indica que nem tudo são flores e que as dificuldades para se avançar no movimento são inúmeras e complexas. O autor destaca para o fato de que a dominação sofrida pelos homossexuais, que são marcados por um estigma que diferente da cor da pele ou do gênero feminino, pode ser disfarçado, é imposta por meio de atos coletivos de categorização que instalam diferenças significantes marcadas negativamente e, dessa forma, cria categorias sociais de grupos estigmatizados.

Em outras palavras, Bourdieu atenta para o fato de que gays e lésbicas são categorias abstratas impostas para uma certa coletividade a fim de criar sujeitos políticos, capazes de reivindicar direitos e garantir inserção social. Sem entrar em questões sobre homens que fazem sexo com homens sem terem identidade gay, O sociólogo percebeu as dificuldades de se generalizar sexualidades específicas. E mais ainda, os problemas que podem decorrer ao transformá-las em instrumento de reivindicações políticas.

Esse debate sobre a transformação de “gays” e “lésbicas” em categorias coletivas leva a outro, sobre qual tipo de reivindicação se faz: se pela igualdade ou se pela diferença. Nesse sentido Bourdieu está dialogando com uma tradição de estudos feministas e sobre o racismo,

mas sem entrar no mérito da questão, ele apenas alega que ambas têm suas razões e aponta para o fato de que há duas formas de invisibilização da homossexualidade. Uma, histórica, levou ao estabelecimento do padrão heterossexual (termo cuja invenção é posterior ao “homossexual”) como única forma válida de inserção social. Assim, a recusa em se reconhecer publicamente a existência da homossexualidade levou várias pessoas a esconderem seus traços individuais.

A outra invisibilidade refere-se, ao contrário, a um estágio posterior, no qual os direitos dos homossexuais já estariam plenamente reconhecidos e que não haveria necessidade de se marcarem diferenças. E é nesse ponto que Bourdieu apresenta sua mais valiosa contribuição ao debate. Pergunta-se o sociólogo: após alguns anos de reivindicação, por que o movimento homossexual ainda enfrenta várias dificuldades para a garantia dos direitos? A resposta é múltipla mas está, sobretudo, no fato de ainda predominar o machismo no movimento⁷³.

Em 1980 o jornal *Lampião da Esquina* começou a desligar-se do compromisso moral com os grupos organizados, propugnando uma autonomia ampla e manifestando franca hostilidade contra a burocratização que começava a moldar o ativismo gay. Em artigo para o jornal João Silvério Trevisan menciona justamente o perigo de estar usando o homossexualismo como religião que pede uma doutrina e uma fé: “duas portas por onde ingressa no movimento

⁷³ Há um machismo que acompanha o movimento homossexual. E muitas vezes sequer os militantes mais sinceros conseguem percebê-lo. Homossexualidade, diz Bourdieu, é sobretudo uma prática social (já que não está marcada nos corpos, como a cor da pele ou o gênero). Portanto, traz consigo determinantes do passado. “A análise da homossexualidade poderia levar a uma política ou a uma utopia da sexualidade visando uma diferenciação completa entre a relação sexual e a relação política”, afirma Bourdieu para em seguida, lamentar-se que isso não ocorra: “Mas na falta de vontade ou de capacidade para conduzir uma subversão radical das estruturas sociais e cognitivas que teriam de mobilizar todas as vítimas de discriminação baseada no sexo (e, mais genericamente, em todos os estigmatizados), o movimento homossexual elaborou uma das mais trágicas antinomias da dominação simbólica: criou categorias de distinção, ao invés de lutar por uma nova ordem na qual as diferenças sexuais seriam indiferentes”. Para Bourdieu, o movimento é, na mesma linha, marcado por uma “forte tradição machista”. É bom lembrar que na época em que escreveu o texto, 2001, o movimento LGBT francês era composto majoritariamente por gays (90%, segundo ele), realidade parecida se encontrava no Brasil de 1980. Contraditoriamente, os gays levaram para o movimento uma lógica masculina de dominação que emperra o avanço da conquista de direitos: disputas de poder refletem formas internalizadas de machismo, na mesma medida em que reproduz em alguns casais de homossexuais as relações de dominação marido/mulher, com um dos parceiros assumindo o papel de “chefe da casa”. É assim que alguns homossexuais conseguem aceitar-se, inserindo-se em uma lógica na qual o contrato de união civil é o preço a ser pago pela aceitação. “É a invisibilidade visível que os faz serem bons soldados, bons cidadãos e bons cônjuges para garantirem um mínimo de direitos”. BOURDIEU, 1999: 22

homossexual um ideal institucionalizador e vão-se articulando objetivos estratégicos, táticas proselitistas, formas centralizadoras, no melhor estilo de disputa do poder”⁷⁴

Quadro 3: Principais grupos organizados no Brasil no início da década de 1980⁷⁵

“Bando de Cá” Niterói – RJ	“Terceiro Ato” Belo Horizonte – MG
“Gols/ABC” Santo André – SP	“Beijo Livre” Brasília – DF
“GATHO” Pernambuco – PE	“SOMOS” São Paulo e Rio de Janeiro – SP/RJ
“AVÊ” Recife – PE	“COLIGAY” Porto Alegre – RS
“Grupo gay da Bahia” Bahia – BA	“EROS” São Paulo – SP

Já Aristides Nunes também articulista do jornal, entendia que a princípio os grupos organizados procuram agrupar homossexuais de forma a conscientizá-los, não paternalisticamente, da opressão sob a qual vivem e da necessidade de uma luta contra todas as formas de opressão. O jornalista também percebe que o motivo para um esvaziamento dos grupos seria devido a divergências políticas e pessoais internas. Em matéria publicada no número 32 do *Lampião*, Nunes coloca que mesmo no grupo SOMOS no qual militava, os vícios do autoritarismo refletiam na sua estrutura: diretoria, estatuto, disputa pelo poder.⁷⁶

⁷⁴ LAMPIÃO, nº 34: 06

⁷⁵ LAMPIÃO, nº 32: 08

⁷⁶ LAMPIÃO, nº 32: 08

Quadro 4. Tipologia analítica sumária do discurso militante homoerótico presente em *Lampião da Esquina*

TEMA	IDENTIDADE	ADVERSÁRIO	META
Direitos dos Homossexuais (*)	Gays como seres Humanos	Estado patriarcal e/ou Capitalismo patriarcal	Direitos iguais (inclusive o direito de adotar filhos ou não e o direito ao casamento)
Homoerotismo cultural/essencialista (**)	Comunidade gay/ Modo de ser gay	Instituições e valores patriarcais/modo heterossexual de ser	Autonomia cultural/ Liberdade existencial
Homoerotismo Específico (lésbicas, Gays, travestis etc.) (***)	Identidade Autoconstruída	Dominação cultural	Multiculturalismo Destituído de gênero
Homoerotismo Pragmático (operários, Autodefesa da Comunidade etc.) (****)	Gays explorados(as)/ Agredidos(as)	Capitalismo patriarcal	Sobrevivência/dignidade

Títulos das matérias de *Lampião da Esquina*:

(*) Edição número 20 – *No Rio, o encontro nacional do povo guei/*

Edição número 23 - *Povo guei se reúne em São Paulo*

Edição número 31 – *Lampiônicos: ativistas, astronautas?*

(**) Edição número 22 – *Ai que São Paulo Gostoso*

Edição número 27 – *Autonomia ou não, eis a questão*

Edição número 32 – *Afinal, o que é um grupo homossexual*

(***) Edição número 24 – *Isso também é Brasil/Homossexuais a nova força*

(****) Edição número 33 – *Veredas tropicais...mas a violência do sistema pode?*

Edição número 06 – *A caça às bruxas-bichas*

Os procedimentos metodológicos iniciaram-se a partir dos estímulos contidos nas capas. As capas funcionaram como portais para analisarmos determinadas matérias, selecionadas em função de temas que se mostraram recorrentes e pertinentes à construção de uma identidade que queria se afirmar. As vozes das outras minorias que também foram abordadas na publicação não foram especificamente trabalhadas neste estudo, por centrarmos nossos esforços na questão homoafetiva. Assim, a seguir, reproduziremos as capas do primeiro ano de *Lampião da Esquina*, acompanhadas dos títulos das matérias principais. Incluímos, quando necessário, informações a respeito das edições do jornal.



LAMPIÃO

Edição experimental - Número zero

Abril, 1978 - Circulação restrita

Homo eroticus

Um ensaio de

DARCY PENTEADO



Duelo de machões
Nureyev
VS Cássius Clay

QUIVO GERAL DA C

CELSO CURI

processado.
Mas qual é
o crime
deste rapaz?

RIO DE JANEI



Exclusivo
Garcia Lorca
também assume

Uma noite no Cinema Iris

Colaboram
neste
número:

João Silvério
Trevisan
Gasparino
Damata

Francisco
Bittencourt
Clóvis
Marques

Iaponi
Araújo
Adão
Acosta

Aguinaldo
Silva
João Antônio
Mascarenhas

Figura 17

Em suas edições *Lampião da Esquina* manteve seções fixas: “Esquina”, onde eram reunidas notícias; “Reportagem”, onde sempre a matéria de capa estava localizada; “Opinião”, onde apareciam os editoriais; “Ensaio” onde se publicava textos produzidos por convidados ou por alguém do Conselho Editorial; “Entrevista” onde se procurava trazer as opiniões de alguém em evidência na época, foi uma técnica jornalista bastante privilegiada pelo jornal.

O jornal também manteve outras seções como “Cartas na mesa”, “Troca-Troca”, “Bixórdia”, “Festim”, “Bofarada”, “Colírio”, “Tendências”, “Roteiros”, “Nostalgia”, “Verão”, “Literatura”, “Ativismo”, mas sem periodicidade, algumas apareceram somente em poucos números de *Lampião*. A seções “Cartas na Mesa” e “Esquina” foram uma exceção porque aparecem praticamente em todos os números.

No número Zero, *Lampião* publica seu editorial “*Saindo do Gueto*” colocando para seus leitores qual seria seu projeto político. Também aparece o problema pelo qual o jornalista Celso Curi estava passando por ter publicado em sua coluna intitulada “*Coluna do Meio*” no jornal *Última Hora* uma espécie de correio elegante gay. O jornalista foi demitido e respondeu a um

Edição Experimental número Zero - Abril 1978

Opinião – *Saindo do Gueto*

Ensaio – *Eu criei a arte erótico – homossexual no Brasil/Lontras, piranhas, Ratos, veados e gorilas, atenção: vocês também têm direitos (A ONU decidiu)*

Esquina - *A verdade sobre Garcia Lorca/O nosso prazer é melhor?/ Receita para ter um filho/ Qual a nossa imprensa?/Com o tímido Apoio da Anistia/ Lembrando o triângulo rosa/ Mulheres do Mundo inteiro ...*

Reportagem – *Demissão, processo, perseguições. Mas qual é o crime de Celso Cúri? Na defesa, palavras do Ministro Baleeiro/ Um leitor: “Caríssimo amigo, você é meu salvador”/ Cinema Iris: na última sessão, um filme de terror*

processo por ofender a moral e os bons costumes. Aparece também a notícia sobre a peça teatral denominada *El Público* de Garcia Lorca. Tanto nas chamadas de capa quanto nos títulos das matérias o jornal abusa das ambigüidades.



LAMPIÃO

Ano 1 - Nº 1 - 25 de maio a 25 de junho de 1971 - Cr\$ 15,00

da esquina

CINELÂNDIA, ALASKA, SÃO JOÃO

AS RELAÇÕES PERIGOSAS



Este é "Gaúcho," um rapaz de vida fácil. Ele matou um homem a socos e pontapés

1 A Igreja e os homossexuais

2 A peça de Darcy Penteado

3 Poemas de Schmidt e Mário de Andrade

4 A verdade sobre o carnaval baiano



A revolta dos fãs de Rivelino

COMO ENFRENTAR A NOITE CARIOCA

Figura 18

Ao trazer para dentro de suas páginas um texto reflexivo sobre a delicada questão da homossexualidade e a religião intitulado *Confissões de um carmelita descalço* o jornal demonstra seu interesse em desmitificar alguns dogmas católicos que são pejorativos em relação aos gays.

Edição número 01 – maio/junho 1978

Opinião – *Nossas gaiolas comuns*

Reportagem – *Mesmo no carnaval baiano cada macaco*

no seu galho/Os caubóis, seus clientes: todos

querem ser felizes no triângulo da

balação/Discoteca, sauna, clube: um

admirável mundo novo?

Ensaio – *O cinema brasileiro está vindo abaixo? Tudo bem .../*

Confissões de um carmelita descalço

LAMPIÃO
 da esquina

Ano 1 - Nº 2 - 25 de junho a 25 de julho de 1978 - Cr\$ 15,00

SOU TARADO

(LENNIE DALE CONFESSA,
 SOB PROTESTOS GERAIS)




CIDADES DA NOITE:
 BRASÍLIA,
 PORTO ALEGRE,
 NITERÓI

UM
 INÉDITO
 DE HARRY
 LAUS

NO TEATRO
 PAULISTA
 SÓ DÁ
 BONECA

UM VOO RASANTE SOBRE
 O NOSSO "PARAISO RACIAL"

E MUITAS CARTAS QUENTÍSSIMAS

Figura 19

A edição número 02 traz em seu bojo uma artigo assinado por Darcy Penteadado intitulado "Homossexualismo que coisa é essa? Onde o autor discute o saber médico na história da homossexualidade.

Mas o que é normal? Consulto o pequeno dicionário da Língua Portuguesa: Normalidade – qualidade em estado de normal; que é segundo a norma; regra; modelo; preceito; lei. Recorro então ao padre católico, médico e sociólogo francês Marc Craison e no seu livro "La question homossexuelle" encontro: "Mas de que lei falamos? ...Toda cultura é fundada, em efeito, sobre uma certa representação do homem e de seus relacionamentos com o mundo, e aquele que não se assemelhe a esta representação é chamado de anormal. Mas esta "lei cultural" é normativa, o mesmo que dizer imperativa: ela obriga a ser normal para que o indivíduo encontre o seu lugar na cultura em questão.

Aparece também neste número uma entrevista com o idealizador do grupo Dzi Croquettes. Grupo que tentava em sua época fugir de padrões estabelecidos e buscar novas linguagens.

Edição número 02 – junho/julho 1978

Opinião – *Homossexualismo: que coisa é essa?/Assumir-se por quê?*

Ensaio – *Estão querendo convergir. Para onde?*

Esquina – *Algumas histórias de amor/Nossas cidades da noite/No*

Paraíso do consumo guei/Um produto novo na praça

Reportagem – *Lennie Dale chega, assalta a geladeira e abre o verbo:*

_ Eu sou muito tihoso/Movimento no Brasil?

Ele diz que no momento não há clima/

Leyland fala sobre sua atuação política



NORMA BENGELL
solta
o verbo :
- eu
não
quero
morrer
muda




LAMPIÃO

Ano I — Nº 3 — 25 de julho a 25 de agosto de 1978 — Cr\$ 15,00

da esquina

Leitura para maiores de 18 anos

MULHERES NA REDAÇÃO

LÚCIA RITO & ZSU ZSU VIEIRA

MARCELLO MASTROIANNI

& PAUL NEWMAN:

A ARTE DE SER GUEI

- cartas adoidadas
- um poema de genêt
- florianópolis, my love

- ▶ as senhoras do mangue
- ▶ os marginais do cinemão
- ▶ novas histórias de amor

Figura 20

O jornal resgatou do vocabulário machista palavras tidas como pejorativas: bicha, boneca etc. as quais o uso comum deu sempre tom de ofensa, de espírito humilhante. Assim fazendo, o jornal as desmitificaram porque até então estas palavras serviam para mostrar uma separação entre o mundo homo e o mundo hétero.

A pesquisadora Judith Butler aponta para o fato de que dando um novo significado aos termos machistas, ou melhor, deslocando esses termos de seu uso comum, faz desta atitude uma forma de positivar a conhecida estrutura pejorativa de insultar os homossexuais.⁷⁷

Edição número 03 – julho/agosto 1978

Opinião – *A doença infantil do machismo/Do Regina Coeli às coisas da vida?/*

Desafio aos cartunistas

Reportagem – *A difícil arte de ser guei*

Esquina – *Novas histórias de amor/Uma questão de cultura/Os múltiplos talentos de Ivan Lessa/Noticiário esportivo/No Planalto Central piscam novas luzes/As Palavras: para que temê-las?/Não tem sabiá que agüente/Esta zona vai acabar/Norma Benguell: “Eu não quero morrer muda”*

Ensaio - *Udigrudi: os marginais do cinemão brasileiro*

⁷⁷ BUTLER, 2002: 55

 **LAMPIÃO**
 Ano 1 — Nº 4 — 25 de agosto a 25 de setembro de 1978 — Cr\$15,00 • Leitura para maiores de 18 anos **da esquina**

TRAVESTIS!

(Quem atira a primeira pedra?)

CLODOVIL HERNANDEZ





ou: quem
deve dormir
sobre os
nossos lençóis
de linho



CONFISSÕES DE UM OBJETO SEXUAL

■ LEMBRANÇAS DE CARMEM MIRANDA

UMA PASSEATA ■ APRENDA O VERBO: É TRAVOLTEAR CONHEÇA
 EM SAN FRANCISCO: ■ DEU A LOUCA NA EMILINHA CAVAFI,
 240 MIL GUEIS ■ NEGROS PROTESTAM EM SÃO PAULO O POETA GREGO

Figura 21

Edição número 04 – agosto/setembro 1978

Opinião – *Uma questão de objetividade*

Esquina – *Passeata guei reúne 240 mil/Apresentando Patrício Bisso/Não me espreme que eu sangro/*

A praça é dos negros/Em memória da Carmem/Emilinha, deputada de proveta/

Quando as mulheres respondem

Reportagem – *Travestis (quem atira a primeira pedra?)/ “Minorias”, sim, mas é bom não confundir/*

Clodovil Hernandez: Quem deve dormir sobre os nossos lençóis de linho?

Ensaio - *Mulheres o mito do prazer/Confissões de um objeto sexual: A mulher nua do Pasquim*

No número 04 *Lampião* aponta suas forças para as minorias: a questão das mulheres e a dos negros. Também mostra que está sempre dialogando com outras publicações, neste caso com o *Pasquim*. A relação de *Lampião da Esquina* com o *Pasquim* sempre foi crítica. Na matéria publicada na edição 14 intitulada *Ao Pasquim com carinho*, *Lampião* reconhece o valor que o periódico do Ziraldo e do Jaguar teve no universo das publicações alternativas.

 **LAMPIÃO**
 Ano 1 - No. 5 - Outubro de 1978 - Cr\$ 15,00 • Leitura para maiores de 18 anos **da esquina**

CASSANDRA RIOS AINDA RESISTE

Com 36 livros proibidos, ela só pensa em escrever

NORMAN MAILER e o vilão homossexual

Fans de EMILINHA botam pra quebrar

PASOLINI aconselha: desbloquear tabus

Transexualismo: quem está no banco dos réus?

Violação: um estudo dedicado às mulheres

Nós também temos uma coluna social (p. 12)

Figura 22

Edição número 05 – outubro 1978

Opinião – Desbloqueando o tabu

Esquina – Tocaram fogo no Mangue/Seguindo a pista de Kinsey/Transexualismo: um julgamento
moral/Minorias e a política

Ensaio – *O vilão homossexual*

Reportagem – Cassandra Rios ainda resiste/Violação: ato de sexo ou de poder?

Os anúncios publicitários, ou melhor, o espaço vendido para publicidade no jornal foi muito pequeno durante toda a sua existência. Encontramos propaganda de antiquário, de saunas, clubes noturnos, de profissionais liberais (arquitetos, advogados, detetives) , de clínicas para animais e de estética. Todos condizentes com a proposta do periódico. O destaque ficou para o Instituto de Idiomas Yázigi que contra o preconceito resolveu vincular seu nome ao do jornal colocando um anúncio em suas páginas (apareceu somente na edição de número 04). Os anúncios vinham de todas as regiões do país: São Paulo, Curitiba, Rio de Janeiro, Belo Horizonte. Mapeando a abrangência do periódico. O jornal sobrevivia basicamente com a venda direta na banca de jornal.

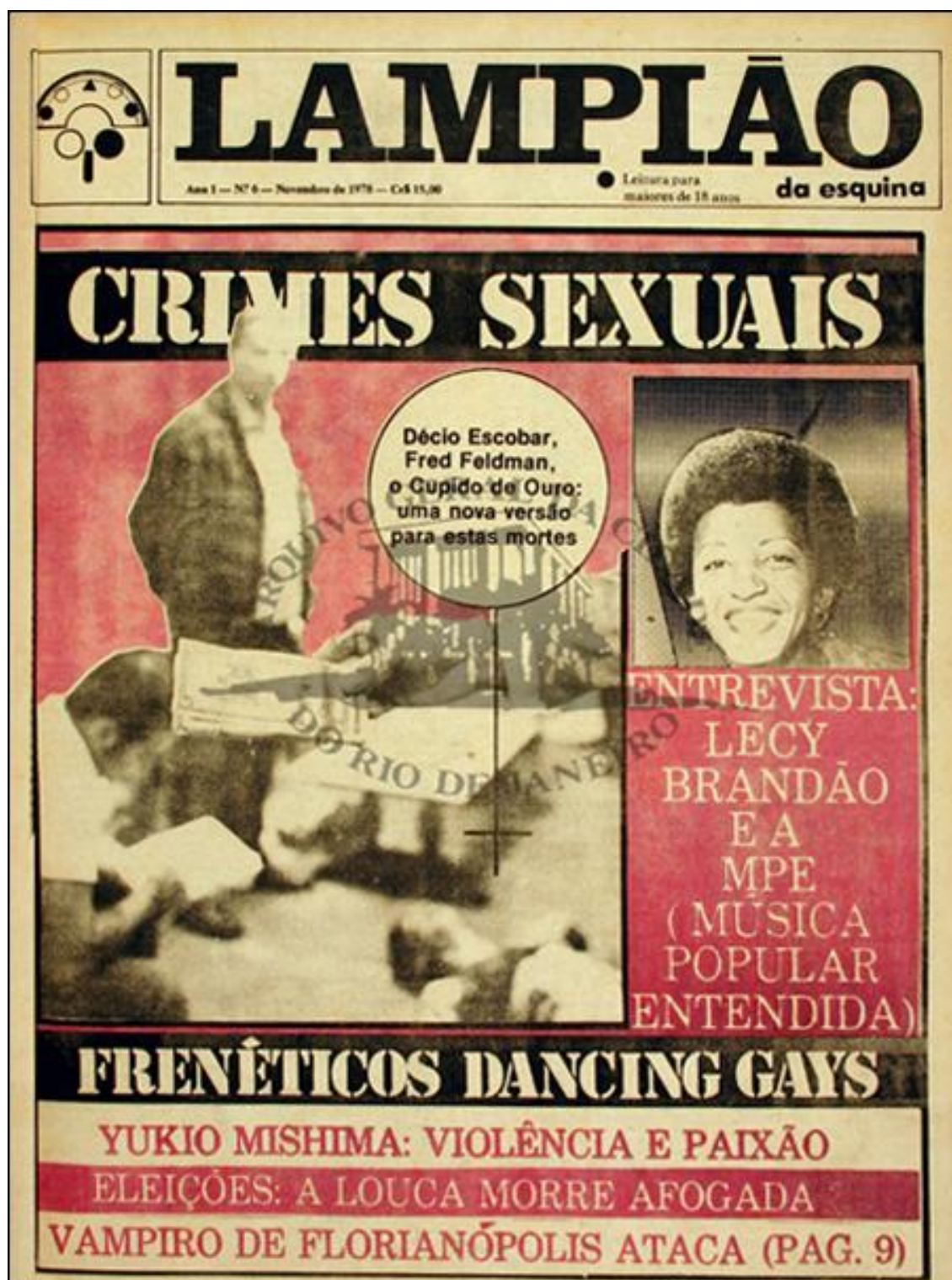


Figura 23

Edição número 06 – novembro 1978

Opinião – *Heterossexualidade perversão ou doença?*

Esquina – *Quem tem medo de Lutzemberger?/E no dia 15, a boneca morre afogada?/Um candidato fala mais alto*

Reportagem – *“Anormal assassinado em Copacabana ...”/No vale do Paraíba, a caça às bruxas-bichas/Nos jornais, um eterno suspeito: o homossexua./ Um casamento banhado em sangue/A música entendida de dona Lecy Brandão*

Ao mesmo tempo em que apresenta reportagens mais sérias e formais, o jornal também apresenta termos de cunho mais popular, perpassando uma imagem séria, mas ao mesmo tempo debochada. O intuito, provavelmente, é mostrar através da linguagem, que o homossexual, embora sempre visto como irreverente, debochado, irresponsável, pode também assumir posturas sérias quando as mesmas se fazem necessárias, ou mais ainda, quando a sua idoneidade está em jogo. Há uma busca de proximidade com o leitor, onde este possa reconhecer o jornal como uma instituição confiável, legítimo e digno de credibilidade. Essa troca é importante inclusive para a manutenção do periódico. É o leitor quem vai comprá-lo, assiná-lo e anunciar nele.

LAMPIÃO
 Ano 1 — No. 7 — Dezembro de 1978 — Cr\$ 15,00
 Leitura para maiores de 18 anos da esquina

**Latinamérica:
 NA TERRA DOS HOMBRES,
 PAULADA NAS BONECAS!**

**as fotos do
 verão carioca**

**A mulher
 aranha
 (cruzes!)**

**Bixórdia no
 Baile dos Enxutos**

**Um artigo de
 LUTZEMBERGER**

**EMILIANO
 QUEIRÓS:
 "É comigo mesmo"**

**Darcy Penteado e Consuelo Leandro:
 um retrato sincero de Dener**



Figura 24

Certos tempos verbais deslocados de seu sentido cronológico habitual são utilizados para expressar ironia explícita ou implícita. Uma marchinha carnavalesca, por exemplo, usa desse expediente com graça e preconceito: “Olha a cabeleira do Zezé, será que ele é, será que ele é? O futuro do presente do verbo “ser”, neste contexto, sugere uma ação hipotética ou eventual, porém esconde a afirmação implícita sobre a orientação sexual do personagem da famosa canção. O enunciador não afirma de forma escancarada, mas busca cumplicidade para que a resposta à pergunta se efetive. O jornal *Lampião da Esquina* em suas chamadas de capa e em alguns títulos de suas matérias usa desta ferramenta para construir ironias.

Edição número 07 – dezembro 1978

Esquina – *Shere Hite: machismo às avessas/O mito bem dotado*

Reportagem - *Quem resistirá a este verão?/Na Argentina é assim: paulada nas*

bonecas!/Um documento do exílio/Chile denúncia da matança/

México: que viva Elmacho

Ensaio – *A demolição da ecosfera/Homossexualismo e ecologia*



Figura 25

Alguns temas são recorrentes na publicação. O cinema novo; A questão do gay no cinema; A questão do índio etc., demonstrando que seu conselho editorial procura manter uma abordagem eclética e abrangente em suas páginas.

Edição número 08 – janeiro 1979

Esquina – *Morte em San Francisco/Acusações em Londres/Keneth Anger: por*

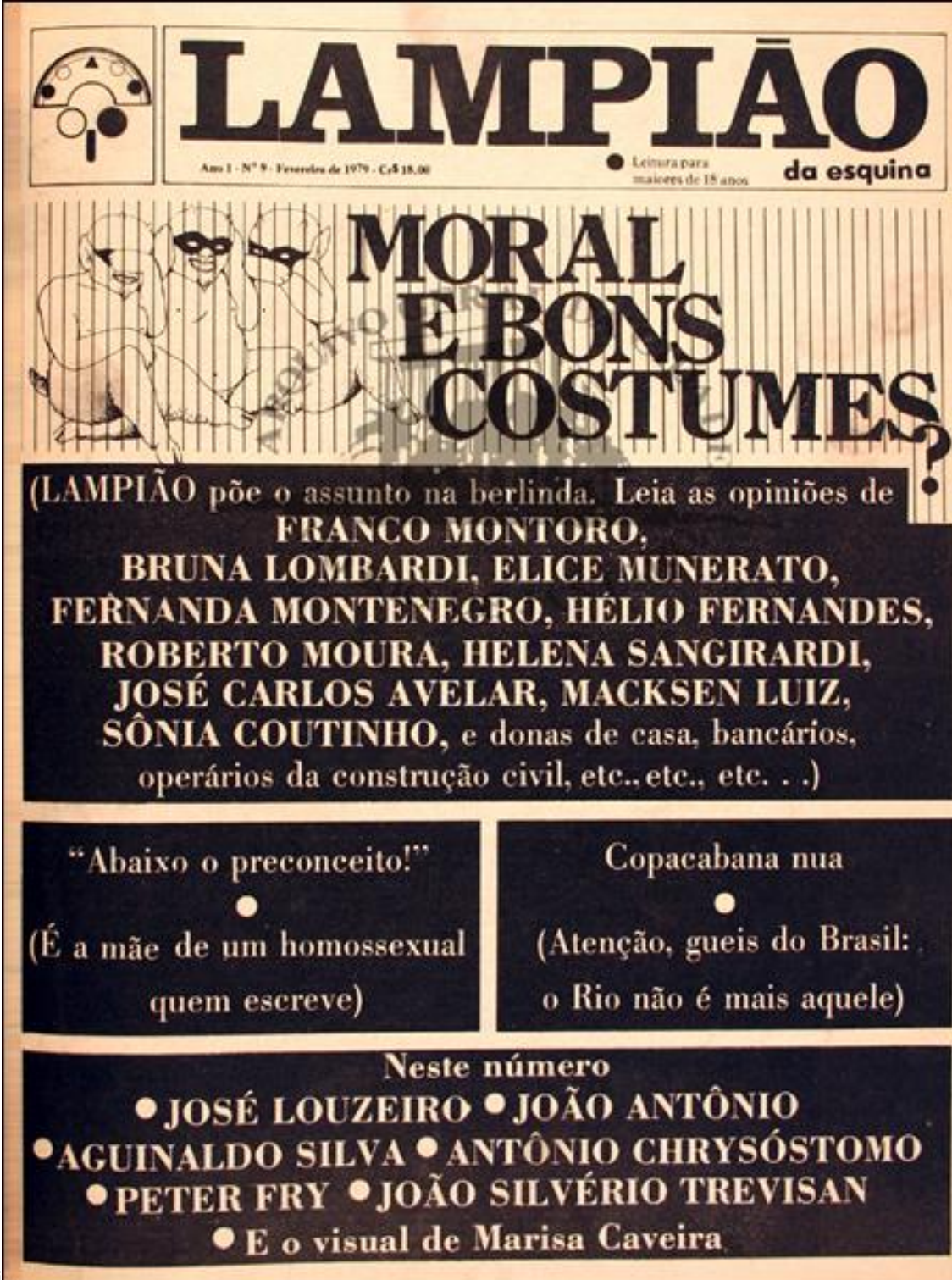
*Um cinema sem barreiras/Louca e muito baratinada/Capitalismo,
Socialismo, argh!*

Reportagem – *Como aprender com os índios/"Terra papagalarum"/Nas raízes*

da tragédia/Na selva peruana/Notícias do amor-mentira/

Repressão: essa ninguém transa/Madureira by night

Ensaio – *Gay-Macho: uma nova tragédia americana?/Bacanal do esbanjamento*



LAMPIÃO

Ano 1 - Nº 9 - Fevereiro de 1979 - Cr\$ 18,00

• Lêsora para maiores de 18 anos

da esquina

MORAL E BONS COSTUMES?

(LAMPIÃO põe o assunto na berlinda. Leia as opiniões de **FRANCO MONTORO, BRUNA LOMBARDI, ELICE MUNERATO, FERNANDA MONTENEGRO, HÉLIO FERNANDES, ROBERTO MOURA, HELENA SANGIRARDI, JOSÉ CARLOS AVELAR, MACKSEN LUIZ, SÔNIA COUTINHO**, e donas de casa, bancários, operários da construção civil, etc., etc., etc. . .)

“Abaixo o preconceito!”
•
(É a mãe de um homossexual quem escreve)

Copacabana nua
•
(Atenção, gueis do Brasil: o Rio não é mais aquele)

Neste número
• **JOSÉ LOUZEIRO** • **JOÃO ANTÔNIO**
• **AGUINALDO SILVA** • **ANTÔNIO CHRYSÓSTOMO**
• **PETER FRY** • **JOÃO SILVÉRIO TREVISAN**
• **E o visual de Marisa Caveira**

Fi

Figura 26

Edição número 09 - fevereiro 1979

Esquina – *Tem piranha na Amazônia/Incêndio na Madrugada/Lord Cornbury?*

uma audaciosa/À procura de um emprego

Reportagem – *Para o Brasil do ano 2000, os “bons costumes” do século XIX/*

Cada época com sua medida/Helena Sangirardi dá a receita certa/

O que pensa a sociedade civil sobre o assunto/Copacabana, a enganadora/

Um escritor fala de seu bairro com amor e ódio/Mas Copa ainda tem seus

cantores

Ensaio – *Reconquista do futuro*

Lampião da Esquina procura não demarcar e acentuar diferenças entre gays, lésbicas, travestis, etc. , adotando um enquadramento de referências comuns por meio do qual a unidade entre esses grupos se torna mais saliente.

 **LAMPIÃO**
 Ano 1 - n.º 10 - Março de 1979 - Cr\$ 18,00
 ● Leitura para maiores de 18 anos **da esquina**

**Minorias exigem em São Paulo:
 FELICIDADE DEVE SER
 AMPLA E IRRESTRITA !
 VERUSHKA
 Vai à luta pelo direito
 de ir e vir** →





**CARNAVAL:
 UMA FESTA QUEI?**

joão do rio: um oscar wilde tupiniquim	a nova galeria alaska		o veneno de carmem miranda	um bonde chamado desejo
--	-----------------------------	---	----------------------------------	-------------------------------

Figura 27

Em seus números o jornal *Lampião* compartilha com seus interlocutores certos fragmentos biográficos e o resultado desta experiência tende a proporcionar uma constante reinvenção de si e das relações que travamos com os outros e, portanto, deve ser interpretada como uma forma de compartilhar, uma possibilidade de diálogo e comunicação. A experiência age, assim, como uma mediação que auxilia os sujeitos a terem acesso a um entendimento produzido sobre si mesmos, sobre os outros e sobre o mundo em que vivem⁷⁸.

Edição número 10 – março 1979

Esquina – *Fernando Moraes apóia Lampião/ Lésbicas vendem mais jornal?/Síndico quer Verushka usando gravata e paletó/Contra a loucura de ocasião/Um bonde chamado prazer/Estrelas mil na galeria Alaska*

Reportagem – *Carnaval, todo mundo sem máscara/Quem é esse povo que está nas ruas?/Djalma Santos: nosso homem em Vila Kennedy/Nictheroy Dancing Gays/Negros, mulheres, homossexuais e índios nos debates da USP/Quem tem medo das minorias/Pioneiros do movimento guei: as questões científicas e teóricas/Mulheres: política deve começar dentro de casa*

⁷⁸ SCOTT, 1993: 85

JAMPIÃO
 Ano 1 — N.º 11 — Abril de 1979 — Cr\$ 18,00 • Leitura para maiores de 18 anos

da esquina

**LESBIANISMO
 MACHISMO
 ABORTO
 DISCRIMINAÇÃO**

**SÃO AS MULHERES
 FAZENDO POLITICA**

Rio de Janeiro *São Paulo*

judes
 homossexuais:
 a 13ª tribo
 de Israel

as bonecas e o
 cinema nacional
 e o aiatolá,
 tem medo de que?

ney matogrosso: LIBERAÇÃO?
 CADA UM TRATE DA SUA

Figura 28

Edição número 11 – abril 1979

Esquina – *Um alerta – um aviso/Panfletos acadêmicos/Justiça inocenta Celso*

Curi/Ninguém segura “Ayatollah”?

Reportagem – *Ney Matogrosso sem bandeira: Liberação? Cada um cuida de sua/*

Contra o mito do sexo frágil, em busca do próprio caminho/Em vez da

Praia discussão/Quando o machismo fica no porão/Mulher negra um

Um retrato/O homossexual e o cinema brasileiro/Homossexuais se

Reúnem em Israel

Ensaio – *Homossexualismo: duas teses acadêmicas*

Uma das características de *Lampião* foi a de dar acompanhamento a suas matérias. Percebemos isto quando encontramos nesta edição a notícia da absolvição de Celso Curi pela justiça. A história do michê conhecido como “Gaúcho” também pode ser exemplo deste acompanhamento jornalístico. A edição número 01 traz a história do suposto assassinato cometido por ele e na edição de número 08, sete meses depois, o jornal abre espaço para que ele possa, já na prisão, se defender.

LAMPPIÃO
 Ano 1 - Nº 12 - Maio de 1979 - C\$ 18,00
 • Leitura para maiores de 18 anos da esquina

Atenção, des-
 peitadas de am-
 bos os sexos:
 este é o nosso
 número **12**

**AMOR
 ENTRE
 MULHERES**

(elas dizem
 onde, quando, como
 e porquê)

As confissões
 de um rabino
 quei

Um padre fala do
 amor de Jônatas
 e Davi

Todo
 mundo
 pro
 banheiro!

Nunca
 houve
 uma mulher
 como Shirley

**MUITA
 BIXORDIA!**

PROCURA-SE

**ELES NÃO SE CHAMAM ATALLA NEM LUTFALLA, MAS
 SÃO SÓCIOS DO LUME NEM DO LUDWIG:**

**PODE
 HAVER
 CRIME
 MAIOR?**

ARCUELO
 CAVALARI
 DE
 DO RIO DE JANEIRO

Figura 29

Duas matérias com forte posicionamento anticlerical, a primeira uma entrevista com um rabino gay e a segunda um texto assinado pelo exegeta Pe. Netto.

O homossexualismo é uma forma de amor. E o amor é uma partícula de Deus, pois "Deus é Amor" (S. João IV: 08) Deus está no amor e o amor está em Deus. Ele é imenso e ninguém pode limitá-lo. Pode estar no relacionamento entre homem-mulher, mulher-mulher, ou homem-homem. Basta que em tais relacionamentos exista a partícula divina que se chama Amor" Pe. Netto (Lampião, nº12: 14)

Edição número 12 – maio 1979

Esquina – *Grupo SOMOS: uma experiência/Todo mundo pro banheiro!/Pavões misteriosos, ou "made in USA"/Vozes no fundo do seringal/Aritana em símbolos*

Reportagem – *Mulheres, nós também estamos aí/Não somos anormais/Então por que tanta repressão?/Só queremos ser entendidas/Mulheres panteras, gorilas, automóveis. E o bicho homem?/As confissões de um rabino guei/Um padre escreve sobre o amor de Jônatas e Davi*



Figura 30

Capítulo II

LAMPIÃO E A CULTURA DAS MÍDIAS

2.1 Comunicação e Cultura

Cultura, em todos os seus sentidos, social, intelectual ou artístico é uma metáfora derivada da palavra latina cultura, que, no seu sentido original significa o ato de cultivar o solo. Desta maneira as definições de cultura podem ser numerosas. Há consenso sobre o fato de que cultura é aprendida, que ela permite a adaptação humana ao seu ambiente natural, que ela é grandemente variável e que se manifesta em instituições, padrões de pensamento e objetos materiais. Um sinônimo de cultura é tradição, o outro é civilização, mas seus usos se diferenciaram ao longo da história.

Um conceito popular de cultura é o de refinamento, implicando a habilidade que alguém possui de manipular certos aspectos da nossa civilização que trazem prestígio. Para o cientista, entretanto, qualquer pessoa culta só é capaz de manipular alguns fragmentos especializados de nossa cultura, compartilhando muito mais do que se pode suspeitar com um fazendeiro, um pedreiro ou qualquer tipo de profissional. A mais rude economia, o rito religioso mais arrebatado, um simples conto popular são todos igualmente partes da cultura.

Frederick Barnard⁷⁹ nos informa que, embora tenha tido sua origem no mundo latino, a palavra cultura só foi se tornar corrente na Europa na segunda metade do século XVIII, quando o termo começou a ser aplicado às sociedades humanas. Aos significados herdados, logo se juntaram tantos outros que, antes da última década do século XVIII, a proliferação dos seus sentidos levou o filósofo alemão J. G. Von Herder a afirmar que nada poderia ser mais indeterminado do que a palavra cultura. Dessa época em diante, os sentidos se estenderam até ao ponto de levar o escritor A. Lawrance Lowell a dizer em 1934, que nada no mundo é mais elusivo do que a cultura. Uma tentativa de abranger seu significado em palavras é como tentar agarrar o ar com as mãos, quando descobrimos que ele está em tudo exceto no que se pode agarrar.

Lucia Santaella define cultura como a parte do ambiente que é feita pelo homem. Implícito nisto está o reconhecimento de que a vida humana é vivida num contexto duplo, o habitat natural e seu ambiente social. A definição também implica que a cultura é mais que um fenômeno biológico. Ela inclui todos os elementos do legado humano maduro que foi adquirido

⁷⁹ BARNARD, 1973: 613

através do seu grupo pela aprendizagem consciente, ou, num nível algo diferente, por processos de condicionamento - técnicas de várias espécies, sociais ou institucionais, crenças, modos padronizados de conduta.⁸⁰

2.1.1 A Cultura Gay

A edição dezoito de 1979 do jornal *Lampião da Esquina* publica em sua seção *Ensaio* um texto assinado por Darcy Penteado intitulado *Cultura Homossexual: já existe?* Onde o autor elabora um ensaio para discutir como o próprio título indica a possibilidade de termos um fenômeno que fosse passível de ser chamado de cultura homossexual. O texto de Darcy começa da seguinte maneira:

De repente um marco no panorama cultural da segunda metade do século XX, as minorias se conscientizaram. Com tal procedimento elas prevêm suas possibilidades de sobrevivência e participação social, enquanto paralelamente inicia-se a partir delas, uma cultura própria, específica e, como não poderia deixar de ser, desvinculada, sempre que necessário, dos moldes tradicionais do sistema.

Percebemos que o autor comunga com a definição de Santaella quando diz que as minorias estão se conscientizando e desta maneira estão construindo uma cultura própria, embora incipiente. O autor continua sua argumentação dizendo que todos os elementos minoritários “incômodos à sociedade bem constituída”, como os negros, mulheres, homossexuais, prostitutas, índios, presidiários, menores marginalizados etc., e a própria natureza, através da ecologia, estão levantando bandeiras, conclamando seus direitos.

A marginalização imposta pelo sistema (e ainda existente) começa porém a preocupar os próprios opressores, cujas estruturas não são tão invulneráveis quanto eles imaginam: dependendo do nível de conscientização, que poderá ser retardado mas não extinto, as minorias irão de repente demonstrar que, juntas, formam um porcentual muitas e muitas vezes mais numeroso que o dominante. E a “minorias” dominante sabe disso, reconhece a sua importância e o seu perigo (para ele) e nesse sentido está bem mais conscientizada que as próprias, as verdadeiras minorias discriminadas. A repressão foi uma das maneiras de contê-las enquanto possível; a outra foi a manutenção da ignorância.

⁸⁰ SANTAELLA, 200: 31

A leitura do trecho acima pode nos remeter à idéia do panoptismo foucaultiano. Ao invés de uma multidão assistir ao que acontece com uns poucos, são uns poucos que assistem ao que acontece com a multidão.⁸¹ Porém, Darcy entende que não interessa as minorias a inversão de papéis, isto é, passar de oprimido a opressor, mas participar de uma sociedade equitativa para a qual elas possam dar a sua contribuição e ter seus direitos reconhecidos. Na sequência o autor desenvolve em seu texto o contexto histórico dando referências mais precisas sobre como o processo de conscientização aconteceu para que o leitor consiga se situar:

Toda cultura decorre, principalmente do “modus vivendi” de cada agrupamento humano. Nesse sentido, podemos dizer que as culturas minoritárias ainda têm muito pela frente. Se, para facilitar definições, tomarmos como ponto de referência da civilização atual o advento da era industrial, veremos que as primeiras feministas começaram a dar guarda-chuvas aos “porcos-chauvinistas” mais ou menos por volta de 1900. A elas portanto a láurea da vanguarda entre as minorias. Os negros norte-americanos (se não me falha a informação) iniciaram os primeiros grupos de conscientização depois da Segunda Guerra. Os homossexuais levantaram as cabeças e organizaram-se há pouco mais de quinze anos. (...) O importante é que já existe uma tomada de consciência das e sobre as minorias.

O texto continua explicando que o primeiro passo da conscientização inicia-se individualmente, quase sempre provocado pela problemática do indivíduo minoritário que posteriormente procura o apoio e o diálogo com os seus semelhantes. É desse diálogo que advém a descoberta dos direitos dos que já então podem ser considerados elementos de um agrupamento social, e naturalmente do próprio convívio coletivo saem os elementos culturais. É preciso que se entendam como elementos culturais todas as manifestações vivenciais dentro do grupo. Darcy classifica a cultura minoritária em três espécies ou etapas.

A primeira, aquela que se faz sobre ela, olhando-a de fora; a segunda, produzida por elemento ainda não conscientizado da minoria; no caso de obra realizada, ela pode ser ou não sobre a minoria, servindo como referência. Exemplos a obra não homossexual de Oscar Wilde. Finalmente a terceira, que é construída por elementos conscientizados, portanto com bases próprias e conhecimento de causa, relegando os moldes convencionais.

⁸¹ Sobre o assunto ver *Vigiar e Punir*. Michel Foucault.

Na segunda parte do texto o autor se preocupa em focar sua análise apenas no que concerne ao universo homossexual. E é nesta do texto parte que Darcy lança sua hipótese mais polêmica ao dizer que só é possível existir uma cultura homossexual quando a mesma for feita por homossexuais assumidos.

Creio ser bastante discutível o valor, para uma minoria, da obra de um elemento a ela pertencente, mesmo que o tema tratado seja o da minoria, mas visto sob o prisma comum e majoritário, sem portanto a conscientização pessoal minoritária. Não sei se me explico bem: o fato, por exemplo, de um escritor ser homossexual não quer dizer que a sua obra constitua objetivamente cultura homossexual ou que contribua para ela. Até pelo contrário o não assumir-se quase sempre resulta numa série de preconceitos mais graves que os dos não minoritários. Entende-se aqui que não entram aqui os valores estéticos de uma obra, mas a ética⁸² do autor, em relação a sua minoria. (...) A vivência minoritária é cultura latente, presente. Assim sendo, tanto contribuirão para uma cultura homossexual o ensaísta conscientizado, o artista que retrate aspectos deste cotidiano, o entendido que não pretenda criar nada mas que viva a sua sexualidade cotidianamente, a bicha louca que dá shows na rua, a sapatona que distribui sopapos, o travesti prostituto que leva porrada dos policiais etc..

Darcy utiliza o termo ética numa perspectiva foucaultiana, ela faz parte da moral, ao lado do comportamento de cada um e dos códigos que preceituam o que é correto fazer e pensar e que atribuem valores (positivos e negativos) a diferentes comportamentos, em termos morais. Esse conceito idiossincrático desloca a noção clássica de ética como “estudo dos juízos morais referentes a conduta humana” (quer em termos sociais, quer em termos absolutos) para ética como modo “como a indivíduo se constitui a si mesmo como sujeito moral de suas próprias ações”⁸³, ou, em outras palavras, a ética como “a relação de si para consigo”⁸⁴.

O ensaísta fecha seu texto dizendo que é preciso considerar que alguns aspectos da homossexualidade são estereótipos determinados pela própria opressão do sistema, e que tendem a desaparecer ou abrandar-se com o afrouxamento dos preceitos morais e com a conscientização. É na argamassa de tudo isto, da misturada ainda informa dessas sexualidades até a bem pouco tempo consideradas anormais, do “basta” que decidimos dar a opressão, do direito de dispormos do nosso próprio corpo, da apologia do prazer como um direito, que está brotando da consciência homossexual. Dela se filtrará uma cultura específica. O importante será

⁸² Grifo nosso

⁸³ FOUCAULT, 1994: 12

⁸⁴ Ibidem

deixá-la desenvolver-se em toda a sua força, não importa se meio desajeitada e sem boas maneiras, que ninguém está interessado em criar moldes ou disciplinar alguém.

Ao argumentar que só poderá existir uma cultura homossexual quando os gays começarem a se conscientizar, o autor quis apontar para o fato da necessidade de conhecer-se a si próprio como ponto de partida para a ebulição de uma cultura própria. O fato de “assumir-se” ou não estaria ligado mais a delicada questão do armário e não exatamente ao estar consciente de si, na realidade, o estar consciente de si pode ajudar quando os gays têm de lidar com o público e o privado e as forças que aí se encontram na construção de suas identidades.

2.1.2 A delicada questão do armário

O armário é uma metáfora-chave quando se tenta falar sobre o universo gay. Sair do armário virou um jargão tão poderoso que nos dias atuais não se consegue mais separá-la do ato de assumir-se homossexual.

O filósofo francês Gaston Bachelard em sua obra *A poética do Espaço* nos mostra a importância de certas metáforas construídas a partir de imagens corriqueiras como a casa e seus cantos, a escrivaninha e suas gavetas, o cofre e seu fundo falso e o armário e suas prateleiras para a elaboração do universo subjetivo humano. Sem esses “objetos” e alguns outros igualmente valorizados, nossa vida íntima não teria um modelo de intimidade. Para o filósofo os objetos são mistos, objetos-sujeitos. Têm como nós, por nós e para nós, uma intimidade.

Assumir-se homossexual seria expor para si mesmo e para o mundo sua homossexualidade, seria revelar um segredo, seria escancarar um espaço que não se abria para qualquer um. No armário vive um centro de ordem que protege toda a “casa” contra uma desordem sem limite. Nele reina a ordem, ou antes, nele a ordem é um reino. Sair dele é deixar-se levar pelo caos é viver fora de um lugar controlado e seguro.

A pesquisadora americana Eve K. Sedgwick acredita que o armário é a estrutura definidora da opressão gay no século XX⁸⁵, mas também lembra que não existe somente um armário e sim, vários armários.

⁸⁵ SEDGWICK, 2007: 26

Mesmo num nível individual, até entre pessoas mais assumidamente gays há pouquíssimos que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômica ou institucionalmente importante para elas. Além disso, a elasticidade mortífera da presunção heterossexista significa que como Wendy em *Peter Pan*, as pessoas encontram novos muros que surgem à volta delas até quando cochilam. Cada encontro com uma nova turma de estudantes, para não falar de um novo chefe, assistente social, gerente de banco, senhorio, médico, constrói novos armários cujas leis características de ótica e física exigem, pelo menos da parte de pessoas gays, novos levantamentos, novos cálculos, novos esquemas e demandas de sigilo ou exposição. Mesmo uma pessoa gay assumida lida diariamente com interlocutores que ela não sabe se sabem ou não. É igualmente difícil adivinhar, no caso de cada interlocutor, se, sabendo, considerariam a informação importante. (...) O armário gay não é uma característica apenas das vidas de pessoas gays. Mas para muitas delas, ainda é a característica fundamental da vida social.⁸⁶

Não deve existir gay, por mais “aberto” que seja, que não tenha um dia ou outro transigido com a questão do armário: por isso é que a “saída do armário” não é um gesto único, unívoco: é, a um só tempo, um ponto de partida e uma espécie de “ideal regulador” que orienta as condutas, mas não pode ser atingido. O filósofo francês Didier Eribon desenvolve uma reflexão seguindo esta linha de pensamento.

A estrutura do armário é tal que ninguém jamais está simplesmente fora ou dentro, mas sempre, ao mesmo tempo, fora e dentro, mais ou menos fora ou mais ou menos dentro conforme os casos e as evoluções pessoais. Ninguém jamais está totalmente dentro, na medida em “o armário” sempre é suscetível de ser um segredo público, e sempre há pelo menos uma pessoa que sabe e de quem se sabe ou se imagina que sabe. Ninguém jamais está totalmente fora, pois sempre é possível, num momento ou noutro, ser obrigado a calar sobre o que é.⁸⁷

Os editores do jornal *Lampião da Esquina* não eram unânimes quanto a questão do “sair do armário” no texto de João Antônio Mascarenhas, publicado no número 02, na seção *Opinião*, intitulado “Assumir-se? Por quê? Encontramos algumas considerações importantes sobre as vantagens e desvantagens do ato de assumir-se. Logo no início, o texto procura explicar o que entendia por “assumir-se”.

⁸⁶ Ibidem: 22

⁸⁷ ERIBON, 2008: 141

Assumir-se, no caso, significa o processo de aceitar com naturalidade a condição de homossexual, sem alardeá-la, mas sem escondê-la.⁸⁸

A atitude assumida não implicava sair dizendo a todo o momento: “sim, sou gay!”. No entanto, pressupunha não negar essa condição. Sabia-se que tal tarefa não era encarada sem dificuldades, mas que adivinha de um trabalho constante sobre a própria sensibilidade.

Isto não se consegue nem rápida nem facilmente, mas, em geral, a duras penas, depois de angústias e frustrações.⁸⁹

Assumir-se, segundo o autor, era ser natural, sem ostentar a própria condição e sem escondê-la, encontrando um equilíbrio entre dizer e o não dizer, o mostrar e o não mostrar, num jogo constante de reticências. Neste ponto notamos que Mascarenhas dialoga com Sedgwick e Eribon, pois todos ajudaram a construir a seguinte imagem: mesmo depois de sair do armário, o gay nunca poderá fechar sua porta. Ele sempre vai precisar, vez ou outra, abri-la.

Então se declarar gay também poderia libertar o indivíduo da obrigação de fingir ser o que não era e da tensão causada pelo medo de ser descoberto. Seria também uma forma de mudar as regras do jogo social que simulava ignorar a homossexualidade alheia como forma de manter os indivíduos sob controle, reconhecendo “seus lugares” sem se manifestar e até agradecidos pelo “bom tratamento”.

Pelo texto o sair do armário seria uma forma de impedir possíveis chantagens vindas de diferentes direções como de parceiros sexuais, repórteres sensacionalistas, colegas de trabalho e outras pessoas do círculo de convivência social e pessoal. Era uma forma de libertar-se da chantagem afetiva de familiares e das chantagens, extorsões, acusações e vexames públicos impingidos por policiais.

Podemos afirmar que assumir-se era, uma maneira de neutralizar as armas do machismo o qual, utilizando-se do pressuposto de “quem parece é”, oprimia e impunha um regime de medo. Era um modo de dar o exemplo a outros gays que, por receio das sanções sociais e por não suportar os estigmas e as injúrias acabavam por suicidar-se.

⁸⁸ Embora pequena a citação, optamos por manter o padrão bloqueado.

⁸⁹ Ibidem

Para Eribon, a injúria não é apenas uma fala que descreve. Ela não se contenta em anunciar o que alguém é. Se uma pessoa xinga outra de “viado nojento” (ou “negro” ou “judeu”), ela não procura comunicar uma informação sobre alguém. Faz apenas saber que tem um domínio sobre ele, que tem um poder. E esse poder é o de ferir. De marcar a consciência com essa ferida ao inscrever a vergonha no mais fundo de sua mente. Essa consciência ferida, envergonhada de si mesma, acaba tornando-se um elemento constitutivo de sua personalidade.⁹⁰

Desta forma o texto tenta demonstrar que o “assumir-se” era um meio de auxiliar os familiares a lidar com os próprios preconceitos e ampliar a aceitação por parte de heterossexuais, diminuindo as injúrias, ao mostrar que gays podiam ser bem sucedidos em vários ramos de atividades de trabalho. Era uma forma de luta política por respeito, contra o sentimento de culpa, a opressão e a violação de direitos humanos.

O assumir-se constitui um ato essencialmente político, através do qual o indivíduo reconhece-se como integrante de um grupo oprimido, primeiro e indispensável passo para lutar contra a opressão. Evidentemente, quem teme defender-se pelo receio de identificar-se, não se encontra preparado para se fazer respeitar.

No entanto, depois de enumerar as várias vantagens do “assumir-se” o texto seguia apontando os principais inconvenientes de tal atitude.

Em várias situações, a fúria punitiva é tal que somente cada um de nós, individualmente, acha-se habilitado a decidir quando e como poderá arcar com as conseqüências de uma ostensiva rejeição dos preceitos dominantes. Apesar de absurdo, o homossexual assumido sujeitar-se ao risco de perder o emprego ou arruinar a carreira profissional e, além disso, de alienar o afeto de crianças que lhes são caras.

Os principais focos de preocupação do assumido estariam relacionados ao campo das relações de trabalho e ao campo das relações afetivas. Contudo, o autor ressalta a importância do emprego e da carreira, mas minimiza a preocupação com a perda dos vínculos afetivos.

Impossível ressaltar a importância dos dois primeiros pontos. O terceiro, porém, parece-me irrelevante. Em meu entender, não merecem nosso apreço as pessoas que condicionam a amizade ao uso que damos à nossa genitália, salvo – é óbvio – as que vão para cama conosco, pois para elas – e só para elas – o desempenho de um papel sexual determinado realmente significa muito.

⁹⁰ Ibidem: 17

Mascarenhas termina o texto dizendo que “assumir-se” passava a implicar em novas regras, rigores e sanções. O indivíduo assumidamente homossexual passou a ser cobrado a agir como tal. Assumir-se era também um modo de transferir para si o peso e a liberdade de ser responsável, sozinho, por sua própria identidade.

2.2 As Imagens Visuais

Desde a Pré-história o homem trabalha com imagens.

Há mais de 40 mil anos foram representados, na gruta de Pech-Merle (França), mãos, cavalos, bisões e animais em movimento. Na gruta de Lascaux, também foram descobertas imagens feitas há 30 mil anos, de animais de perfil, de chifres, de uma vaca no meio de cavalos, de touros, bisões e mamíferos ferozes, junto com renas domésticas. As imagens descobertas em Altamira (Espanha) mostram animais parados em um grande bisão.⁹¹

A explicação desses desenhos se refere à magia propiciatória, isto é, pintando o animal, o homem acreditava dominá-lo, facilitando assim a sua caça. Pintar um bisão correspondia a pintar o bisão, ou seja, todos os bisões, e assim, subjugar-los. Esses homens do período pré-histórico não se preocupavam com detalhes em suas pinturas. Eles desenhavam somente os traços dos animais que permitissem reconhecê-lo. Esta era a força da magia desse desenho: enquanto não detalhado, o animal parecia “abstrato”, isto é, era simplesmente um animal e poderia ser qualquer um.

Com o advento da civilização (a criação do Estado, das leis, das instituições, do regime de produção social), a representação da imagem ficou mais sofisticada. No Egito, a pintura teve uma relação direta com a morte. Faziam-se representações em capelas funerárias e suas paredes possuíam inscrições do livro dos mortos. Em relação ao estilo, reproduziam-se vegetais e animais de forma bastante delicada. As pessoas tinham expressões rígidas e firmes, talvez uma representação séria da morte ou de qualquer passagem para outra vida. Seus tamanhos eram diferentes, conforme a importância social. Tumbas reais eram inteiramente decoradas com afrescos. Os nobres que morriam poderiam portar junto a si na tumba, rolos de papiro com ilustrações sobre a “viagem” que fariam após a morte.

⁹¹ FILHO, 1988: 11

Diferentemente, os povos da região onde se localiza hoje o Irã, representavam, nas paredes dos palácios, figuras que documentavam costumes do povo ou carros de guerra.

A civilização grega inovou a temática das ilustrações, humanizando-as e introduzindo um toque sensual e subjetivo em suas representações: os afrescos naturalistas da ilha de Creta trazem perfis, cores suaves, cabelos esteticamente trabalhados.

Igualmente, quem vai a Pompéia (Itália), espécie de colônia de luxo de classe patricia da Roma antiga, pode testemunhar a riqueza das ilustrações da época com seus finos afrescos, mosaicos e baixos-relevos⁹².

Como se vê, a imagem testemunha de certa forma a mentalidade da época, do lugar e de seus valores. Ela nos leva a um mundo antigo, do qual estamos enormemente distanciados no tempo, e atira nosso imaginário na reflexão de como deve ter sido a vida daquela gente. A imagem parada, como na fotografia, é, na verdade, uma forma de ingressarmos no passado. Somos informados como viviam, dos valores que possuíam, das idéias que defendiam, da maneira como eram esses homens de tempos antigos.

A era eletrônica, na medida em que a televisão foi criada, subtraiu, de certa forma, o privilégio de entrar ou retornar a outros mundos, pois a televisão não dá tempo para explorarmos as imagens e nos determos nela. Já nas fotografias, as imagens estão congeladas e podemos nos deter a elas completamente e examiná-la minuciosamente, observando detalhes, expressões e ambientes.

Este tipo de relação com a imagem parada pode ser chamada de relação intensiva, ou seja, em uma cena parada vasculham-se todos os detalhes, procuram-se minúcias, explorando-a em toda sua densidade. Por esse caminho, a imagem é apenas um meio, uma ponte que faz passar a uma outra realidade. A televisão, ao contrário, desenvolve uma outra relação com a imagem: é a relação extensiva, ou seja, não se tem tempo de parar sobre uma determinada cena, pois elas se movem num ritmo muito rápido; a troca de planos e imagens é ultra-acelerada. Só se pode fixar em detalhes se o realizador do programa quiser que o telespectador os observe.⁹³

⁹² Ibidem

⁹³ Ibidem: 18

Então, percebe-se que, enquanto na fotografia o sujeito escolhe os detalhes que mais o interessam, na televisão eles são escolhidos para as pessoas, e isso acarreta grandes perdas: o direito de escolha e da livre concentração, além de serem impostas cenas que interessam, principalmente, ao realizador do programa e ao patrocinador.

Se pela fotografia podemos imaginar a cena segundo nossos desejos, na televisão a imagem não é mais um meio, pois ela representa a realidade já pronta.

A fotografia foi descoberta em 1831 por Jacques Daguerre, na França. Foi, sem dúvida, a descoberta mais revolucionária que já houve na moderna história da humanidade.

Elas simplesmente decretou o fim da pintura representativa (que havia sobrevivido pelo menos 5 mil anos) e do caráter único da obra de arte. Após a descoberta desse processo não tinha mais sentido pintar retratos, pois a reprodução fotográfica era infinitamente superior à fidedignidade. A pintura para sobreviver, teve que superar a fotografia, apresentando efeitos que, pelo menos, naquela época, eram impossíveis à foto. O impressionismo, o cubismo, o surrealismo, foram reações da pintura contra as conseqüências avassaladoras da fotografia.⁹⁴

Foi a partir daí que a pintura voltou-se para a expressão do fantástico, do irreal, do abstrato, dos sonhos, o que era impossível de ser captado pela câmera fotográfica.⁹⁵

Contudo, a revolução da fotografia conseguiu ir ainda mais longe, já que dela nasceu o filme, e deste chegaríamos às formas modernas de televisão e vídeo. A foto marcou uma divisão fundamental na história da cultura moderna: antes estava nas mãos do homem o dom de perpetuar imagens, pessoas, cenas e fantasias. A partir da fotografia, a técnica toma o lugar do homem e reproduz o natural de forma “objetiva”, isto é, sem os “erros humanos” da pintura, os exageros e as deturpações que o pintor poderia reproduzir na tela.

Mais ainda a fotografia permitia a reprodução infinita de imagens, descortinando a nova era das comunicações. A imagem, então, se populariza, e todos já podem apreciar cópias de grandes telas antes acessíveis apenas aos membros da aristocracia social. A cultura reservada e fechada ganhava, enfim, o espaço público. “Pensou-se que com isso o povo iria “elevar-se

⁹⁴ Ibidem: 19

⁹⁵ Ibidem: 14

culturalmente”. Mal se sabia que este fato antes depreciaria a arte erudita”, vulgarizando-a, do que educaria a massa.

A descoberta da fotografia faz parte de uma transformação mundial de cultura e da comunicação, que se refletiu também na imprensa. Em 1830, os pequenos e irregulares jornais políticos que circulavam em grande quantidade nas grandes capitais européias e nos Estados Unidos foram surpreendidos com a invenção da rotativa. Após poucas décadas, todos os jornais com bom suporte financeiro, adquiriram esses aparelhamentos e começaram a produzir em alta escala, obtendo grandes lucros. O preço da nova tecnologia, era, contudo, muito alto. A saída que as grandes empresas encontraram para conseguir vender mais e pagar os equipamentos foi a transformação dos jornais em grandes periódicos de massa.

Em 1884 surge em Nova York, o jornal World, de Joseph Pulitzer, o primeiro grande jornal sensacionalista do mundo, que se opunha à imprensa “séria”, austera e rígida dos jornais conservadores e liberais.

O jornal foi favorecido por diversas descobertas, a maioria delas na segunda metade do século passado: em 1844 foi emitida a primeira mensagem telegráfica: em 1858, o primeiro telegrama transatlântico, 1867 foi inventada a máquina de escrever, em 1876 realizou-se a primeira conversa telefônica e em 1890 foram criadas as primeiras revistas ilustradas.

A partir de 1850 o mundo mudou radicalmente, pois a inovação técnica tornou possível a revolução total dos instrumentos utilizados como meios de comunicação. Posteriormente, ainda surgiram o disco, o rádio e a indústria cinematográfica. Outras invenções revolucionárias como o carro e o avião também contribuíram com este período.

Em 1895, 64 anos após a descoberta da fotografia, nasceu o primeiro e revolucionário derivado dela _ o filme _ e, depois dele, o cinema. A primeira sessão de cinema, ainda no final daquele ano, trouxe, pela primeira vez na história, a ilusão do movimento: uma grande seqüência de fotografias, tiradas uma após outra, com curtíssimo intervalo de tempo, reproduzidas em tela a partir do negativo e iluminadas por um feixe de luz, dava a impressão, aos assistentes, de que de fato acontecia.

2.2.1 O espetáculo das Capas

Quando se fala sobre jornalismo, tem-se a idéia de que a informação, ou seja, o conteúdo textual das páginas de um jornal é o mais importante. No entanto, não devemos esquecer que a forma, a diagramação, a disposição das palavras e imagens no papel, também são uma forma de comunicação. A linguagem visual de um jornal funciona como a embalagem de um produto informacional, no qual é adotada uma identidade visual na tentativa de se destacar em relação aos outros jornais. A forma se torna a publicidade visual de seu conteúdo, o elemento de sedução do leitor. Ao comprar o jornal o leitor se identifica com o produto. O mundo subjetivo, que constitui a identidade de personalidade individual só pode ser sustentado por meio da troca inter-subjetiva.⁹⁶

Lampião da Esquina tinha em seu projeto gráfico uma ambivalência: internamente era um jornal e externamente outro. O seu corpo interno era publicado em preto e branco com rígidas colunas. Fios grossos acima e abaixo delas sustentavam o texto e uma moldura retangular de cantos arredondados era empregada para diferenciar as seções; mas se tratava de elementos gráficos que apenas sublinhavam o texto. A exceção ficava com as páginas que traziam poesias, todo o resto do jornal mantém-se preso ao diagrama das quatro colunas.

O texto era o que dava a legitimidade da página. O problema que era impresso com corpo de letra pequeno (nove, e em alguns casos, oito) prejudicando a leitura. A composição das páginas lampiônicas obedecia a um design simétrico. Este pudor gráfico pode ser explicado pelo fato de só na época da publicação do número 24 é que o jornal contratou o arte-finalista Antônio Moreira até então não havia nenhum.



Figura 31.1

⁹⁶ BAUMAN, 2008: 212

Sempre em destaque no alto na página, estampado em preto com letras em estilo BOLD em caixa alta, seco e sério, o jornal imprimia seu nome (Lampião, corpo de letra 72 e Esquina com corpo 20). Ao lado esquerdo do nome aparecia seu logotipo⁹⁷ metonímico. A diagramação da capa proporcionava a visão de um contraste. O título e o logo em preto e branco e o resto da capa em cores.



Figura 31.2



Figura 31.3

A associação entre a imagem do cangaceiro Virgulino Ferreira da Silva com o logo do jornal é imediata. O logo sintetiza o cangaceiro pelo chapéu de couro em forma de meia-lua, os óculos e o nariz pronunciado. O chapéu é a metonímia do nordeste, um símbolo de nordestinidade, de macheza. O jornal ao retrabalhar este símbolo que remete a memória social e o reutilizando em outro contexto discursivo está entrando no que Peter Burke conceitua de hibridismo cultural.

As imagens também podem ser híbridas. (...) Em primeiro lugar, há a importância dos estereótipos ou esquemas culturais na estruturação da percepção e na interpretação do mundo. No nível microcômico, o esquema tem uma função semelhante à visão de mundo ou ao estado de coisas característico de uma determinada cultura. Em segundo lugar, há a importância do que poderiam ser chamadas de “afinidades” ou “convergências” entre imagens oriundas de diferentes tradições.⁹⁸

A convergência no caso de *Lampião da Esquina* e Virgulino é que o último representa um papel essencialmente semelhante a proposta do jornal. O cangaço e o jornal têm em sua gênese a coragem, a rebeldia, o enfrentamento do sistema. Por outro lado ao escolher uma figura como Lampião o jornal cria uma auto-ironia: um macho nordestino que por sua vez é símbolo de

⁹⁷ Símbolo que serve de identificação de uma empresa, instituição, produto, marca etc..

⁹⁸ BURKE, 2008: 26

um jornal gay. Lê-se somos gays mas também somos machos. O logo ainda inclui um deboche que pode ser lido da seguinte forma: somos gays mas também somos machos, machos caolhos (nos círculos que representam os óculos, um está preenchido o outro não) .

A ironia é uma determinação da subjetividade. Na ironia o sujeito está negativamente livre; pois a realidade que lhe deve dar conteúdo não está aí, ele é livre da vinculação na qual a realidade dada mantém o sujeito, mas ele é negativamente livre e como tal flutuante, este flutuar, dá ao irônico um certo entusiasmo, na medida que ele como que se embriaga na infinitude das possibilidades.⁹⁹

O conceito de ironia já integrava a retórica clássica (conforme a oratória de Cícero e Quintiliano) sempre associada ao propósito de dissimulação. Aliás, o termo ironia provém do grego eironeia que significa precisamente dissimulação, “fazer entender o contrário do que se diz”

Quando um veículo de comunicação comenta ironicamente sua própria imagem/atuação ele pode gerar apoio ou discordância de forma polêmica. Um enunciado irônico faz ouvir uma voz diferente da do locutor, a voz de “enunciador” que expressa um ponto de vista insustentável. O “locutor” assume as palavras, mas não o ponto de vista que elas representam.

A ironia verbal, por sua vez, implica um trio actancial: o locutor (A1) que dirige um certo discurso irônico para um certo receptor (A2), para caçar de um terceiro (A3) que é alvo da ironia. (...) Os três actantes envolvidos podem coincidir no todo ou em parte, dependendo do tipo de discurso em que aparecem. No caso de um solilóquio irônico há a coincidência entre A1 e A2, no caso de uma auto-ironia há a coincidência entre A1 e A3. Há ainda a possibilidade de o receptor ser tomado como alvo, o que implica uma coincidência entre A2 e A3 ou, ainda, um caso de solilóquio auto-irônico em que coincidem A1/A2/A3.¹⁰⁰

Seguindo nosso raciocínio o cangaceiro também simboliza uma dualidade. Está em sua natureza à aura de bandido como a de herói. No logo é colocado, um ao lado do outro, dois círculos um claro e o outro escuro que a princípio representam metonimicamente os óculos de Virgulino (um Virgulino caolho) mas numa camada interdiscursiva mais profunda, eles também podem representar o Yin e o Yang ou o que Jung define como anima e animus (os aspectos

⁹⁹ KIERKEGAARD, 1991: 227

¹⁰⁰ BRAIT, 1996: 62

inconscientes do indivíduo). O círculo é o signo da aliança, dois círculos representam um casamento, no caso de *Lampião da Esquina* um compromisso entre ele e seus leitores.

Quase todas as chamadas nas capas eram curtas. Algumas eram ambíguas: “Exclusivo: Garcia Lorca também assume”.¹⁰¹ Embora o leitor possa pensar que tal frase refira-se a condição homossexual de Garcia Lorca, ao lermos a matéria, percebemos que o mesmo nunca assumiu uma suposta condição homossexual. A reportagem refere-se, portanto, a uma peça teatral denominada *El Público*, que embora escrita quarenta anos antes, só no fim dos anos setenta é encenada, devido, principalmente, as cenas de nus.

Outras chamadas eram auto-iônicas: “Bahia de todos os gueis”(edição 14), “De bicha, crioulo e louco, todos nós temos um pouco”(edição 15), “bichinhas sonhando com o poder” (edição 21), “A praça é das bichas” (edição 31), “Bixórdia no vale dos enxutos” (edição 7), “Lampião agora tem três anus” (edição 36) etc. A palavra bicha carrega uma carga semântica pejorativa porque é normalmente utilizada num contexto de humilhação, um contexto injurioso. O discurso de *Lampião* combate esta situação invertendo este contexto. Agora, é a bicha debochando de si mesma. Esta auto-ironia desconstrói o discurso machista usual e constrói um discurso afirmativo.

Em algumas capas também era explorado o deboche no aspecto visual da chamada:



Figura 32.1



Figura 32.2

¹⁰¹ LAMPIÃO, Edição zero: capa .

A figura 32.1 invoca uma matéria publicada em *Lampião* onde o mesmo teria brincado com a figura pública de Rivelino. A chamada debocha dos enormes bigodes do jogador de futebol. Já na segunda figura 32.2 a chamada invoca um falo estilizado como se fosse uma espiga de milho. Uma segunda leitura seria a de que o antebraço com a mão fechada indica um protesto, um ato de força e numa terceira e mais debochada mensagem, seria associar a imagem com o ato de “fisting” ou “fistfucking”¹⁰².

A ironia só existe quando todos os interlocutores dominam o contexto em que ela foi empregada. O linguísta Sírio Possenti em seu livro *Os humores da língua*¹⁰³ aponta para o fato de que o discurso humorístico/irônico quase sempre é construído sobre o que é proibido, sobterrâneo, não oficial. Normalmente este tipo de discurso opera fortemente com estereótipos. O autor classifica os discursos humorísticos com base no mecanismo lingüístico que é posto de maneira central. Assim encontramos piadas centradas na Fonologia, na Morfologia, no Léxico, na Sintaxe, na Pressuposição, na Inferência, no Conhecimento Prévio, na Variação Linguística, na Tradução etc.

Por exemplo, na capa de *Lampião* de número 33 parece a figura de Fidel Castro vestido de rumbeira com os seguintes dizeres: “Yo no creo em maricones pero que los hay los hay”. Para o leitor entender a fina tessitura humorística nesta capa é necessário que ele tenha um conhecimento prévio. O jornal partiu do pressuposto de que todos conhecem quem é Fidel Castro e seu posicionamento político para a questão gay. Num segundo momento é necessário também ter algum conhecimento sobre a estética da rumba. Se algum deles faltar o entendimento da mensagem será sofrível.

A figura de linguagem irônica supera imediatamente a si mesma, na medida que o orador pressupõe que os ouvintes o compreendem, e deste modo, através de uma negação do fenômeno imediato, a essência acaba identificando-se com o fenômeno. Se às vezes ocorre que um tal discurso irônico vem a ser mal compreendido, isto não é culpa do falante, a não ser na medida que ele foi se meter com um padrão malicioso como a ironia, que tanto gosta de pregar peças aos seus amigos como aos seus inimigos.¹⁰⁴

¹⁰² Atividade sado masoquista que consiste na penetração do ânus com o punho fechado.

¹⁰³ POSSENTI, 2001: 27

¹⁰⁴ KIERKEGAARD, 1991: 216

As chamadas nas capas e os títulos das matérias eram elaborados com uma ironia alusiva a produções culturais. Na capa onde aparece a imagem do líder sindicalista e o futuro presidente do Brasil Lula tem os seguintes dizeres: “Alô, Alô, classe operária: e o paraíso nada!” (alusão ao bordão do comunicador José Abelardo Barbosa de Medeiros, o Chacrinha: Alô, Alô

Teresinha!), “Eram os homossexuais astronautas?” (alusão ao livro de Erick Von Däniken, *Eram os deuses astronautas?* de 1968), “E o negro é ‘beautiful’?” (alusão a letra da música de Jimmy Cliff – *Wonderful World: Beautiful People* de 1970), “Ao Pasquim com carinho” (alusão ao filme intitulado *Ao mestre com carinho* com Sidney Poitier no papel do protagonista), “Nos embalos de Calmon” (alusão direta ao filme *Embalos de sábado à noite* com John Travolta), “Um bonde chamado prazer” (alusão à peça *Um bonde chamado desejo* de Tennessee Williams), “O céu está caindo” (alusão ao HQ *Asterix* de Alberto Uderzo e René Goscinny), entre outros exemplos.

Em quase todas as capas de *Lampião* também circulavam regularmente celebridades assumidas do universo gay na tentativa de legitimar culturalmente a homossexualidade. Personalidades como Norma Benguell, Clodovil Hernandez, Cassandra Rios, Dener, Ney Matogrosso, o ex-presidente Lula, Fernando Gabeira desfilaram por ela. Este fenômeno é definido por alguns teóricos como sociedade do espetáculo.

O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens. O espetáculo não pode ser compreendido como abuso de um mundo da visão, o produto das técnicas de difusão massiva de imagens (...) O espetáculo, compreendido na sua totalidade, é ao mesmo tempo o resultado e o projeto do modo de produção existente. Ele não é um suplemento ao mundo real, a sua decoração readicionada. É o coração da irrealidade da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares, informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos, o espetáculo constitui o modelo presente da vida socialmente dominante.¹⁰⁵

Michel Foucault já considerava as sociedades do mundo antigo como sociedades do espetáculo, em que as execuções públicas serviam como demonstração de força do governante em seu exercício do poder. A lógica seria, no caso, tornar visível a muitos o poder de poucos. Lógica que, segundo o filósofo, seria subvertida a partir do século XVIII com a sociedade disciplinar em que instituições como exército, presídios, hospitais e escolas, passariam a

¹⁰⁵ DEBORD, 1991: 10-11

empregar mecanismos mais sutis de controle baseados na vigilância e em que a visibilidade de muitos serviria como um dispositivo de controle de poucos.

Inversão que daria ao olhar do observador o lugar privilegiado do poder. Mas essa sociedade disciplinar, em que todos seríamos controlados por sistemas de vigilância nos moldes do Big Brother do romance 1984 de George Orwell, tornou-se não só real como curiosamente perversa, já que somos levados a abdicar voluntariamente de nossas liberdades privadas por um fetichismo crescente pela exposição pública de nossas imagens pessoais. Com isso a idéia de pensar a visibilidade como um meio de controle social tornou-se anacrônica em nossa cultura midiática.

A exposição é hoje um valor positivado e o culto à imagem passa a ser não só constituinte de uma sociedade do espetáculo como um instrumento de exercício político, como ocorre em grupos sociais como os dos homossexuais. Assumir a homossexualidade publicamente é um ato político que permite à sociedade entender que a sexualidade não pode ser circunscrita a um modelo único, mas sim plural.

Para o arquiteto e filósofo Paulo Masella, imagens sempre se constituíram em um modo de representação do mundo, principalmente antes que a invenção da imprensa possibilitasse a larga difusão da escrita. Todavia, o conceito de visibilidade está além da mera visualidade das imagens, não se resumindo a um modo tornar pública uma imagem, mas de torná-la inteligível.

Neste contexto é que se insere a questão da sexualidade. Se entendermos a visibilidade como a capacidade de decodificar signos verbais (textos) e visuais (imagens, símbolos, ícones), incluindo toda sorte de gestos e comportamentos codificados socialmente, iremos perceber que não basta que certas práticas sexuais tornem-se públicas, mas que também adquiram inteligibilidade, pois somente por meio dessa condição a legitimidade pode ser alcançada.¹⁰⁶

Ou seja, embora a inteligibilidade dos códigos culturais seja um pressuposto para sua legitimação, nada garante o exercício de seus direitos se não estiverem inseridos dentro de um jogo de forças e ações políticas. Afinal a sexualidade sempre foi plural, mas sua inteligibilidade e legitimação têm sido de mão única na medida em que a circulação e controle dos códigos culturais passam pelo poder político de torná-los visíveis ou não.

¹⁰⁶ MASELLA, P. Revista *Junior*, n° 5: 11

Para legitimar novos códigos é preciso desconstruir a hegemonia de outros. Uma estratégia eficaz de desconstrução é tornar novos códigos visíveis não por negação do que lhes é diferente, mas pela sua afirmação, caso contrário, estarão sempre a reboque do modelo hegemônico. A homossexualidade não deve ser pensada como negação de um padrão hétero, como porção-mulher (ou homem), sucumbindo às questões de gênero, ou agarrando-se a estereótipos sempre redutores, mas deve ser reveladora da multiplicidade de tipos sociais que se inserem no contexto. A lógica é simples: se a sexualidade não estiver atrelada a um modelo único de comportamento, as chances de identificação de um indivíduo com a prática homossexual aumentam, já que ele poderá se espelhar em uma infinidade de tipos sociais. Como consequência, também se dilui a oposição cultural entre um padrão hétero e homo, já que um mesmo tipo social poderá se enquadrar tanto na prática hétero como na homossexual.¹⁰⁷

Ser e Parecer – para o filósofo Martin Buber - é a problemática da existência humana vivida a partir do que se é, e uma outra vivida a partir do que se quer parecer, de uma imagem de si. Estes dois comportamentos se misturam: o olhar do que vive a partir do ser é espontâneo, sem reservas (o que se é), enquanto que para aquele que vive a partir da imagem, importa o que parece ao seu expectador, a imagem que produz no outro (o que se quer parecer – importa a imagem que produz no outro).

Podemos extrapolar o universo humano, num exercício de imaginação, pensando num processo dialógico hipotético - Pedro e Paulo - (Pedro, seria o jornal *Lampião* e Paulo, seu leitor) – temos as imagens que querem transmitir um ao outro, acrescidas às imagens que cada um faz do outro, somadas as imagens que cada um tem de si mesmo. Somadas temos seis imagens na conversação dos dois e nenhum espaço para a legitimidade do que Buber denomina inter-humano.¹⁰⁸

O problema desta dinâmica é mais delicado se entendermos que a construção individual e coletiva das identidades e das subjetividades estão em ação em tais processos discursivos. A verdade no inter-humano está na comunicação entre uns aos outros como são, não importando que este diálogo tenha sido mediado por um veículo de comunicação, porém é necessário que este veículo mediador tenha em sua estrutura uma plataforma comunicacional polifônica. A autenticidade é que permite a um homem que outro participe de seu ser, sem deixar que se introduza alguma aparência entre os dois.

¹⁰⁷ Ibidem

¹⁰⁸ BUBER, 2007: 143

O pensador austríaco quer, com isso libertar o inter humano do campo do discurso moral e mostrar que a autenticidade é o que realiza verdadeiramente o ser humano. A vida a partir do parecer origina-se na dependência dos homens entre si e, de fato, não é fácil fazer-se confirmar no seu ser pelos outros.

Para que o evento seja dialógico é necessário a totalidade do próprio participante. A resposta que surge do “Entre” nesse processo pode ser exemplificado através do amor e da verdadeira comunidade. Embora o homem possua sentimento, o amor é algo que “acontece” entre dois seres humanos, além do Eu e aquém do Tu na esfera “entre” os dois. Assim também acontece com a verdadeira comunidade, que nasce de duas coisas: de estarem todos em relação viva e mútua com um centro vivo e de estarem unidos uns aos outros em relação viva e mútua. “Torno-me Eu na relação com o Tu”¹⁰⁹. A verdade lampiônica reside exatamente neste ponto.

2.2.2 Hibridismo Cultural

A pesquisadora em comunicação Geane Alzamora apontou para o fato de que ao longo do século 20, a cultura de massa misturou-se aos ideais de progresso humanista oriundos da cultura iluminista e à diversidade de práticas e costumes característica da cultura popular, produziu interação crescente entre o “culto”, o popular e o massivo. Dessa mistura, surgiu uma modalidade cultural sincrética, denominada de culturas híbridas. Tal modalidade cultural que se expandiu globalmente e se especificou regionalmente, deveu-se pela necessidade de expansão dos mercados culturais popularizando os bens de elite e introduzindo mensagens massivas na esfera ilustrada. Assim, a cultura de massa tornou-se a cultura mediante a qual as culturas híbridas se disseminaram em larga escala.¹¹⁰

O jornalismo cultural, ele próprio um produto de massa quando essa cultura se tornou dominante, refletiu o hibridismo cultural. O experimentalismo e o hibridismo são característicos da linguagem do jornalismo cultural. Estes dois elementos são marcantes nas publicações de *Lampião da Esquina*.

O historiador americano Peter Burke identifica três tipos de hibridismo, ou processos de hibridização, que envolvem respectivamente artefatos, práticas e finalmente povos. Burke

¹⁰⁹ BUBER, 2001: 34

¹¹⁰ ALZAMORA, 2005: 37

entende que na arquitetura, na mobília, nas imagens (fotográficas ou não) etc., podem ser exemplos de artefato pois, em alguns casos, são resultado de uma fusão cultural. Para ele um artefato importante seria o texto. As traduções são os casos mais óbvios de textos híbridos, já que a procura por aquilo que é chamado de “efeito equivalente” necessariamente envolve a introdução de palavras e idéias que são familiares aos novos leitores, mas que poderiam não ser inteligíveis na cultura na qual o livro foi originalmente escrito. Há também gêneros literários híbridos. O romance japonês, o africano e possivelmente também o latino-americano devem ser encarados – e julgados pelos críticos – como híbridos literários e não como simples imitações do romance ocidental.¹¹¹

Práticas híbridas podem ser identificadas na religião, na música, na linguagem, no esporte, nas festividades e alhures. Mahatma Gandhi, por exemplo, foi descrito como tendo criado “sua própria religião”, uma mistura idiossincrática de idéias hindus, islâmicas, budistas e cristãs. Em um nível coletivo, algumas religiões relativamente novas são exemplos particularmente claros de hibridização.¹¹²

Os povos híbridos são cruciais em todos estes processos. Dentre ele, temos grupos híbridos como os anglo-irlandeses, os anglo-indianos e os afro-americanos. Não devemos nos esquecer dos indivíduos híbridos, quer os que já nasceram nesta situação por suas mães e pais serem originários de culturas diferentes, quer os que se viram nela mais tarde, de bom grado ou não, por terem sido, por exemplo, convertidos, capturados ou exilados¹¹³. Alguns autores que se debruçaram sobre a questão do hibridismo tiveram de viver em outra cultura que não era a sua de origem. Vilém Flusser, Zygmunt Bauman e Stuart Hall são grandes exemplos.

Stuart Hall destaca que o conceito de Hibridismo carrega uma dualidade. Alguns pensadores argumentam que a fusão entre diferentes tradições culturais – são uma poderosa fonte criativa, produzindo novas formas de cultura. Outras, entretanto, argumentam que hibridismo, com a indeterminação, a “dupla consciência” e o relativismo que implica também tem seus custos e perigos. Salman Rushdie¹¹⁴, autor do romance *Versos Satânicos* forçosamente

¹¹¹ BURKE, 2008: 23

¹¹² Ibidem: 28

¹¹³ Ibidem: 36

¹¹⁴ Salman Rushdie é um escritor indiano radicado na Inglaterra. Escreveu *Versos Satânicos* em 1989

exilado, por ter sobre sua cabeça uma sentença de morte proferida pelos fundamentalistas irarianos, foi quem apresentou a mais forte defesa do hibridismo.¹¹⁵

No centro do romance está um grupo de personagens, a maioria dos quais é constituída de muçulmanos britânicos, ou de pessoas não particularmente religiosas, de origem islâmica, lutando precisamente com o mesmo tipo de problemas que têm surgido em torno do livro, problemas de hibridização e guetização, de reconciliar o velho com o novo. Aquelas pessoas que se opõem violentamente ao romance, hoje, são de opinião de que a mistura entre diferentes culturais inevitavelmente enfraquecerá e destruirá sua própria cultura. Sou de opinião oposta. O livro *Versos Satânicos* celebra o hibridismo, a impureza, a mistura, a transformação, que vêm de novas e inesperadas combinações de seres humanos, culturas, idéias,, políticas, filmes, músicas. O livro alegra-se com os cruzamentos e teme o absolutismo do Puro. Mélange, mistura, um pouco disso e um pouco daquilo, é dessa forma que o novo entra no mando. É a grande possibilidade que a migração de massa dá ao mundo, e eu tenho tentado abraçá-la. O livro *Versos Satânicos* é a favor da mudança por fusão, da mudança por reunião. É uma canção de amor para nossos cruzados eus.¹¹⁶

O discurso Lampião também pretendeu ser uma canção de amor para nossos cruzados eus. Por outro lado, o pensador Homi Bhabha diz que o hibridismo é uma problemática de representação e de individuação colonial que reverte os efeitos da recusa colonialista, de modo que outros saberes “negados” se infiltrem no discurso dominante e tornem estranha a base de sua autoridade – sua regras de conhecimento .¹¹⁷

Seguindo este raciocínio o discurso de *Lampião* já em sua gênese seria híbrido, tendo dois momentos igualmente desafiadores e concomitantes. A princípio procurou desconstruir o discurso normativo heterossexual, invertendo seus códigos para fragmentar seu domínio. Em outras palavras o jornal necessitava (re)construir a imagem gay negativa para depois, a partir daí, emergir um novo discurso, nem totalmente gay, nem totalmente hétero. Para *Lampião* o importante não era marcar a diferença.

A política da diferença encoraja as pessoas a conferir uma lealdade primária à identidade de grupos rigidamente opostas umas as outras, ao invés de se comprometerem com uma política comum que transcende os grupos.¹¹⁸

¹¹⁵ HALL, 2006: 92

¹¹⁶ RUSHDIE in: HALL, 2006: 41

¹¹⁷ BHABHA, 1998: 165

¹¹⁸ YOUNG, 1997: 384

2.2.3 A Estética Camp

Para abordar a estética camp é necessário primeiro definir o que se entende por Estética. O teórico francês da segunda metade do século XX Algirdas Julien Greimas baseia sua conceituação na idéia de percepção de sensações. Greimas estabelece relações recíprocas entre o que é sensível e o que é inteligível, ou seja, entre as sensações e o pensamento. Esta espécie de trânsito entre o cognitivo e as sensações é o que possibilita o acesso do sujeito ao mundo, independentemente da cara que este mundo tem, “bonita” ou “feia”. Isso porque o teórico se afasta de um conceito de Estética vinculado ao belo e se aproxima da Estética como estesia – percepção através dos sentidos, do mundo exterior. Trata-se da experiência do prazer ou mesmo do desprazer, das percepções dos sentidos, da sensualidade e da sensibilidade.

Já a palavra “camp” é um termo que pode ser traduzido por “fechação” e significa uma aceitação – por parte dos gays – do universo estereotipado criado pela sociedade homofóbica, mas de maneira invertida: buscando valorizar o jargão “homossexual”, os gays devolvem à camada bem comportada da sociedade uma transfiguração do grotesco, transformando o estigma do jargão homofóbico em linguagem e ação libertárias.

Se concordarmos com Jung, para quem existem os “tipos psicológicos” (ou os “estados psicológicos”), “introvertidos e extrovertidos”, a estética do grotesco, performatizada pelas drag queens, estaria evidenciando a porção extrovertida do temperamento homoerótico. Nessa direção, as piadas, as caricaturas, o exagero na gestualidade e as especularizadas, teriam o objetivo de transformar a realidade difícil de ser vivida numa simulação da vida como obra de arte. Por um lado, essa estratégia libera uma dimensão da vivência homoerótica que estivera recalcada historicamente, portanto, consiste numa ação afirmativa que contempla os gays, lésbicas, travestis e transexuais como eles são, falam e agem em suas vivências diárias; por outro lado, ratifica os procedimentos de exclusão, porque retrata os gays sempre efeminados, fúteis, promíscuos, espalhafatosos.¹¹⁹

A essência do camp é a sua predileção pelo inatural: pelo artifício e pelo exagero. Sua gênese remontaria ao movimento art nouveau ou modern style, que dominou entre 1890 e a guerra de 1914. Embora seja um movimento vinculado às artes visuais, com as esculturas em vidro de Lalique e Gallé, as jóias de Tiffany, os cartazes de Mucha e Toulouse Lautrec, os desenhos de Aubrey Beardsley e os quadros de Klimt, o art nouveau também teve influência na

¹¹⁹ PAIVA, 2009: 42

literatura, como detectou José Paulo Paes já em 1985, em *Gregos e baianos*. Lembremos que a peça *Salomé*, de Oscar Wilde, de 1894, quase um manifesto dessa escola, foi editada com ilustrações de Beardsley, o que se repetiu com a edição em português, traduzida por João do Rio. Também os figurinos do filme *Salomé* de Alla Nazimova¹²⁰, que é de 1923, têm a mesma origem.

A hegemonia da linha sinuosa sobre os ângulos retos e a paixão nouveau pelo inusitado encontraram correspondência literárias nas frases longas de pontuação nervosa, nas descrições vertiginosas de cores e aromas, no excesso de adornos gramaticais que quase sufocam o enredo, e principalmente na utilização do paradoxo, definido por Wilde da seguinte maneira no *De profundis*¹²¹: O paradoxo está para a gramática assim como o desvio sexual para a sexualidade.¹²²

Isso nos remete ao famoso artigo de Susan Sontag Sobre o camp, publicado em 1964 na *Partisan Review*, onde ela afirma ser o camp uma aplicação prática do paradoxo no mundo das artes, e o art nouveau uma forma de expressão homossexual. “Camp” é também uma qualidade que pode ser encontrada nos objetos e no comportamento das pessoas. Trevisan aponta que o percussor da estética camp no Brasil foi o jornalista João do Rio no início do século XX.¹²³

O jornalista e escritor João do Rio adorava a arte nouveau. Em seu estilo o real é por ele captado numa linguagem sinuosa, distorcida, defasada, labiríntica; o resultado é uma literatura de dissonância, a caminho do desvio. A sinuosidade de seu discurso revela-se na abundância de neologismos, na construção afetada das frases e na expressão sempre carnavalesca ou travestida em seu contrário. João do Rio morreu jovem com apenas quarenta anos em 1921.

Flanar! Aí está um verbo universal! Sem entrada nos dicionários, que não pertence a nenhuma língua! Que significa flanar? Flanar é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem. Flanar é ir por aí, de manhã, de dia, à noite, meter-se nas rodas da população, admirar o menino da gaitinha ali na esquina, seguir com os garotos o lutador do Cassino vestido de turco, gozar nas praias os ajuntamentos defronte das lanternas mágicas, conversas com os cantores de modinha nas alfurjas da Saúde, depois de ter ouvido dilettanti de casaca aplaudirem o maior tenor do Lírico numa ópera velha e má; é ver os bonecos pintados a giz

¹²⁰ Atriz russa do começo do século XX – atuou tanto na Rússia como nos EUA. Figura polêmica principalmente por sua postura quanto a homossexualidade feminina. Seus filmes tinham um exagero muito marcado nos figurinos.

¹²¹ Livro que Oscar Wilde escreveu depois que foi preso para explicar e se defender das acusações que sofrera durante seu julgamento.

¹²² PAIVA, 2009: 42

¹²² RODRIGUES, 2010: 12

¹²³ TREVISAN, 2007: 261

nos muros das casas, depois de ter acompanhado um pintor afamado até a sua grande tela paga pelo Estado; é estar sem fazer nada e achar absolutamente necessário ir até um sítio lóbrego, para deixar de lá ir, levado pela primeira impressão, por um dito que faz sorrir, um perfil que interessa, um par jovem cujo riso de amor causa inveja. (...)

Eu fui um pouco esse tipo complexo, e talvez por isso cada rua é para mim um ser vivo e móvel.

Oh, sim, as ruas têm alma! Há ruas honestas, ruas ambíguas, ruas sinistras, ruas nobres, delicadas, trágicas, depravadas, puras, infames, ruas sem história, ruas tão velhas que bastam para contar a evolução de uma cidade inteira, ruas guerreiras, revoltosas, medrosas, spleenéticas, snobs, ruas aristocráticas, ruas amorosas, ruas covardes, que ficam sem pingo de sangue.¹²⁴

Atualmente, há filmes como *Priscilla, Rainha do deserto* de 1994; *Transamérica* de 2005; *Café da Manhã em Plutão* de 2010, que se situam entre o Kitsch e a cultura pop, numa clara referência de resistência a padronização. Plumagens, cores e muito brilho, são sinônimos de uma estética voltada para a alegria em contraposição ao ressentimento. O *Café da Manhã em Plutão*, por exemplo, começa com o personagem Patrick “Kitten” Braden (Cillian Murphy) passeando pelas ruas e conduzindo um carrinho de bebê. Sua performance camp já revela a que veio, vestido com um grande casaco de peles, chapéu rosa e saia brilhante, responde ironicamente às provocações dos trabalhadores de uma obra de construção: “inocentes peões, tesudos filhos da terra”, com essa fala ele indica o prenúncio da sua história, que opta pela via da teatralidade, quando, apesar da solidão, para além da dor da exclusão, da raiva e do ressentimento, se posiciona de maneira alegre.

O cinema comercial americano é paradoxal em relação a temática gay. Algumas produções invocam a estética camp na esperança de assim trabalhar melhor com a subjetividade humana, enquanto outras produções já preferem uma abordagem narrativa mais concreta e menos simbólica, como no caso de *Philadelphia*¹²⁵, onde o ator Tom Hanks emocionou platéias ao protagonizar a história de um homossexual que, após descobrir que era soropositivo, foi demitido pelos patrões. O filme obteve diversas indicações ao Oscar, mas conseguiu levar somente o prêmio de “melhor canção” e *O Segredo de Brokeback Mountain*¹²⁶ que narrou a

¹²⁴ RIO, João do - in RODRIGUES, 2010: 63

¹²⁵ *Philadelphia*, EUA, 1993, Diretor Jonathan Demme

¹²⁶ *O Segredo de Brokeback Mountain*, 2005, Diretor Ang Lee

história de dois jovens vaqueiros que se conheceram e se apaixonaram em 1963, enquanto trabalhavam juntos em um serviço de pasteoreamento de ovelhas na fictícia montanha de Brokeback, no Wyoming. O filme documentou o complexo relacionamento emocional, sexual e romântico que eles passaram a ter no curso de vinte anos.

Mesmo tendo recebido três Oscar; melhor direção, roteiro adaptado e trilha sonora, foi banido de vários países.

Na Bahamas/República das Bahamas, "Brokeback Mountain" foi proibido em decisão feita pelo Escritório de Controle do país, que justificou o ato por que o filme contém "cenas extremas de homossexualidade, pessoas nuas, vulgaridades que não podem trazer nenhum valor positivo ao público das Bahamas". Imediatamente surgiram protestos de grupos homossexuais no país caribenho.

Na República Popular da China, o filme foi banido pelo governo. Apesar disto, a mídia local elogiou o diretor do filme, Ang Lee (nascido na Ilha de Taiwan, atual República da China/República Democrática da China), que se tornou o primeiro diretor de cinema chinês a receber um Oscar. Foi exibido, no entanto, na Taiwan nativa de Lee e estreou em Hong Kong em 23 de fevereiro de 2006.

No Oriente Médio, o filme transformou-se em questão política. A homossexualidade ainda é crime na maior parte das nações daquela região, ou ao menos tabu nas poucas onde não é ilegal. Foi oficialmente banido pelo governo dos Emirados Árabes Unidos. No Líbano, um dos únicos países desta região onde o trabalho de Lee pôde ser exibido, algumas cenas foram censuradas. Na Turquia, o filme foi exibido, mas foi o governo que o proibiu para menores de dezoito anos de idade. Em Israel, onde existem leis que protegem os homossexuais contra a discriminação verbal, foi apresentada a versão completa original.

No Estado de Utah, Estados Unidos, "Brokeback Mountain" foi o estopim de uma grande polêmica midiática ao ser banido um dia antes de sua estréia da rede de cinemas de Larry H. Miller, integrante da igreja Os Santos dos Últimos Dias/mórmon e dono do time de basquete Utah Jazz. Aproximadamente um ano após a controvérsia, quando o ex-jogador da National

Basketball Association/NBA John Amaechi se declarou homossexual, Miller se desculpou por ter banido o filme de sua rede de cinemas dizendo que agiu de maneira estúpida.”¹²⁷

Tais atitudes repressoras demonstram que boa parte da sociedade ainda encontra muitas dificuldades para modificar conceitos ao se deparar com questões referentes à subjetividade da orientação sexual de cada indivíduo.

A evolução na produção cinematográfica americana ligada ao tema em questão é significativa e vem conseguindo abrir várias portas que, até a alguns anos atrás, estavam completamente fechadas, impedindo que a homossexualidade pudesse ser discutida sem tabus e preconceitos. Sugiram lançamentos híbridos que tentavam adaptar seu conteúdo para agradar um público mais diversificado, como também, não ter problemas de censura. Em 1996, encontramos o filme *The Birdcage*, “A gaiola das loucas”, em 2008, tivemos o filme *Shelter*, “De repente califórnia”, em 2009, “I love you Philip Morris”, em 2010, *A sigle man*, “Direito de Amar”.

Na década de 80, após o sucesso no Brasil do filme *Embalos de Sábado à Noite*, que destacou o astro hollywoodiano John Travolta por usar roupas que marcavam o corpo e pelo jeito de dançar, expondo a sua sexualidade,; fez com que a expressão “travoltear” se tornasse uma atividade indispensável para o público homossexual, dando espaço para a criação de bares e boates exclusivamente voltadas ao público gay, que também já conseguia faturar cachês com shows transformistas. Na capa de do número 4 de *Lampião da Esquina* aparece a seguinte chamada: “Aprenda o verbo: é travoltear”.

O cinema foi assunto de *Lampião* em várias edições, tanto aparecendo em resenhas, artigos e ensaios. Na edição do número 01 aparece o ensaio “O cinema brasileiro está vindo abaixo?” onde o autor critica os rumos que o nosso cinema esta tomando e comenta também um pouco da história do cinema brasileiro. Outras matérias como “Keneth Anger: por um cinema sem barreiras” (edição 08), “Filme premiado mostra um dia de boneca” (edição 16), “O ovo da serpente”(edição 19), “O aborto segundo Pasolini” (edição 25) são exemplos da recorrência do tema.

¹²⁷ Disponível em www.brokebackmountain.com.br (consultado em 02/10/2008)

Antes de 1960 o homoerotismo não aparecia de maneira explícita no cinema brasileiro. Isso não significava, porém que estivesse ausente. Em 1923 no filme de Luiz de Barros “Augusto Aníbal quer casar” encontramos a história de um homem que, ao buscar uma noiva, acaba se casando com um travesti. O transformismo foi a marca mais visível dessa diversidade sexual no cinema brasileiro até então.

Depois, nem o festejado cinema novo foi capaz de mudar esse quadro. Seus filmes eram marcados por uma ideologia de esquerda e procuravam mostrar a cara do povo em meio à opressão política. Na época, este cinema novo, encabeçado por Glauber Rocha, pensava na homossexualidade como doença da burguesia.

Glauber Rocha, criador e mentor do chamado Cinema Novo, e seus namoros cinematográficos com a temática, direta ou indiretamente, homoerótica. Figura polêmica em suas posições políticas e estéticas, Glauber meteu sua colher também aí: em entrevistas e escritos, fez insistentes referências (quase sempre negativas) à homossexualidade e a homossexuais. Assim chegou a escrever que “a sexualidade anal destrói o ego”, e, por motivo semelhante, enfatizou a superioridade do cinema “arte uterina” contraposto ao teatro “arte anal”, alegando que este era o espaço da esquizofrenia homossexual (sic).¹²⁸

Em 1971 aparece o filme de João Silvério Trevisan “Orgia ou Homem que Deu Cria”, no mesmo ano também é lançado “Paixão na Praia” de Alfredo Stemheim produções focadas na marginalidade, sendo a ironia a marca destas produções. Ironia que aproxima este cinema marginal com a estética camp. Segundo matéria da revista Júnior¹²⁹ na década de 70 foram feitos aproximadamente sessenta filmes, quase todos produzidos pela chamada Boca do lixo. O último filme lançado no Brasil abordando a temática gay foi *Do começo ao fim* do diretor Aluizio Abranches em 2010, sua história controversa abordando o relacionamento de amor e sexo entre meios-irmãos causou polêmica, mas abriu espaço para se realizar uma reflexão sobre o universo gay.

Encontramos o camp também nas roupas, móveis, canções populares, romances, pessoas, edifícios. Esta estética procura transformar a experiência. Na produção textual de *Lampião da*

¹²⁸ TREVISAN, 2007: 300

¹²⁹ JUNIOR, ano 02, nº 12: 40

Esquina, verifica-se sua presença na produção de significados – ou efeitos de sentido – debochados, irônicos, escatológicos, transgressores de normas sociais vigentes.

Já em 1400 Leonardo da Vinci (que entendia das coisas) escreveu: “Haverá um dia em que os homens conhecerão o íntimo do animal e, nesse dia, um crime contra um animal será considerado um crime contra a humanidade.”¹³⁰

O ensaio referia-se a recém proclamada Declaração Universal dos Direitos dos Animais. O trecho entre parênteses apresenta claramente duplo sentido: podemos nos referir a inteligência/sensibilidade de Leonardo da Vinci, prevendo algo que aconteceria muitos séculos depois ou relacionarmos essa frase a uma suposta condição homossexual.

Nos títulos das matérias de *Lampião* também aparece este estilo sinuoso, às vezes labiríntico, exagerado, cheio de neologismos: “Nossa gaiolas comuns” (edição 01), “Não tem sabiá que agüente” (edição 03), “A difícil arte de ser guei” (edição 03), “O mito bem dotado” (edição 07), “Na paulicéia, com olho de lince e pernas de avestruz” (edição 32), “Bichas ipanemenhas” (edição 34), “Um jornal com muitas chanas” (edição 34) etc.

2.3 O homoerotismo e as Artes

Em 1960, surgiu a Tropicália, também conhecida como Tropicalismo ou Movimento tropicalista, sendo conceituada como um movimento cultural que surgiu sob a influência das correntes artísticas de vanguarda e da cultura pop nacional e estrangeira (como o pop-rock e o concretismo); assim, conseguiu mesclar manifestações tradicionais da cultura brasileira a inovações estéticas radicais.

Além disso, tinha também objetivos sociais e políticos, mas principalmente comportamentais, que encontraram eco em boa parte da sociedade, sob o regime milita, no final da década de 1980. O movimento manifestou-se principalmente na música (cujos maiores representantes foram Caetano Veloso, Torquato Neto, Gilberto Gil, Os Mutantes e Tom Zé); manifestações artísticas diversas, como as artes plásticas (destaque para a figura de Hélio

¹³⁰ LAMPIÃO, n° 02

Oitica), o cinema (o movimento sofreu influências e influenciou o Cinema Novo de Gláuber Rocha) e o teatro brasileiro (sobretudo nas peças anárquicas de José Celso Martinez Corrêa).

Um dos traços marcantes do movimento foi a crítica aos costumes conservadores da elite do país e, especialmente no Nordeste. Afinados com o movimento hippie da época, os artistas transformaram o corpo em bandeira de luta política, erotizando o espaço político.

A Tropicália defendeu, tanto através da postura de seus artistas, quanto à obra por eles produzidas uma nova forma de encarar o corpo e a sexualidade, ultrapassando as dicotomias heterossexual/homossexual e macho/fêmea que dominavam as relações de gênero. A moda era “ser marginal” e fugir de padrões denominados corretos.

Embora não fossem propriamente militantes homossexuais, a maior parte dos artistas envolvidos, com suas declarações públicas, suas atitudes e gestos, suas formas de vestir, andar e dançar acabaram difundindo uma nova forma de ver e conceituar o homoerotismo. O uso de roupas e enfeites femininos, o emprego provocante do rebolado no palco, as letras das canções que falavam do amor entre pessoas do mesmo sexo, contribuíram para produzir uma nova sensibilidade sobre a homossexualidade, sobretudo a masculina.

Ney Matogrosso encarnou este perfil. Polêmico em sua postura artística e também em suas opiniões, o artista desbancou conceitos e nadou contra a maré da hipocrisia reinante na sociedade patriarcal brasileira. Em entrevista¹³¹ concedida para o *Lampião da Esquina* Ney declarou que não era a favor da militância homossexual, o cantor acredita que cada um deve cuidar de sua liberação/libertação sem manifestos públicos. Um paradoxo se pensarmos em suas atuações no palco, sempre debochada, irônica, contestadora de valores. Perguntado sobre isso, ele declarou que sua atuação não é um ato político e sim uma manifestação subjetiva de seus sentimentos.

O impacto de comportamentos como estes, visíveis no programa de televisão “Divino e Maravilhoso” (TV Tupi), apresentado por Caetano Veloso e Gilberto Gil, duas estrelas do movimento, foi tão forte que levou grupos de militantes católicas a exigirem a retirada do programa do ar, o que logo aconteceu. Contudo, o exílio de Gil e Caetano, já no final da década

¹³¹ LAMPIÃO, n° 11: 07

de 60, não interrompeu o processo, pois logo após, outros grupos como “Secos e Molhados”, que surgiu em 1973, adotaram a mesma estética provocadora, exibindo homens andrógenos, envoltos em peles de onças e penas de pavão, a dançar, rebolar e cantar *seminus* nos palcos brasileiros.

Lennie Dale o criador e diretor do grupo Dzi Croquettes nos anos setenta também fez parte destes grupos andróginos. Juntamente com Wagner Ribeiro, autor de textos, e os bailarinos, Ciro Barcelos, Cláudio Gaya, Reginaldo de Poli, Cláudio Tovar entre outros que se apresentavam com maquiagem carregada e trajes femininos. *Lampião da Esquina* dedicou matéria de meia página sobre o grupo (Edição 32). O primeiro show do grupo foi apresentado em 1972 sob o título *Gente computada igual a você*, comédia de costumes que continha uma crítica à realidade político social do país, à repressão e à ditadura. Na mesma linha que tentava entrar em evidência o programa do apresentador Flávio Cavalcanti, na TV Tupi, colocou em discussão a operação para mudança de sexo feita pelo Dr. Farina no transexual Valdir.

2.3.1 Lampião e os HQs

Tudo começou quando um leitor quadrinheiro mandou para a redação de *Lampião* um HQ com uma mensagem condizente com o projeto ideológico do periódico. Os editores do jornal acharam que seria interessante publicá-la no número seguinte que estava sendo feito. O problema era que o autor não se identificou e assim, Aguinaldo Silva teve que pedir publicamente que o mesmo entrasse em contato com o jornal.

Na edição número 21, finalmente, *Lampião* apresenta *Ave Noturna*, um super herói que protege os gays que andam pela cidade à noite. Nesta ocasião a história ocupou uma página inteira do jornal, mas, já na segunda e na terceira aparição (números 22 e 23) ocupou apenas meia página.

Os quadrinhos são um fenômeno característico da cultura de massa e têm sua principal expressão no século XX, quando começaram a aparecer nas publicações diárias dos jornais. Além da função de entretenimento e lazer, têm também a função mítica e fabuladora característica das obras de ficção, preenchem funções estéticas, pois se trata de uma nova linguagem artística e são capazes tanto de alienar como de conscientizar por sua relação com a realidade social.

Ao criar um super-herói gay para protagonizar as histórias de *Ave Noturna*, o autor se aproximou da estética americana de quadrinhos da metade do século XX, onde normalmente a figura do super-herói está a serviço da ordem estabelecida, instaura uma relação paternalista de dependência e de predominância dos valores individuais sobre os coletivos, pois os problemas que afligem a comunidade só são resolvidos pelo socorro urgente do herói, frente à impotência dos homens comuns.

Nos quadrinhos americanos essa fórmula reforça o mito da ação individual dos grandes homens, e oculta que o sujeito da história é o conjunto de todos. E ainda mais, facilita a aceitação da sociedade hierarquizada e autoritária, justificando posições verticais de domínio, onde não há lugar para relações interpessoais igualitárias, horizontais e democráticas. Os HQs da Disney, ou os HQs da Marvel são fruto deste tipo de discurso ideológico.

O autor de *Ave Noturna* quando transposta para o universo gay este esquema, ele o faz de forma invertida, ele utiliza o que Foucault chama de discurso reverso. O super-herói gay exerce o papel de conscientização com sua abordagem anti-paternalista. A primeira história publicada na edição 21 de *Lampião* termina com o seguinte diálogo depois que o super-herói gay salva a vítima de uma agressão homofóbica:

Ave Noturna: __ Você precisa aprender a defender-se sozinho.

Vítima: __ Eu gostaria tanto de ser corajoso assim como você!

Ave Noturna: __ Mas você pode ser é só querer.

Nesta fala podemos enxergar a política da diferença entendida também como política da identidade de Iris Young: “movimentos sociais que fazem uma demanda política de que grupos sofrem opressão ou desvantagem por causa de posições culturais ou estruturais às quais são associados”.¹³² As pessoas demandam um status de vítima para essas identidades e, assim, demandam direitos especiais para si mesmos. As diferenças se tornam exclusivistas. O gay não deve se calar perante a homofobia, ele pode e deve lutar. Viver com medo e nas sombras não é o melhor caminho.

¹³² YOUNG, 1997: 383

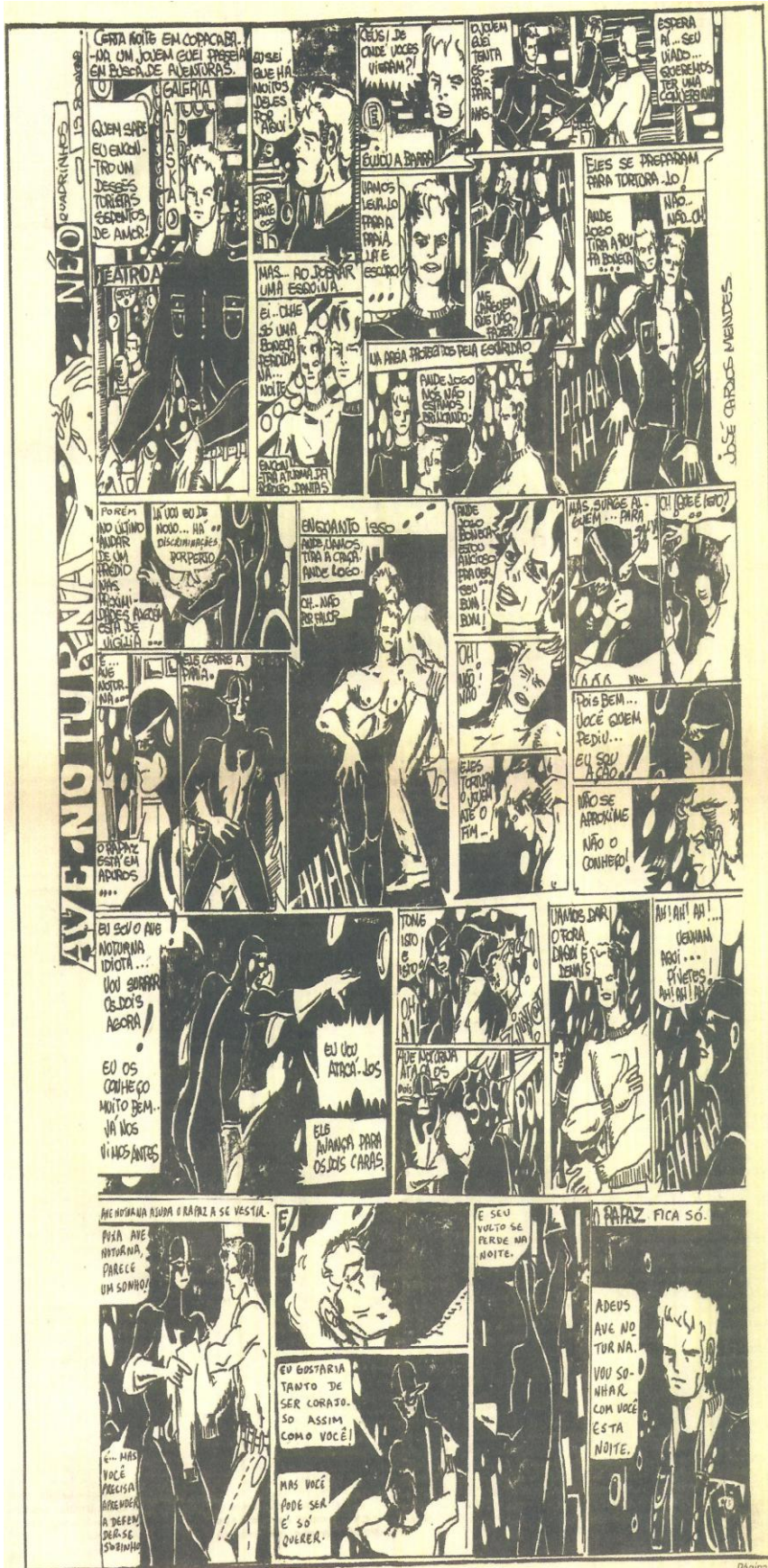


Figura 33

continuação da história em quadrinho acima:



Figura 34



Figura 35

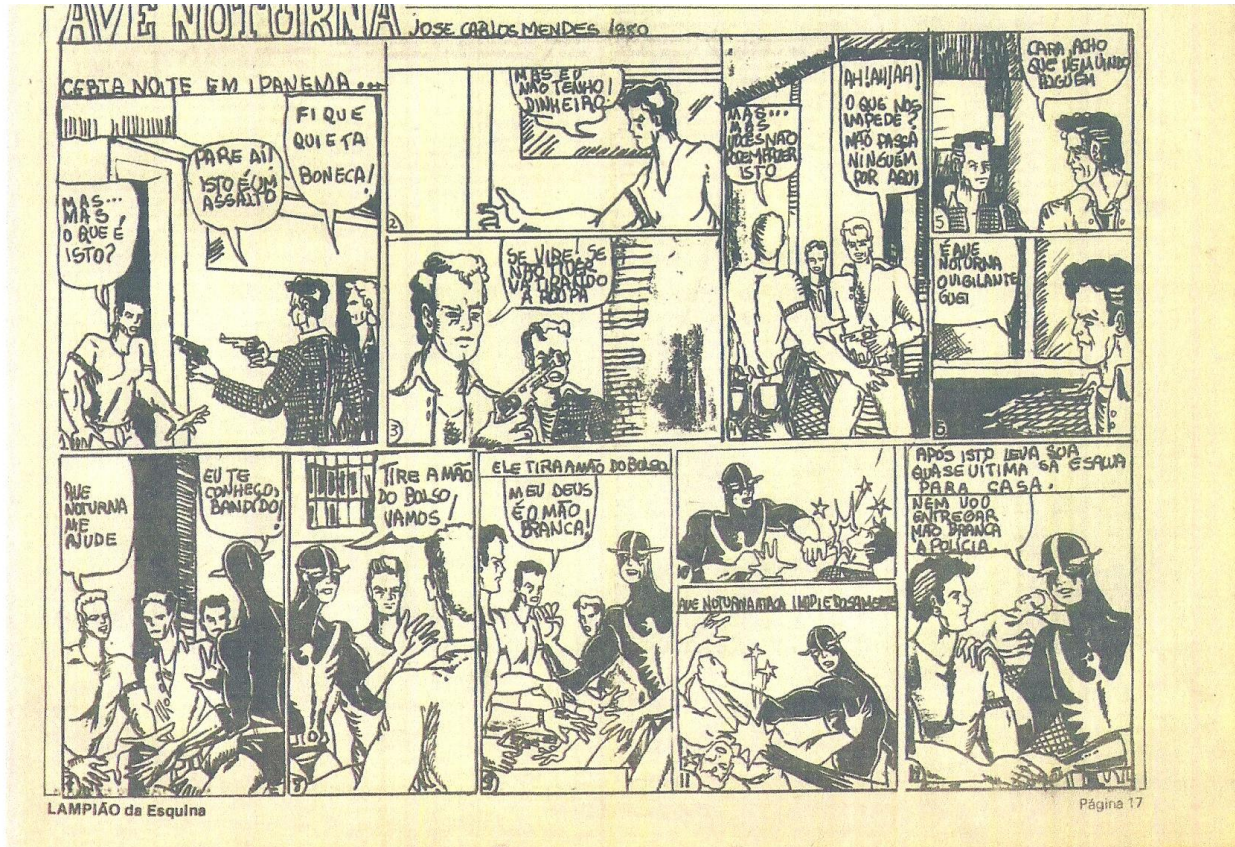


Figura 36

Ave Noturna emborça a dimensão de divertimento, suas histórias têm um forte apelo erótico, mas também desenvolve no leitor uma visão crítica da sociedade e de si mesmo.

O autor de quadrinhos – seja ele criador de argumentos e personagens, seja ele desenhista – tem um papel decisivo a desempenhar, como os demais artistas: sua prática estética dá-se em função de uma prática social determinada. Sua arte, mesmo quando aparentemente ingênua, jamais será inocente.

Ao se valer dos mecanismos da cultura de massa, o quadrinheiro, a rigor, compromete-se política e socialmente com o tempo histórico que marca a sua existência enquanto ser concreto no interior das classes sociais, assim como se compromete ao recusar esses mesmos mecanismos. De uma forma (dentro da cultura de massa) ou de outra (à sua margem), o artista de quadrinhos só tem um compromisso: com a realidade. Este compromisso, decerto não se esgota em um realismo estreito, de cunho idealista.¹³³

¹³³ CIRNE, 1973: 23, 24 e 104.

Ave noturna foi uma tentativa de trazer para o jornal *Lampião* a linguagem dos HQs voltada para o público gay. Infelizmente, ou as histórias não agradaram aos leitores ou Aguinaldo Silva simplesmente parou de publicar. Não se encontra nas outras edições de *Lampião* nenhuma carta elogiando nem protestando pelo seu desaparecimento. A temática homossexual voltou a aparecer com o surgimento dos Mangás.

2.3.2 Gays e Mangás

Mangá é a palavra usada para designar a História em Quadrinho feita em estilo japonês. No Japão, o termo designa quaisquer histórias em quadrinhos. A versão animada destas HQs japonesas se chama Animes e tratam em vários momentos, de uma sexualidade menos formatada em preconceitos e estereótipos. Assim, ao lado de personagens héteros, não é raro encontrar outros mais ambíguos ou expressamente gays.

Yaoi é o gênero de Mangá que tem seu foco nas relações homossexuais masculinas. Curiosamente houve uma enorme aceitação pelo público feminino japonês deste gênero. Já Yuri é o nome dado para a versão lésbica.

No mercado norte-americano, os yaoi apareceram em 2003, com o lançamento dos títulos *Fake* e *Gravitation*. Desde então, a editora TokyoPop lançou 22 títulos de yaoi. No Brasil, a única publicação lançada foi *Gravitation*, pela JBC Mangás. Uma edição pirata chegou a circular anos antes, com uma “adaptação” – um casal hétero no lugar do formado por dois homens.

A entrada de yaoi no mercado americano, no entanto, não foi tranqüila, requerendo dos editores sucessivos processos adaptativos, resultando, conseqüentemente, em um produto híbrido, principalmente para amenizar o conteúdo sexual insinuado e impedir a entrada de desenhos com traços infantis. Por conta disso, os yaoi publicados nos Estados Unidos não são considerados “autênticos”, isto é, somente traduzidos para o inglês. Sofreram adaptações de acordo com as leis e os costumes locais.¹³⁴

A editora TokyoPop, por exemplo, decidiu não publicar *Gravitation Remix*, mangá do mesmo autor de *Gravitation*, mas com cenas de sexo. Apesar de ter recebido muitos pedidos de fãs,

¹³⁴ MOLINE, 2004: 45

considerou inviável o lançamento porque os personagens tinham aparência de serem menores de idade. A editora ainda anunciou que não publica histórias de envolvimento entre alunos e professores, bastante comuns no Japão.¹³⁵

Dentro do gênero yaoi e Yuri – *Gravitation*, *Nana*, *Aishiteruze Baby*, *Paradise Kiss*, encontramos a possibilidade de algumas leituras quando pensamos em comportamento homossexual: troca de papéis, uma nova masculinidade e contrastes femininos.

O Mangá *Gravitation* tem doze volumes, foi criado por Maki Muramaki, e aborda o relacionamento homossexual entre um jovem cantor e um escritor. Eiri Yuki – um bissexual disputado pelo adolescente Shuichi e sua namorada oficial, a jovem Ayaka.

Shuichi é um garoto que descobre seu primeiro amor. Por isso, não tem maturidade suficiente para lidar com a situação de disputa que se estabelece entre ele e Ayaka. Pegajoso, dado a ataques de ciúmes, inseguro, ele tenta conseguir o amor de Eiri de qualquer forma.

Eri no entanto, percebe que há algo de doce e ingênuo em Shuichi, o que faz com que eles tenham encontros intensos. A história apenas insinua cenas de sexo. Faz a linha novela de televisão: mostra o beijo e, depois, os dois se trocando com a cama ao fundo, desarrumada. Eri tem um ar esnobe. Ayaka é uma garota sedutora e que tem certeza que terá o amor de Eri só para ela, assim que conseguir neutralizar a influência de Shuichi.

A homossexualidade e a bissexualidade são tratadas de maneira natural, inseridas sem conflitos nos grupos de artistas e adolescentes. Os conflitos inerentes a trama dizem respeito à disputa de amor entre Ayaka e Shuichi, e não à orientação sexual dos personagens.

Ao imaginarmos leitoras japonesas acompanhando *Gravitation*, podemos pensar se não há aí uma inversão de papéis masculino/feminino. O riso provocado seria decorrente de ver um garoto/homem tendo reações comumente associadas às mulheres – incluindo manha, o choro, a dependência. Em quase todos os episódios o personagem principal aparece tentando dominar tarefas tradicionalmente femininas, como reparar a lancheira para a menina levar para a escola.

No caso brasileiro chamou nossa atenção o fato da versão mangá da tradicional Turma da Mônica, de Maurício de Souza, trazer uma personagem, a garota Denise com um grande

¹³⁵ Ibidem

“sotaque” gay. Embora nada indique que ela seja lésbica ou algo parecido, Denise usa expressões como “babado forte”, “arrasou”, “bofe”, “pão com ovo”. Quando gosta de algo, diz que “é tudo!”.

Lançada no número cinco 5 da Turma da Mônica Jovem, Denise logo causou comoção entre o público gay. No entanto, seu criador, o roteirista Emerson Abreu, desmentiu que a personagem fosse lésbica ou que tivesse aprendido as gírias com algum amigo gay. Segundo ele, a personagem foi influenciada pela cena cluber paulistana dos anos noventas, mas que seria muito difícil que a homossexualidade estivesse presente nos quadrinhos de Maurício de Souza, nos quais até um tema mais ameno, como a separação dos pais do personagem Xaveco, recebeu críticas negativas de leitores. Sobre a maneira de Denise falar, explica que é para mostrar que a personagem é uma pessoa “antenada”.

Ainda assim, Denise indica a existência de um trânsito entre a cultura “gay” e outras atividades culturais. Nesse sentido seu vocabulário atesta que as convenções sociais associadas à certo estilo de vida de homossexuais urbanos transbordaram as barreiras desse campo. É um sinal de que a categoria “gueto” não faz mais sentido para gays urbanos. É um indício de que a questão homossexual está sendo problematizada e de que novas forças identitárias estão em jogo.

2.3.3 As novelas e os gays

Na década de 80, a homossexualidade saiu de vez da clandestinidade e entra no patamar da ampliação e garantia dos direitos de cidadania, inserindo-se na esfera dos direitos humanos. Alguns fatos forçaram a inserção da temática homossexual de forma sistemática no meio social: o jornal alternativo *Lampião da Esquina* que encerrou suas publicações em junho de 1981, a epidemia da Aids, a parada do Dia do Orgulho Gay*, que, em 1999, levou 20 mil pessoas às ruas

* As Paradas do Orgulho de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (GLBT) iniciaram em 28 de junho de 1970 em Nova Iorque, no primeiro aniversário da Rebelião de Stonewall. Stonewall é o nome de um bar gay em Manhattan que sofria freqüentes batidas da polícia. Em 28 de junho de 1969 os freqüentadores do bar se revoltaram e reagiram. A rebelião durou 3 dias. No Brasil as Paradas começaram a surgir nas principais capitais a partir da metade dos anos 90. Já em 2006, a Parada de São Paulo se tornou a maior do mundo, com 2,5 milhões de pessoas na rua. As Paradas, além de sua característica alegria, têm um propósito político de visibilidade massiva e de reivindicação de igualdade de direitos e de respeito. Seguindo o lema da Parada de São Paulo “Homofobia é crime! Direitos Sexuais

da cidade de São Paulo, o projeto de lei 1.151, que disciplina a parceria civil registrada entre pessoas do mesmo sexo, entre outros fatos.

Mesmo com mais visibilidade sobre problemática gay ainda se vivia num mundo onde a cultura humana consagrou a heterossexualidade como o normal, ela estigmatiza a homossexualidade como anormal. Essa anormalidade estaria baseada no fato dos homens abrirem mão da sua masculinidade e se deitar com uma mulher, não entrando em conformidade com a descrição bíblica. Nesse momento, o homossexual é apenas o passivo, já que o ativo, apesar de estar transando com uma pessoa do mesmo sexo, continua fazendo o papel do homem na relação.

Como o homossexual abriu mão do seu papel de homem, ele se torna um sujeito estigmatizado, pois passa a não ser considerado apto a cumprir as funções inerentes à masculinidade. Em função disso, não podem ter funções tradicionalmente exercidas por homens. Uma vez negado esse exercício e introjetada essa idéia, eles passam a desempenhar ocupações ligadas ao feminino. Assim, como a homossexualidade é vista como uma abdicação da masculinidade, a consequência disso é a negação do pertencimento ao sexo masculino.

Embora *Lampião da Esquina* não tenha entrado explicitamente em suas páginas no território da dramaturgia televisiva verificamos a dicotomia entre o cinema, os quadrinhos e outras linguagens que estavam se libertando de preconceitos através de novas abordagens e a novela que estava cada vez mais explorando de forma caricata e estereotipada a homossexualidade, reforçando a idéia de que não existe mais o lado masculino nesses indivíduos.

Desde 1981, a Rede Globo, que é a maior emissora de TV do Brasil, vem explorando a homossexualidade na dramaturgia. Na novela *Brilhante*, Denis Carvalho deu vida ao personagem gay Inácio, um personagem bastante disfarçado na história de Gilberto Braga. A novela sofreu com a censura na época da ditadura militar. Os telespectadores entenderam que Inácio era gay quando a personagem vivida por Vera Fischer disse em certo momento da trama: “ Inácio é portador de doença sexual”.

Em 1995, na novela *A próxima vítima* aparece os personagens Sandrinho e Jefferson, vividos respectivamente pelos atores André Gonçalves e Lui Mendes, discretos, conseguiram ter uma aceitação um pouco melhor por parte dos telespectadores. Já em *Suave Veneno* de 1999 aparece o personagem estabonado e afeminado Uálber Canhedo interpretado por Diogo Vilela. Já em 2003, a novela *Mulheres Apaixonadas*, abordou o tema colocando na trama um casal de lésbicas adolescentes. Percebe-se que houve certo cuidado para que o tema fosse abordado sem provocar um choque na sociedade, escolhendo atrizes bonitas e não expondo uma maior intimidade sexual entre elas. O preconceito também foi bem explorado, enfatizando a dificuldade da aceitação do grupo de amigas e até mesmo dos pais que não aceitavam o fato de terem uma filha homossexual. Desde então, outras novelas do horário nobre como *América* (2005), *Paraíso Tropical*(2007), *Caras e Bocas* (2009) vêm abordando o assunto e mostrando a relação homossexual de forma “leve” para não chocar o público.

Adiante, reproduziremos as capas do ano 2 de *Lampião da Esquina*, com os títulos das matérias principais. Incluímos ainda material literário publicado pelo jornal nesse período.

LAMPIÃO
 ano 2 n.º 13 — Junho de 1979 — Cr\$ 20,00
 Leitura para maiores de 18 anos da esquina

de sodoma a auschwitz

A MATANCA DOS HOMOSSEXUAIS

ESSA MULHER É LESBICA!
 (por isso a acusam de homicídio)

homens, pássaros, aviões? não. são OS MENINOS DE BÉJART




um roteiro sō para entendidas
 uma praça chamada republica
 entrevista: os embalos de calmon
 fernando pessoa: poeta ou macho-man?

Figura 37

Um sacrilégio

Tem dezessete: a idade de colégio
 Vendida a um desonroso botequim,
 Ostenta o nome abrasonado: Régio.

Cometendo um indigno sacrilégio,
 Não versifico em clássico latim
 (Que não entenderá). Talvez assim,
 Goste do meu rimado florilégio.

Desde criança um franco monarquista,
 Sou para os reis uma fácil conquista.
 Tente! Juro, que não resistirei:

Um fidalgo ante a Sua Majestade
 Não merece uma nova dignidade
 Das tenras mãos de tanto amado Rei?
 Valério Pereléchin

Edição número 13 – junho 1979

Esquina: *E se Gilberto Freyre também fosse negro?/Portugal sem bacalhau,
 mas com muito panelheiro/Para os meninos, mais um roteiro – Niterói e
 Bê Agá/Viva São Paulo: um roteiro para mulheres*

Reportagem: *Um praça chamada República/"Mulher não é maçaneta: tira
 a mão daí!/Ninuccia é acusada de homicídio, mas só provam que ela é
 Lésbica/Uma alegria que vai durar muito/Os meninos de Maurice Béjard/
 Nos embalos de Calmon*

Ensaio: *Moral e bons costumes uma questão de economia/De Sodoma a
 Auschwitz a matança dos homossexuais*

LAMPIÃO

ANO 2/n. 14 rio de janeiro/julho 1979/cr\$ 20,00 ● Leitura para maiores de 18 anos da esquina

**ALÔ, ALÔ
CLASSE
OPERÁRIA:
E O PARAÍSO, NADA?**

*LULA fala
de
greves, bonecas
e feministas:
chumbo grosso!*

**O movimento
lúco-
lêsbico**

**San
Francisco:
APOS A
REVOLTA**

**Bahia
de todos
os gueis**

... e muita bixórdia

Figura 38

Por meio do discurso poético, abrimos mão da linguagem objetiva, lógica, sistemática, impessoal, coerente. O discurso poético pode e deve ser subjetivo; pode inventar palavras; pode transgredir as normas oficiais da Língua; pode criar ritmos inesperados e explorar sonoridades entre palavras; pode brincar com trocadilhos e duplos sentidos; pode recorrer a metáforas, metonímias, sinédoques e ironias; pode ser simbólico; pode ser propositalmente ambíguo e até mesmo obscuro. Tal tipo de discurso tende a plurissignificação, à conotação, almeja que diferentes leitores possam chegar a diferentes interpretações.

Edição número 14 – julho de 1979

Esquina: *Maria Brasileira, a casadoira/Eram os homossexuais astronautas?/A revolta de San Francisco/*

Nova mensagem para a mulher: “conforme-se”/Ao Pasquim com carinho/O movimento louco-lésbico na França

Reportagem: *E o negro é beatiful?/Alô, alô, classe operária: e o paraíso nada?/E tem aquela história de luta de classes.../ Londres, Amsterdam, Berlim: onde o ativismo é para valer/Clarice do outro lado do espelho*

LAMPIÃO

NO2-Nº15 Rio de Janeiro/agosto 1979/Cr\$ 20,00 ● Leitura para maiores de 18 anos da esquina

NEGROS: QUAL É O LUGAR DELES?



ABDIAS NASCIMENTO
'Democracia racial é o governo da minoria branca'



De bicha, crioulo e louco, todos nós temos um pouco

- 1° JOGADOR DE FUTEBOL E MADRINHA DO TIME**
- 2° O JOGO DO SÉCULO: GAYS IXO POLÍCIA**
- 3° QUEM TEM MEDO DE SIDNEY MAGALL?**

Figura 39

A seção “Literatura” de *Lampião da Esquina* abriu espaço principalmente para divulgar a poesia jovem. “Entre publicar poetas consagrados e dar vez aos jovens, nosso jornal escolheu o segundo caminho, e resolveu abrir esta página a todos os que se dediquem com talento e verdadeiro empenho à poesia. Dentre os poemas enviados à nossa redação, Gasparino Damata mensalmente selecionará alguns para publicação mediante dois critérios: a qualidade e o enfoque lírico de uma das formas mais expressivas da comunicação humana – a sexualidade, dos pontos de vista que interessam aos leitores deste jornal”(edição número zero). Em um segundo momento, Gasparini Damata resolveu também publicar poemas de autores consagrados, mas desconhecidos do público em geral, como os poemas do poeta Grego Cavafi. A ficção homoerótica tanto nacional como internacional produzida no período de sua existência também foi destacada, o conto de João Silvério Trevisan *O Onanista*, virou uma referência clássica (edição número 31) . O que era lançado no cinema, música, teatro também eram resenhados.

Edição número 15 - agosto 1979

Esquina – *Manifesto do Rio Serra/Em busca de uma nova moral/Jogador de Futebol é madrinha do time/Gueis, um: polícia, zero/Deixem a Lapa em paz/O céu está caindo?/De bicha, negro e louco, todos temos um pouco/Nossa Pobreza é nosso maior charme/Pintou a solidadriedade*

Entrevista: *Paulo Coelho diz como criou Sidney Magal/Nessa democracia quem governa é a minoria branca*

Reportagem: *A fábrica de heterossexuais/Um dia de luta contra o racismo*

LAMPião
Rio de Janeiro/setembro, 1979/ Cr\$ 20,00 ● Leitora para maiores de 18 anos da esquina

HOMOSSEXUAIS SE ORGANIZAM

as confissões de darlene glória

EXCLUSIVO

'ALTOS PAPOS SOBRE TRAVESTIS'
lembrando 'papai' marcuse

'Minas elege a sua 'MISS GAY'

'CHANTAGEM NO BANHEIRO DA CENTRAL'

Figura 40

Poema para o modelo

Tenho-te em mim espada e túnel

Modelo e forma

Carne-cor

Vejo-te em mim ave e peixe

Espelho e sol

E os pelos do teu sexo

Guardar ainda

Nossos braços entrelaçados

Sobre esteira e renda

E ressurgirmos do sonho

Erectos erectos.

José Renato Pimentel

Edição número 16 – setembro de 1979

Esquina: *Uma visita à nossa redação/Quanto cocô de cachorro/Apresentando Dennis*

Altman/Canhotos: uma minoria liberada

Reportagem: *O pessoal do SOMOS (um debate)/O pessoal do Libertos (um balanço)/*

Organização e métodos

Entrevista: *Anselmo Vasconcelos, ator/ e o seu rosto mais sereno/Um roteiro perfeito*

do bofão ao travesti/Filme premiado mostra um dia de boneca/Juiz de Fora elege

sua "Miss Gay"

Entrevista: *As confissões de Helena Brandão, ou Darlene Glória/Umberto Eco*

nos descobre/Com muita alegria e orgulho lembrando Marcuse

Ensaio: *No Quilombo o samba é pra valer*



Figura 41

O canibal

Sou canibal. Começarei a festa
 Por Paulo que parece um jovem rei:
 Cortando o seu corpo, eu me vingarei
 Desse que me despreza e mais detesta

Chega? Mas não, que a morte seja honesta!

Vem cá, Francisco, não te eximirei:
 Tu és também redondo como um frei
 Que almoça bem e dorme bem na sesta.

E há mais um que se chama de Livanos,
 Magro para os seus vinte e tantos anos
 Doce na sobremesa, eu pressinto!

Três carnes, três tamanhos, três sabores,
 Pregusto-os com o meu olhar faminto,
 Quando se afastam pelos corredores.

Valério Perelechin

Edição número 17 – outubro 1979

Esquina: *Movimentos negros/Anistia para as mulheres/
 Feminismo em Porto Alegre/Passagem de fluxo*

Reportagem: *Bichas, mulheres e negros no açougue do
 “marketing”/Na jaula (a história de um presidiário guei)*

Ensaio: *“Que tu tenhas teu corpo” (Habeas corpus)/
 Uma entrevista com Marta Suplicy: Sexo nas escolas só
 Papai com mamãe e olha lá!*



Figura 42

A vitrina da Tabacaria

Perto de uma vitrina iluminada
 Da tabacaria estavam entre muita gente
 Os seus olhos por acaso se encontraram
 E o ilícito desejo de sua carne
 Timidamente demonstraram, com reserva.
 Depois uns passos inquietos na calçada
 Até que eles sorriram e acenaram.

E em seguida a fechada carruagem...
 A aproximação erótica dos corpos
 As mãos unidas e os lábios colados
 Constantino Cavafi (tradução de Theon Spanudis)

Edição número 18 – novembro 1979

Esquina – *Somos todos inocentes/Os negros vão ao paraíso?/*

O homem mais sexy do Brasil é Ney

Entrevista: *Fernando Gabeira fala, aqui e agora, diretamente dos anos 80*

Ensaio: *Olga Alaketo: objeto de consumo do poder*

Reportagem: *Os gueis do Flamengo e a bixórdia do Sr. Braga/*

O Papa não nos ama? Nós rezamos por ele/Arte negra em

Paris/ Vivencial Diversiones apresenta: frangos falando

Para o mundo

 **LAMPIÃO**
 Rio de Janeiro, dezembro, 1979 — Cr\$ 25,00 • Leitura para maiores de 18 anos da esquina

**anistia
apóia
homo
sse
xuais**

México, 1979: o povo guei nas ruas. Lá, como aqui, o começo dos anos 80

1980:

ANO INTER NACIO NAL DAS BICHAS

Vítimas da OPRESSÃO SEXUAL, agora são presos políticos

• Como gostoso o meu torturador quanto vale o negro brasileiro?

RIO GAY·TOUR




Figura 43

“Constantino Cavafi (1863 – 1933) é o primeiro grande poeta revolucionário de nossa época. Por dois motivos: 1. em pleno simbolismo o decadentismo ele falou do prazer, da sensualidade e do amor entre homens sem usar o véu da hipocrisia, sem sentimentos de pecado e sem depressões pós-coitais que assaltam os que resolvem se ‘confessar’. 2. Introduziu no discurso poético todas as palavras mais humildes e cotidianas – colchão, operário, café, gravata, lenço, dinheiro -, transfigurando-as com o poder de evocação com que as inseriu. No contexto do idioma grego foi também o primeiro poeta que usou a língua moderna, misturando-a com a clássica, um sacrilégio que acrescentando ao de ser pagão dionisíaco e homossexual, fez com que permanecesse praticamente inédito até sua morte.” (edição número 04, Francisco Bittencourt)

Edição número 19 – dezembro 1979

Esquina: *Vamos rodar a baiana?/Os que estão conosco/No México a vez dos “jôtos” e “lesbianas”/ O ovo da serpente*

Reportagem: *Anistia apóia homossexuais/Dois travestis uma advogada: três depoimentos vivos sobre o sufoco /Um anistiado conta histórias do cárcere*

Ensaio: *Cultura homossexual: já existe? Quanto vale o negro brasileiro?/ Zezé Motta, negra e mulher-bicha*

Ensaio: *Dia 31, todo mundo na praia – Axé!*

LAMPPIÃO

Ano 2/Nº 20 Rio de Janeiro, janeiro de 1980 — Cr\$ 25,00 • Leitura para maiores de 18 anos da esquina

Aconteceu no Rio:

encontro nacional do povo gay

Violência:

- ★ o esquadrão mata-bicha
- ★ o herói estuprador

- * IBGE dá o golpe nos negros
- * as confissões de um michê
- * mangueira discrimina LECY

Figura 44

Poema para teus seios

Cerro os olhos pra não ver,
 E mãos para não apalpar
 E bocas pra não chupar teus seios
 Desejo beber teu leite,
 Azeite de oliva branca,
 E provar com minha língua
 O macio de teu peito.
 E se em inútil trabalho
 Te afasta a blusa de mim,
 Eu, por inúmeros meios,

e bocas pra chupar
 teus seios.

Leila Míccolis

Edição número 20 – janeiro 1980

Opinião: *O que é isso Heloneida?/Mangueira discrimina Lecy/A barra dos*

Jornalistas

Violência: *Um esquadrão mata-bicha? Nós estupradores/O caso Marisa Nunes*

Esquina: *Maria Scheider informal*

Ativismo: *No Rio, o encontro nacional do povo guei/Seis horas de tensão,*

Alegria e diálogo: é a nossa política/Na hora da festa, conosco ninguém pode

Entrevista: *Os clientes as transas os babados: as confissões de um jovem michê/*

Mas como é mesmo essa nova história de prisão cautelar

Reportagem: *IBGE dá golpe nos negros*



Figura 45

Ode – Augusto Frederico Schmidt

Eu te falarei dos grandes instantes
 Em que tua cabeça adolescente
 Adormeceu cansada sobre meus ombros
 Eu te falarei dos grandes instantes
 Em que teu espírito recebeu
 As minhas palavras
 E os teus olhos ardentes revelaram a tua ingênua
 [compreensão

Eu te falarei dos grandes instantes
 Em que a minha música imóvel
 Penetrou o teu corpo e criou um ritmo novo
 [para o teu ser

Eu te falarei dos grandes instantes
 Em que te senti coroado de violetas
 Em que senti pleno e perfeito
 Espírito e glória, caloroso como os
 [velhos vinhos
 Eu te falarei de tua clara beleza
 E farei com que tua nudez
 Se revele no teu equilíbrio e no pudor
 [perfeito
 Glória jovem e dionisiaca
 Glória eterna
 Deus jovem.
 Filho do Grande Amor.
 Herói e criança!

Edição número 20 – fevereiro 1980

Esquina: *A vida é fácil?/Eloína dá o serviço: operação, implantes,
 Selicones, etc./Tudo sobre o carnaval das bichas*

Entrevista: *Incrível, fantástico, extraordinário: Rafaela Mambaba,
 “alive and well”!*

Violência: *O governo diz que não. Mas vem aí a prisão cautelar/
 Algumas vozes contra/Fala o movimento negro unificado*

Esquina: *Bichas: já pra cozinha*

Reportagem: *Um histórico da repressão aos homossexuais na terra
 de Videla*

 **LAMPIÃO**
Rio de Janeiro, março de 1980 - CR\$ 25,00 da esquina

**CARNAVAL
DAS
BICHAS
É O MAIOR
DO MUNDO**

ano 2
NUMERO 22
Leitura para maiores de 18 anos

**GENI É A
MÃE**

**O TRAVESTI: ESTE
DESCONHECIDO**

BUENOS **A**IRE**S**: numa cidade em pânico, os gays resistem

HOMENS NUS!

Figura 46

Soneto- Mário de Andrade

Aceitarás o amor como eu
 o encaro?
 ...Azul bem leve, um nimbo,
 suavemente
 Guarda-te a imagem, como
 um anteparo.
 Contra estes móveis de
 banal presente.
 Tudo o que há de melhor e
 de mais raro
 vive em teu corpo de
 adolescente
 As pernas assim jogada e o
 braço, o claro olhar preso
 no meu, perdidamente.
 Não exijas mais nada. Não
 desejo também mais nada,
 só te olhar, enquanto
 A realidade é simples e isto
 Apenas.
 Que grandeza...A evasão
 total do pejo
 que nasce das
 imperfeições.
 O encanto que nasce das

Edição número 22 – março 1980

Opinião: *Tá legal, "Geni"; mas e a mãe tá boa?*

Ativismo: *Ai que São Paulo Gostoso...*

Esquina: *Mulher, discurso minoritário e atuação revolucionária*

Reportagem: *O que é isso companheiro?/Depilação doce*

Tortura? The Buenos Aires Affair

Ensaio: *O travesti, este desconhecido*

Festim: *Carnaval das bichas o maior do mundo*

adorações serenas.

LAMPPIÃO

Ano 2/ n.º 23 Rio de Janeiro — abril de 1980 — Cr\$ 30,00 • Leitura para maiores de 18 anos da esquina

TUDO SOBRE O ENCONTRO DO POVO GAY

ESQUERDA JOGA BOSTA NAS FEMINISTAS

OS HOMOSEXUAIS DA TV

UM MOLIERE PARA MARIA LEOPOLDINA

MACONHA: o que é isso, xará?

A NUDEZ DO MENINO DO RIO

Figura 47

Umberto Eco em entrevista concedida para o jornal *Lampião da Esquina* diz que “o jornal diário é como um banho morno no qual imergimos de alma sôfrega todas as manhãs” (LAMPIÃO, 7: 17). Quer dizer, a comunicação é tão importante quanto o pão nosso de cada dia. O conceito de obra aberta é o mais fundamental de seu pensamento. Nele, a arte possui um sistema

Edição número 23 – abril 1980

Opinião: *Esquerda, direita, um dois*

Esquina: *O papel do travesti na emancipação feminina/Deus nos livre do “boomgay”*

Entrevista: *Blanco, Michalski, Marinho: um Molière para Maria Leopoldina, Urgente!*

Reportagem: *Congresso das Genis: esquerda joga bosta nas feministas/Uma Igreja para o povo guei?*

Ativismo: *Povo guei se reúne em São Paulo*

Ensaio: *O Samba do Governador Doido*

dinâmico de significados, que é formalizada por suas funções comunicativas e pelo relacionamento ativo entre os pólos emissor/receptor.

Na mesma entrevista o pensador comenta que “ os chineses antigos costumavam desejar a seus adversários que vivessem uma época inteligente. Foi essa sem dúvida a praga que nos rogam. A nossa é uma época tremendamente inteligente”.

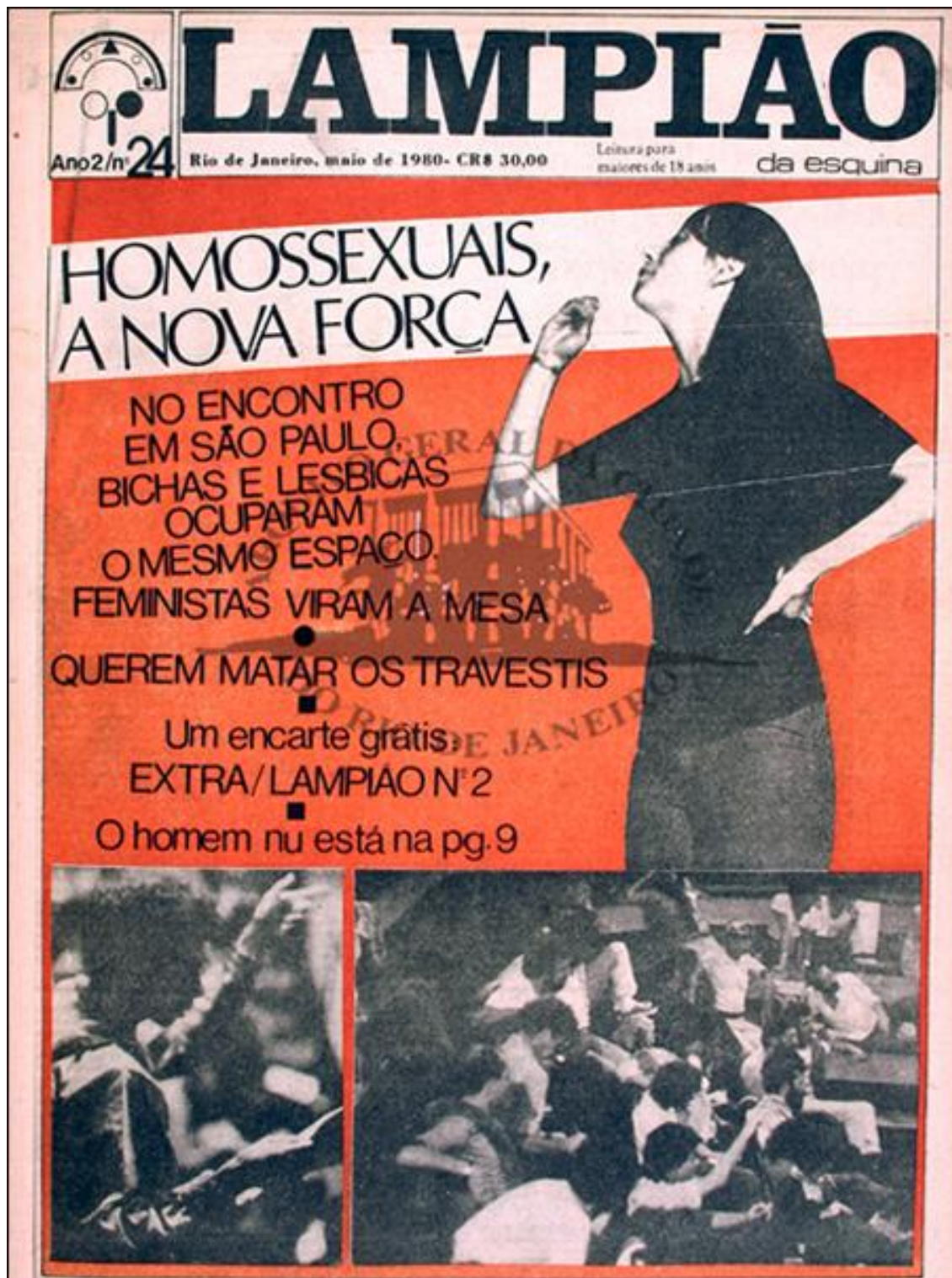


Figura 48

Antropofagia

Conduzo-te faminto

Até a velha cama,

Que é grande e redonda

Como uma mesa de banquete.

Insalubres, nossas salivas se confundem.

Edição número 24 – maio 1980

Opinião: *Um apelo da tradicional*

Família Mesquita: prendam, matem e

Comam os travestis

Ativismo: *Isso também é Brasil/*

Homossexuais a nova força

Reportagem: *Feministas vira a mesa/*

Homenagem Sartre para todos os

gostos

Rolam nossos corpus suados

Sobre as tenras cobertas.

Bates persistente

Contra o meu umbigo

Com teu sexo – peixe cego.

Arrancando-te os pelos das axilas,

De pura agonia gozo.

Franklin Jorge



Figura 49

Capítulo III

VOZES DA DIVERSIDADE

3.1 *Lampião* e Sexualidade

Para combater a imagem desqualificada do gay e desmoralizar o moralismo vigente, algumas tarefas se impunham para o jornal *Lampião da Esquina*. A primeira delas era enfraquecer algumas “verdades” que, até então, serviam como justificativas para a construção de apreciações negativas das práticas homossexuais. Era preciso, por exemplo, destruir a idéia antiga autorizada pelo saber médico que associava a homossexualidade à doença. A patologização das práticas homossexuais era um obstáculo para o indivíduo se reconhecer como sujeito de uma homossexualidade, tomando essa luta minoritária para si.

Lampião da Esquina tomava a luta contra a “verdade” patologizante do homossexualidade como uma função do discurso jornalístico ao fazê-la migrar do território das “verdades científicas” para o território da informação e da notícia. A homossexualidade passava a constituir-se então não mais como um objeto de análise clínica, mas como um acontecimento da cultura, abrindo espaço, imediatamente, para que outros autores do discurso sobre o tema ficassem em evidência, para além dos médicos. Esse deslocamento podia ser percebido nos artigos publicados pelo jornal em sua coluna chamada *Opinião*.

Na coluna *Opinião* do número dois de *Lampião da Esquina*, Darcy Penteado assinou o ensaio “*Homossexualismo que coisa é essa?*”. O texto, agia contra as supostas verdades médicas que submetiam a homossexualidade à doença, construindo sua explicação patologizante.

Penteado revela a imagem de uma medicina que, a despeito de seu estatuto científico e de suas tentativas, também cometia erros e era incapaz de conseguir classificar com precisão a homossexualidade como distúrbio genético, endócrino ou psíquico, como podemos perceber no trecho seguinte:

Ajustar o homossexualismo a uma exata classificação genética, endócrina ou psíquica não só é difícil mas impossível e, com todo o avanço da ciência ainda não se obteve uma definição de suas verdadeiras origens e motivações.

Diante da impossibilidade de determinar suas origens e motivos, a idéia da homossexualidade como doença perdia suas forças. O texto prosseguia mostrando as falhas e a violência de certos tratamentos prescritos pela medicina como a aplicação de hormônios

masculinos em homens e de hormônios femininos em mulheres ou o eletro-choque nos órgãos genitais na tentativa de reverter a homossexualidade.

Processos até certo ponto simples só que errados. O primeiro, ao contrário de suprir a discutível deficiência, incentivava os desejos sexuais pelas pessoas do mesmo sexo e o segundo, malgrado a sua violência, condicionava o paciente à impotência, não a uma repulsão pelo ato sexual realizado “fora das normas”, como era previsto. (...) A questão não é então hormonal e se é de origem mental, não pode ser tratada com esse sistema bárbaro de castração psicológica.¹³⁶

Ao criticar os tratamentos prescritos, o texto colocava em xeque seus resultados, mostrando que um levava à impotência e não à repulsão sexual e o outro levava ao aumento do “desejo homossexual”. Ser homossexual, portanto, não seria um desvio em relação à natureza de seu próprio sexo, mas ao contrário, um excesso desta mesma natureza. O texto prosseguia associando a prescrição de tais tratamentos a práticas médicas antiquadas que perdurariam somente em alguns países.

A Medicina atual está apoiando, possivelmente, com mais acerto mas sempre em passos titubeantes, uma tese de conciliação endócrino-psicogênica. Segundo ela, desejo sexual e erotismo dependem, tanto no homem quanto na mulher, de um grupo de substâncias denominadas andrógenos, dos quais os seres humanos reagem com comportamento masculino ou feminino, conforme a sua maior ou menor atuação.¹³⁷

Ao distinguir a perspectiva de uma medicina atual da perspectiva de uma medicina antiga, o texto fazia com que a força do saber médico reagisse contra si mesma, mostrando um discurso médico pouco convicto das verdades que defendia e relativizando essas verdades. As verdades médicas seriam construções históricas provisórias, relativas ao tempo e ao lugar de sua emergência. Contra a verdade médica de uma homossexualidade como doença, o texto apontava para a emergência de uma bissexualização da natureza humana. Vejamos:

É impossível que o ser humano, em sua origem mais primária, tenha sido bissexuado porque os dois órgãos sexuais, masculino e feminino, em suas partes periféricas, são dotadas de predisposição sexual. O mesmo então deve acontecer em sua parte central, isto é, no cérebro contendo centros masculinos e femininos responsáveis pelo gênero de atuação sexual. A

¹³⁶ Ver Penteadó, Darcy, “Homossexualismo: que coisa é essa?”, *Lampião da Esquina*, nº 02

¹³⁷ *Ibidem*

homossexualidade resultaria então da predominância do centro errado, isto é, do sexo oposto. Esta teoria é aceitável, mas não deixa de ser discutível porque se encaixa perfeitamente com a definição de transexualismo, mas carece de mais elementos para o homossexualismo, cujo comportamento psíquico difere, sem ser gradativo ou correlacionado com o outro citado.

O texto aceitava, em parte, a idéia de uma origem bissexual do ser humano já que tal verdade inscreveria as práticas homossexuais como parte da natureza e não como anti-naturais. Tanto homens quanto mulheres, independente de serem hetero ou homossexuais teriam contido em si, em estado latente e inscrito nos órgãos sexuais e no cérebro, as predisposições do sexo oposto. A homossexualidade seria, segundo tal perspectiva, a manifestação dessa predisposição latente em heterossexuais. Contudo, a aceitação de tal tese era limitada, pois já se distinguia na época a figura do homossexual transexual. O segundo desejaria claramente mudar de sexo, enquanto que o primeiro, não obstante os equívocos de interpretação do senso-comum viveria suas práticas sexuais e afetivas com pessoas do mesmo sexo sem abdicar do seu gênero. Essa era uma das lutas do Lampião da Esquina: mostrar que para ser homossexual, não era preciso deixar de ser homem nem mulher.

O texto encerrava sua primeira parte, destinada à crítica dos saberes médicos, apontando para a importância do trabalho da “psiquiatria moderna” em relação aos homossexuais. Ser moderno significava mudar os objetivos do tratamento, não pretendendo mais a cura do paciente, mas seu ajuste a sua própria homossexualidade.

Pelo menos uma coisa é certa e relevante: os psiquiatras modernos, na impossibilidade de curar (?), trabalham no sentido de ajustar os pacientes à sua homossexualidade, o que já é tarefa difícil, considerando as barreiras da sociedade de predominância heterossexual, que tem obrigado o homossexual a viver em mutismo a sua verdade, o circunscreveu aos limites do “gueto” da tolerância coletiva. Por essa razão, a maioria dos homossexuais tem desejado ser “normal” e durante toda a sua vida racalca e esconde seus sentimentos verdadeiros numa tentativa de condicionamento nessa “normalidade”.

O desajuste do indivíduo não seria em relação à sociedade, mas a si mesmo, devido às dificuldades de aceitar-se e reconhecer-se como homossexual. O domínio da heterossexualidade aparecia aos olhos dos homossexuais como índice de uma “normalidade” que o levaria a negar sua “verdade sexual” e viver uma heterossexualidade “de mentira”. A

verdade muda e escondida só poderia vir à tona em guetos, entendidos aqui como espaços tolerados socialmente. O gueto, ao calar e circunscrever a verdade homossexual a limites sociais precisos, garantiria o padrão da normalidade social.. Nota-se que, segundo o texto, a homossexualidade era uma verdade e não uma sexualidade “de mentira”, que até então tivera a sua existência mantida em silêncio e exilada por imposição de uma moralidade dominante. Ajustar-se a sua própria homossexualidade significava reconhecer-se como sujeito homossexual e acreditar nessa condição.

Se a homossexualidade podia ser considerada como um fato, ela servia como matéria jornalística a ser publicada e difundida. Se além do fato, era condição humana, contra ela nada podia ser feito a não ser aceitá-la como aspecto da vida dentre tantos outros e defender os seus direitos. O texto se dirige ao leitor, dando-lhe informações capazes de levá-lo a vencer o medo de ser visto como anormal e doente e de permitir com que ele se reconhecesse e se assumisse como homossexual. Ler *Lampião da Esquina* era uma forma do indivíduo ser levado a reconhecer-se como sujeito de uma homossexualidade.

3.1.1 Os casos João do Rio e Antônio Chrysóstomo

A partir do Código Penal do Império (1830), os loucos e menores de idade eram considerados “irresponsáveis”, cabendo ao juiz decidir se deviam ou não ser recolhidos em “casas para eles destinadas”. Ao mesmo tempo que buscava a ajuda da psiquiatria, a jurisprudência outorgou legitimidade à tutela psiquiátrica, utilizando como ponte a medicina legal, que também procurava impor-se com um estatuto científico. Agora considerado doente, o pederasta não era mais culpado por transgredir a norma, o que significava a sua inimputabilidade, do ponto de vista jurídico.

Assim, em 1926 apareceu um estudo psicológico sobre a vida e a obra do escritor João do Rio, falecido em 1921 e, em seu tempo, sobejamente conhecido como homossexual. Escrito no mais autêntico estilo parnasiano pelo psiquiatra (que também se intitulava psicanalista) Inaldo de Lira Neves-Manta, o livro pretendia demonstrar a estranha tese de que as páginas de grande beleza produzidas por João do Rio resultavam do excesso de sensibilidade com que a “inversão sexual” dotara esse escritor. Daí porque Neves-Manta respondia positivamente à pergunta: não seria a obra de João do Rio “o resultado de um estado alucinatório”? Nada a estranhar, porque

muitos escritores extraordinários, de Goethe a Wilde, também teriam gestado sua obra durante estados alucinatórios, segundo o autor. João do Rio foi então pormenorizadamente dissecado em seus traços fisiológicos e psicológicos, para se concluir que ele sofria as conseqüências do mau funcionamento de suas glândulas. Como, segundo Neves-Manta o indivíduo tem a saúde que tiver seu aparelho endócrino, assim, a arte de João do Rio resulta de um mau desempenho glandular. Em suma, na época se pensava que nem a livre consciência nem a criação artística existem verdadeiramente, já que ambas são determinadas pelo acaso da disfunção glandular ou psíquica.¹³⁸

Anos mais tarde, já no final de 1980 o editor de música do jornal *Lampião da Esquina* o jornalista Antônio Chrysótomo, homossexual assumido, foi acusado de molestar fisicamente sua filha adotiva. Tudo começou em fevereiro de 1979, no Rio de Janeiro, Chrysótomo adotou uma menina de três anos de idade, chamada Cláudia, que vivia mendigando na rua, com a mãe débil mental; ela era encontrada sempre à porta do prédio onde funcionava a redação do jornal *Lampião da Esquina*. Um ano e meio depois da adoção, iniciou-se uma campanha contra o jornalista, a partir de seus vizinhos de prédio. Perante o juiz de menores, inicialmente uma vizinha e uma empregada doméstica testemunharam que ele teria maltratado e estuprado a menina Cláudia. Mesmo depois do laudo médico dizendo o contrário o editor de música foi indiciado em processo criminal, agora sob acusação de “maus-tratos contra menor” e “uso de menor para fins condenáveis”, pouco depois, a menina foi retirada da custódia de Chrysótomo e levada para as dependências da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor, onde passou a viver, a partir de então.

A imprensa explorou o caso com sensacionalismo. Na época o jornalista Aguinaldo Silva chegou a dizer que havia se criado um comitê de caça ao jornalista. O jornal *Lampião da Esquina* recebeu vários telefonemas ameaçadores caso seu integrante não fosse condenado ou internado numa clínica psiquiátrica.

Com tamanha demanda, o jornalista acabou tendo sua prisão preventiva decretada e após passar oito meses preso foi finalmente julgado e condenado a dois anos e oito meses de prisão (por atentado violento ao pudor), mais dois meses e vinte dias (por maus-tratos a menor) e um

¹³⁸ TREVISAN, 2007: 184

ano de medida de segurança em prisão (por periculosidade social). Julgado em segunda instância, no dia 17 de março de 1983, foi considerado inocente, sob alegação de que o julgamento anterior baseava-se não em provas mas em conjecturas. Após um ano e nove meses de prisão Antônio Chrysóstomo foi liberado. Faleceu alguns anos depois, sem nunca reaver a garota.¹³⁹

A violência homofóbica sofrida pelo jornalista é um entre inúmeros outros casos, o que diferencia a sua história foi o fato de ter sido arrolado pela acusação no processo de seu primeiro julgamento, relatórios de psicanalistas associando a homossexualidade com pedofilia. Estes relatórios também demarcaram comprometimento psicológico, devido ao abuso, na menina Cláudia, abuso que nunca existiu. A falta de conhecimento, interpretação errônea de textos sobre psicologia ou apenas puro preconceito podem ter ajudado na elaboração destes relatórios.

3.1.2 A violência do Gênero

Aproximadamente trinta anos depois do caso de Antônio Chrysóstomo os brasileiros ainda continuam presenciando inúmeros casos de homofobia. Na madrugada do dia vinte e um de junho de dois mil e dez na cidade de São Gonçalo no Estado do Rio de Janeiro o adolescente gay de quatorze anos Alexandre Ivo foi seqüestrado por um grupo de jovens enquanto esperava o ônibus. A vítima foi espancada, torturada e asfixiada até a morte. Os suspeitos estão sendo acusados de praticar homicídio duplamente qualificado por motivo torpe. Em vinte e dois de outubro de dois mil e dez o estudante do terceiro ano de Biologia da Universidade de São Paulo (USP) Henrique Andrade e seu companheiro foram agredidos, física e verbalmente, na festa “Outubro ou Nada”, promovida pela Escola de Comunicação de Artes (ECA), por três estudantes da referida universidade. Em novembro tivemos o caso dos jovens gays que foram agredidos na região da avenida Paulista em São Paulo, um acabou tendo uma luminária quebrada na cabeça e um outro apanhou com um soco inglês. No Rio Grande do Sul na Universidade de Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) um grupo de estudantes se manifestou contra a eleição de dois estudantes gays para o diretório acadêmico da universidade e em Teresina, PI, o professor universitário Leôncio Ferraz que ministrava a disciplina de Metodologia da Pesquisa Científica no curso de Serviço

¹³⁹ Sobre o caso ver João Silvério Trevisan, *Devassos no paraíso*.

Social da Faculdade Ademar Rosaldo (FAR) escreveu um texto homofóbico e o usou como base para suas provas¹⁴⁰.

Os exemplos de ataques homofóbicos são recorrentes e inúmeros. O destaque dado pela mídia é que tem mudado no decorrer dos anos proporcionando uma maior visibilidade ao fenômeno. Entendemos mídia como o conjunto de instituições que utiliza tecnologias específicas para realizar a comunicação humana. Vale dizer que a mídia implica na existência de um ser intermediário tecnológico para que a comunicação se realize. A comunicação passa, portanto, a ser uma comunicação mediatizada. Este é um tipo específico de comunicação que aparece tardiamente na história da humanidade e se constitui um dos importantes símbolos da modernidade. Concretamente, quando falamos de mídia, estamos nos referindo ao conjunto de emissoras de rádio e televisão (aberta e paga) de jornais e revistas, do cinema e das outras diversas instituições que utilizam recursos tecnológicos na chamada comunicação de massa¹⁴¹.

Na cultura ocidental, frequentemente observa-se a projeção da sexualidade humana na natureza, de forma que ela passe a ser percebida de acordo com as noções de masculinidade e feminilidade em voga. Desta maneira, o meio social é regido por uma série de comportamentos estigmatizados e, por tal motivo, tudo que estiver fugindo a este padrão torna-se inaceitável.

A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias. Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontrados. As rotinas de relações sociais estabelecidas nos permitem um relacionamento com “outras pessoas” previstas sem atenção ou reflexão particular. Então, quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, a sua “identidade social”.¹⁴²

¹⁴⁰ (...) Deve-se considerar também, que a própria relação sexual que se estabelece entre os homossexuais contraria a ordem das coisas relativas à sexualidade e genitalidade humana. Sendo o ânus um órgão não receptor, como a vagina, mas expelidor de excrementos, não existem mecanismos facilitadores deste tipo de relação, pois não há nenhuma substância líquida como no órgão feminino, que possibilite uma relação satisfatória. (...) também por ser uma relação cuja posição não é face a face, mas ao contrário, no mais puro estilo animal, não tem como se expressar o amor de uma pessoa pela outra, já que esta posição revela uma instrumentalização do outro, a mera busca pela prazer. Site: acapa.virgula.uol.com.br – acessado em 13/12/2010

¹⁴¹ LIMA; 2001: 113

¹⁴² GOFFMAN, 1988: 11-12

A ação das pessoas tende a ser ditada pelos estereótipos que ela traz consigo e, desta forma, ela vai projetando as suas idéias no meio ao qual ela está inserida e buscando as identificações provenientes aos mesmos conceitos estereotipados. Quando tais conceitos são levados até as questões referentes a sexualidade, se espera por comportamentos diferenciados entre homens e mulheres e, por mais que a “revolução sexual” tenha ganhado espaço, buscando alcançar a igualdade entre os sexos, atitudes que colocam a mulher como “sexo frágil” e o homossexual como “patologia” ainda são comuns no meio social.

Seguindo as normas de cada papel, o homem deve cuidar do que é público e a mulher do privado, ou seja, o homem é o que sai de casa para trabalhar e buscar formas de gerar o sustento da família e a mulher responsabiliza-se pelos cuidados com a casa e com os filhos.

A tentativa de modificar conceitos e quebrar tais paradigmas é antiga, porém, ganhou maior projeção a partir do momento que as mulheres conquistaram mais direitos na sociedade, durante a década de setenta e se adentraram aos portões das universidades, buscando carreiras mais reconhecidas como medicina, direito e administração de empresas. Assim, a sociedade passou a ter uma percepção diferenciada do sexo feminino, influenciando concomitantemente na cultura e nos modelos até então aceitáveis.

Apesar do crescimento do número de mulheres no meio profissional a maioria dos trabalhos que lhes são atribuídos ainda se relaciona à sua fragilidade e delicadeza, típico estereótipo do feminino. Ao encontrar mulheres em profissões tipicamente masculinas como as da área da mecânica, por exemplo, é comum encontrarmos também atitudes preconceituosas, já que estes papéis não combinam com os estereótipos que lhe foram dados.

Da mesma forma ocorre com os homens, pois quando exercem profissões que fogem aos papéis masculinos estereotipados pelo meio social, são classificados como gays, mesmo não sendo. Ao seguir tal linha incoerente de raciocínio, profissões como cabeleireiro e dançarino só podem ser exercidas por homens se estes forem gays. Consequentemente, tais profissões acabam mesmo sendo as predominantes na preferência do grupo homossexual, pois nelas eles encontram maior aceitação, podendo assumir a sua orientação sexual com mais liberdade.

No entanto, com este tipo de conduta que delimita a ação dos que são considerados diferentes pela sociedade, também reproduz o preconceito não só dos heterossexuais, mas dos

homossexuais em si, pois eles assumem os estereótipos e os papéis preconceituosos que lhe foram atribuídos. Isso pode ser explicado pelos sentimentos de culpa que o gay costuma trazer consigo por ser diferente e faz com que ele introjete idéias homofóbicas que insistem em afirmar que a homossexualidade é uma patologia que o indivíduo escolhe ou não vivenciar.

Ainda no que diz respeito ao público gay, os estereótipos costumam atingir dimensões bem maiores, a começar pelas diversas nomenclaturas difamatórias que são atribuídas àqueles que têm preferências pelo mesmo sexo. A homossexualidade ainda é associada à promiscuidade e a “desvios de personalidade”.

O grupo homossexual ainda parece ser excluído do meio social e costuma encontrar inúmeras dificuldades para ter uma qualidade de vida comum a qualquer tipo de cidadão, pois toda atitude relacionada ao preconceito, tende a ter uma ligação direta com a discriminação. “Frequentemente, os preconceitos são ligados à discriminação, conduta tendenciosa contra (ou a favor de) uma pessoa ou grupo, pelo fato de participar do grupo, e não por méritos individuais”.

Percebe-se então que o preconceito é uma prática comum no meio social e que apesar de já ter sido reduzido significativamente, ainda atinge as mulheres e, por mais que as questões relacionadas às diferentes orientações sexuais entrem em pauta em várias discussões dos mais diversos âmbitos sociais, tudo indica que os gays ainda não têm um espaço aberto e isento dos estereótipos preconceituosos. O fato é que a sociedade definiu padrões considerados “normais” e, por isso, tem dificuldades ao ter que lidar com o que é diferente. Todas as resistências demonstram a alienação que resiste a tudo àquilo que não se encaixa no dito “normal”, assim, torna-se conveniente tampar os olhos para tudo o que é novo.

O normótico é aquela pessoa que escuta, é aquela pessoa que está pensando somente em si, é aquela pessoa que não se dá conta que tudo está ligado com tudo; que para diante de um semáforo e vê aquele bando de crianças perdidas e acha que isto não tem nada a ver com ele. Uns adolescentes matam: no Dia do Índio comemoramos o triste aniversário do mártir Galdino. Estes filhos de nossa sociedade não eram bandidos nem psicopatas, são nossos filhos; e o normótico acha que isto não tem nada a ver consigo.¹⁴³

¹⁴³ CREMA; 1995: 141

3.2 *Lampião* e os Leitores

Durante a existência do *Lampião* na seção *Cartas na mesa*, foram publicadas uma série de cartas de leitores, falando de um mundo subterrâneo da homossexualidade, de territórios de vivências homoeróticas tanto físicas como psíquicas que estariam se revelando e vindo à tona.

O *Lampião da Esquina* era um jornal mensário tablóide com dezesseis páginas em média e periodicidade regular, produzido por técnicas sofisticadas de edição e diagramação. O jornal possuía editorias fixas como “*Cartas na Mesa*”, onde as cartas dos leitores eram publicadas e respondidas, “*Esquina*” onde eram reunidas notícias, “*Reportagem*”, onde sempre a matéria de capa estava localizada, e a partir do número cinco a coluna “*Bixórdia*” que comentava e dava dicas sobre o dia-a-dia gay, “*Troca Troca*”, espaço para os leitores colocarem anúncios procurando parceiros(as) para se relacionarem. Além dessas sempre havia espaço para informações culturais, como indicações de livros, exposições, shows e filmes; e também para entrevistas. A produção do conteúdo era feita pelos conselheiros editoriais e por convidados que variavam a cada edição.

3.2.1 As cartas na Mesa

Durante seus três anos de publicação, *Lampião da Esquina* publicou regularmente uma seção de cartas nomeada por ele *Cartas na Mesa*. Esta seção, ao longo dos três anos da publicação reuniu, em média, 300 cartas que se ofereciam como um campo vasto de interpretações.

O título da seção de cartas de *Lampião da Esquina* enunciava a intenção de constituir uma jogada a partir dos missivistas, revertendo o jogo de desqualificação da imagem homossexual e conquistar a vitória de uma outra imagem, valorizada e positiva. Colocar as cartas na mesa era uma forma de mostrar que havia pessoas apoiando a afirmação homossexual em diferentes regiões do país e de promover, por meio das palavras publicadas, uma espécie de assunção homossexual.

A existência das seções de carta em jornal costuma ser considerada como um índice de credibilidade e responsabilidade jornalísticas, itens indispensáveis à conquista de qualquer público leitor que prime pela liberdade de expressão e opinião. Por elas seria possível medir a

receptividade de um veículo de informação e construir parâmetros para revisões e reformulações das linhas editoriais. Formas do gênero opinativo de imprensa, as seções de carta, ao veicularem a fala dos seus leitores, corroborariam com valores verdadeiramente democráticos.¹⁴⁴

Embora *Cartas na Mesa* tenha prestado como espaço de Expressão de diferentes formas de pensar a identidade homossexual, nela não se encontrava a fala livre de qualquer forma de controle. Essa seção de cartas não era somente uma coletânea de discursos de autores diferentes, mas um outro texto produzido pelo jornal. Quem escolhia em última instância as cartas que seriam publicadas, os títulos que seriam dados a elas, os trechos que seriam apresentados e os que seriam suprimidos, a página em que seriam registradas e a extensão do espaço destinado a cada uma delas era o *Lampião da Esquina*.

Portanto, *Cartas na Mesa* não escapava aos exercícios de poder. Por meio dela os missivistas falavam, mas o jornal também o fazia, não somente pelas respostas que destinava àqueles, mas pelas cartas que decidia mostrar e pelo que pretendia dizer por intermédio delas. O jornal falava de outra forma por meio da organização que dava aos textos das cartas. Nas cartas, os sujeitos que as predicavam se constituíam como lugares vazios, possíveis de serem ocupados, ao mesmo tempo pelos personagens que as assinavam e pelo próprio *Lampião da Esquina*.

Cartas na Mesa era a produção de um outro tipo de discurso jornalístico: um jornalismo epistolar que constituía uma outra forma de *Lampião da Esquina* se expressar, dessa vez, não por meio de reportagens, artigos ou entrevistas, mas por meio da massa epistolar que recebia, organizava, selecionava e publicava, segundo sua perspectiva. *Cartas na Mesa* era uma interpretação de diferentes interpretações da homossexualidade. O discurso não é somente aquilo que fala das lutas, mas aquilo pelo que se luta. Escrever uma carta e vê-la publicada e depois assistir ao espetáculo das forças em luta. Michel Foucault em *A Ordem do discurso* nos diz que “ o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual queremos nos apoderar.”

¹⁴⁴ BAHIA, 1990: 108-111

A publicação das cartas e posteriormente sua leitura é, portanto, ao mesmo tempo, espaço de controle e lugar de possibilidade de criação de novos sentidos. É movimento que pode constituir um lugar para a subjetividade do leitor.

A cada número de *Lampião da Esquina* eram publicadas, em média, oito cartas que tomavam o espaço de duas páginas do jornal, demonstrando desta maneira sua importância. As cartas vinham de diferentes localidades do país e algumas vindas do estrangeiro. Pela indicação do local de procedência, *Cartas na Mesa* demarcava as distâncias percorridas por *Lampião da Esquina*, ao mesmo tempo, em que aproximava os missivistas, construindo uma comunidade unida pela leitura, pela escrita, pela publicação e de difusão de idéias.

O pesquisador Marcio Bandeira em sua dissertação de Mestrado¹⁴⁵ apontou para a existência de três funções básicas para a seção *Cartas na Mesa*. Primeiramente, algumas das cartas publicadas eram capazes de construir alianças. Aliança entre *Lampião* e outros jornais que circulavam na época voltados para o público gay conforme indicava a carta de Agildo B. Guimarães.

Carta: Recebi com grande satisfação, o número zero de *Lampião*. Realmente é motivo de alegria saber que existe um veículo de informação/cultura/divertimento dos homossexuais no feitio e gabarito desse mensário. Sabem, estou muito contente, satisfeito mesmo em saber que vocês conseguiram fazer do *Lampião* o meu sonho. Sempre pensei em algo assim. Desde o tempo em que comecei, há muitos anos atrás, um jornalzinho desprezencioso chamado SNOB. Atualmente faço o *Gente Gay*, que estou lutando para melhorar e, melhor dizendo, continuar, o que é difícil.¹⁴⁶

Resposta do *Lampião*: Você para nós, Agildo, é gente finíssima. Entre outras coisas porque sabemos que se você não começasse com o SNOB, nunca chegaríamos a *Lampião*. E não o queremos apenas como leitor. Vamos pedi-lo emprestado ao *Gente Gay* de vez em quando.

Ao publicar e responder a carta de Agildo, *Lampião da Esquina* construía para si uma tradição jornalística que o fortalecia, localizando-a na continuidade de uma fala que já vinha se

¹⁴⁵ BANDEIRA, 2006: 81

¹⁴⁶ Ver Guimarães, Agildo B. “Um Abraço do *Gente Gay*”, *Cartas na Mesa*, nº 01

pronunciando a tempos e que, a ele caberia somente prolongar e levar adiante.¹⁴⁷ Aliança com outras minorias, sempre difícil e polêmica como indica a carta de Flávio Neto.

Carta: Ora, deixemos que as outras minorias tratem de seus próprios interesses, defendam seus próprios direitos. Nós homossexuais, temos uma série de problemas, reivindicações, assuntos a tratar, e já é muito complexo acertar nossos caminhos, somos simpatizantes, sim, mas estamos sozinhos nesse barco! Perguntem as mulheres se elas nos apoiariam num movimento. Elas seriam as primeiras a nos atacar. (...) Perguntem aos negros se eles ficam do nosso lado. Duvido! Eles estão preocupados (...) com seus próprios problemas, (...) agressivos como são, seriam capazes de nos bater. Realmente, eu reconheço que a discriminação racial é um disparate, mas não vamos deixar os nossos interesses fazendo disso um “levanta-bandeira”; levantemos sim a nossa bandeira.

Resposta do *Lampião*: A luta das minorias é um saco de gatos. Flávio, os negros desconfiam das feministas brancas, as feministas brancas olham com viés para as bichas, muitas entre estas são racistas e até pasmem – machistas, detestando lésbicas e querendo vê-las pelas costas. (...) *Lampião*, sendo o único jornal de minorias que deu certo, mesmo sob permanente desconfiança dos outros grupos minoritários, sente-se na obrigação de abrir espaço também para eles.¹⁴⁸

Ao evidenciar os conflitos existentes entre os diferentes grupos minoritários, *Cartas na Mesa* indicava que o poder não se exercia pela dicotomia entre dominadores e dominados, mostrando que estes papéis eram intercambiáveis.

Outra função seria a das cartas que denunciavam. Estas além de incentivar a leitura de *Lampião da Esquina* e permitir o fortalecimento de alianças entre jornais homossexuais e entre diferentes minorias, *Cartas na Mesa* funcionava como espaço de denúncia das violências sofridas por homossexuais. Publicar cartas que narravam agressões físicas e assassinatos de homossexuais promovia uma mudança de posição dessas figuras na cena jornalística. Na época, eram comuns notícias em jornais e revistas da grande imprensa, que associavam a figura do homossexual à do criminoso. De culpados passaram a ser vistos como vítimas. Vítimas também de extorsão pela polícia como relata o missivista Luís Carlos.

Carta: Querido *Lampião*, que bom você existir! E como você precisa saber de um negócio sujo que andam fazendo com a gente! Um desses horrores diários contra os homossexuais, que no final prossegue sem ninguém tomar conhecimento e providências. Hoje à tarde (12.7.79) fui dar umas badaladas inocentes por aí, aproveitando uma folga do serviço e acabei indo até a Central do Brasil, local onde apareço de vez em quando e acho curtível uma vez ou outra. Bem, fui dar uma olhadinha rápida (não mais de dois minutos)

¹⁴⁷ Sobre jornalismo alternativo ver página 28

¹⁴⁸ Ver “*Lampião é desnudado*”, *Cartas na Mesa*, nº 03, 1978

no banheiro principal e, assim que comecei a mijar, fui abordado por um rapaz de estatura média, magro, moreno claro e de bigodes, que se identificou como policial. Pediu documentos (berrando é claro) e já com auxílio de dois guardas fardados levou-me até a delegacia, que fica perto do banheiro, na Central mesmo. Chegando lá notei a presença de mais quatro entendidos na mesma situação que a minha: dentro de uma delegacia, contra a vontade e sem saber o motivo. Logo o tal policial veio nos dizendo que detestava viados (nenhum de nós tinha pinta, fazíamos o gênero sério, enrustido), e começou com uma série incrível de humilhações e ameaças (coisas do tipo “o Brasil não vai pra frente por causa de vocês”, “vou dar fichas suas para os empregos de vocês”, “daqui a pouco chegam os repórteres para fotografar vocês” etc.) Logo percebi o que eu estava fazendo ali: eu tinha sido escolhido, por ser homossexual, juntamente com os outros quatro, para ser assaltado por policiais. E não deu outra coisa: logo o tal policial disse que se tivéssemos uns trocados, como era a primeira vez e nós tínhamos pinta de boa gente (vejam só...) ele nos dispensaria. (...) Isso acontece todos os dias, várias vezes ao dia. Não há dúvidas que todos na delegacia recebem uma parte. E é um ordenado a mais, muito seguro. Quem é que vai ser bobo de querer remar contra a maré, bem no lugar desconfortável e corrupto? Imaginem os crimes que eles inventariam pra nós.¹⁴⁹

Assumir-se era uma forma de fortalecer-se contra esses tipos de coações. Os banheiros públicos se constituíam como espaços em que era possível conseguir um parceiro sexual. Protegidos pela privacidade desses espaços freqüentados exclusivamente por homens, muitos indivíduos viam neles a possibilidade de vivenciarem práticas sexuais com pessoas do mesmo sexo, sem precisar abdicar de uma imagem heterossexual.¹⁵⁰

A terceira função seria a de vencer a solidão. *Cartas na Mesa* funcionava também como uma comunidade dos “sem comunidade”, espaço de união dos solitários. Havia aqueles que escreviam pelo desejo de comunicar a superação do sentimento de solidão ao obter o jornal e realizar sua leitura.

Carta: lendo este jornal não me sinto mais como carta fora do baralho, antes eu me sentia complexado perante todos, agora é diferente.¹⁵¹

Saber da existência do jornal despertava um sentimento de pertencimento a um grupo maior que podia encontrar-se no espaço das folhas de papel. *Lampião da esquina* oportunizava a construção de experiências comuns que se materializavam no território da seção de cartas que

¹⁴⁹ Ver “Chantagem no Banheiro da Central”, *Cartas na Mesa*, nº 16, 1979

¹⁵⁰ BANDEIRA, 2006: 98

¹⁵¹ Ver A. D. F. “Cartas que vieram de longe”, *Cartas na Mesa*, nº 03, 1978

publicava. *Cartas na Mesa* era um dispositivo de constituição de identidades, porque servia à recriação de uma identidade que caracteriza uma experiência da alteridade para os leitores. Por meio da relação do leitor com um outro, ele vive a experiência da contemporaneidade, que o atravessam e constituem sua percepção da “realidade”.

Ter esta comunidade nas mãos e participar dela não era um processo fácil. Obter o *Lampião da Esquina* numa banca, transitar com ele pelas ruas da cidade, encontrar um espaço em que se pudesse lê-lo tranquilamente e tomar a iniciativa de escrever-lhe uma carta, não eram práticas que se realizassem sem um trabalho do indivíduo sobre si mesmo e sobre suas sensibilidades. Tais práticas implicavam numa luta contra o medo e a vergonha que se colocavam como barreira a sua realização.

Carta: Tinha um pavor incrível de pedir o jornal nas bancas, mas o medo foi vencido e agora comprarei os outros números que com certeza chegarão as bancas. Agora, se comprar foi difícil, escrever foi pior. Já fiz umas dez cartas, envelopei, e o que é pior, fui até o correio e não tive coragem de mandar a dita cuja, mas o medo foi vencido e aí está.¹⁵²

Cartas na Mesa incitava seus leitores a atos de coragem ao publicar determinadas cartas que contavam as peripécias do jornal em trânsito pelas cidades.

Carta: Vinha eu no ônibus que me leva da capital à minha doce Campinas com alguns exemplares pedidos e pagos pelos amigos. Resolvi lê-lo, quando o senhor que estava sentado ao meu lado começou a esbravejar. “pouca vergonha, jornal de viado, imundície” e outras coisas menos agradáveis... Só não me agrediu porque eu não sou do tipo que faz o gênero frágil.¹⁵³

Assumir-se leitor de *Lampião da Esquina* significava correr o risco de sofrer represálias por isso, a coragem era um sentimento valorizado em *Cartas na Mesa*. Muitos leitores procuravam apagar todos os sinais da leitura após o seu término a fim de não deixarem pistas, outros se enchiam de orgulho por enfrentar a moralidade dominante ao circularem com o jornal por diferentes espaços sociais.

Carta: A partir do número 07 passei a comprar e ler o nosso *Lampião*. Pensei que seria uma barra pesada para comprar, ler e guardar o nosso jornal. Eu

¹⁵² Ver Ivone. “Uma carta Tímida”, *Cartas na Mesa*, nº 15, 1979

¹⁵³ Ver João Carlos. “Alô, Campinas”. *Cartas na Mesa*, nº 21, 1980

não encontrei esses problemas, não faço como muitos, que compram o jornal, lêem, rasgam e jogam fora, ou então lêem o jornal em casa de amigos. Quando compro o jornal, não vejo a hora de ler tudo, é no ônibus, na escola (nos intervalos), fila de elevador, enfim, em todos os lugares, mas é em casa que leio sossegado e reflito em tudo. Era o que nós homossexuais precisávamos para nos unirmos, não para mostrar um novo tipo de rebolado, mas para mostrar que somos gente, que muitos de nós trabalhamos, estudamos, enfim, levamos uma vida igual à de todo o mundo. Só espero que vocês continuem com o nosso jornal, isto é sério, bacana, o nosso amigo de todas as horas. No que depender de mim, vocês podem contar'. Vocês são os irmãos gueis que sempre quis ter mas não tenho.¹⁵⁴

A coragem de ler *Lampião da Esquina* era alimentada pelo desejo de unir-se a uma coletividade de interesses e sonhos comuns.

3.2.2 O Troca-Troca lampiãoico

A seção *Troca-Troca* do jornal *Lampião da Esquina* apareceu pela insistência de muitos missivistas em enviarem cartas destinadas a seção *Cartas na Mesa* com o intuito de conseguirem namorados(as). Assim, o jornal criou uma seção de classificados destinada a prestação deste serviço. Funcionava da seguinte maneira, o leitor mandava o anúncio com uma Xerox do RG e mais o dinheiro do selo para jornal e esperava pela publicação de seu anúncio que era feito pela ordem de chegada na redação (os textos tinham aproximadamente 130 caracteres com a opção de se colocar uma foto 3x4). Depois, esperava mais uma vez, por uma resposta. Se houver uma resposta e esta for interessante, o leitor escreve uma nova carta e manda para o endereço do interessado, não mais para o jornal. O processo todo entre idas e vindas podia durar algumas semanas até se realizar o possível encontro presencial. No entanto, diante da grande quantidade de cartas que chegavam à redação o jornal acabou por aceitar essa função para *Cartas na Mesa*, já no final de sua história, cedendo à demanda e admitindo-a como serviço de utilidade pública.

O discurso elaborado pelos missivistas indicam, quase sempre, uma posição ilegítima de seus interlocutores, todos se escondendo atrás de máscaras e num contexto mais profundo também denuncia um universo idiossincrático preconceituoso.

¹⁵⁴ Ver Ciro C. Costa. "De Minoria em Minoria", *Cartas na Mesa*, nº 09, 1979

**Troca
DOIS**

LOURO, boa aparência, bom nível cultural e querendo amar muito... Tenho 27 anos, olhos verdes, 1,76m, 66Kg, cabelos claros e lisos e barba. Desejo corresponder-me com rapazes discretos, de qualquer cor e idade. Alberto — Caixa Postal 267, Rio de Janeiro, RJ, CEP: 20.010.

DESEJO manter correspondência com meninas de todo o Brasil. Tenho 23 anos, olhos e cabelos castanhos. RM — Caixa Postal 1031, Porto Alegre, RS, CEP: 90.000.

AOS ESPÍRITOS JOVENS. Desejo corresponder-me com jovens de qualquer idade, sem preconceitos, sinceros, que procurem compreensão, afeto, amizade e amor. Sou moreno claro, 1,62m, 53Kg, cabelos e olhos castanhos, signo de Virgem, solitário que ama: a vida, a juventude, a natureza e a sinceridade. Ney — Caixa Postal 339, Tubarão, SC, CEP: 88.700.

SOU LIVRE, jovem, simples, moreno, 1,81m, 65Kg. Quero corresponder-me com rapazes entendidos de todo o Brasil, sem grilos, sem preconceitos, honestos, discretos, de qualquer tipo físico ou cultural, que além de se sentirem interessados numa saudável amizade, além de um fim de semana em São Paulo. Nando — Rua Armando Xavier, 25, São Paulo, SP, CEP: 05.331.

MORENA BONITA, inteligente, feminina, independente e muito doce, 1,54m, 25 anos e que detesta os preconceitos que plantam nessa seção, quer entrar em contato com mulheres sensíveis para, no mínimo, uma boa amizade. Maria — Caixa Postal 1854, Recife, PE, CEP: 50.000.

SOU EUROPEU, e há pouco tempo vivo no Brasil e me sinto muito só. Preciso de ajuda. Desejo receber cartas de todos os amigos e cavalheiros do Brasil e em especial de Belo Horizonte, pois estarei lá em junho, expondo trabalhos e fazendo tarefas. Me escreva, minha amiga boa. Sou solteiro, 30 anos, artista plástico, 1,77m e 70kg. Envie todos os seus dados e uma foto na 1ª carta. Celestino Paight — A/C Caixa Postal 188, Passo Fundo, RS, CEP: 99.100.

ATIVO X PASSIVO, moreno claro, olhos e cabelos castanhos, 1,72m, 70Kg e 40 anos. Tenho casa própria e moro sozinho. O que vier ou troça... Respondo a todas as cartas. A.M.P. — Rua Projetada Artur Lopes, 136, Bagé, RS, CEP: 96.400.

DESEJO AMIGOS VERDADEIROS, sinceros, entendidos e bonitos. Fotos na 1ª carta. Honestamente responderei a todas. Tenho 1,63m, 55Kg, 26 anos, olhos e cabelos castanhos, gosto de viver, música, esportes, trabalho, estudar e amar. Lopes — Cx. Postal 451, Teresopolis, RJ, CEP: 64.000.

ENTENDIDA PASSIVA, 26 anos, 49 kg, morena, simpática, bem feita de corpo, curte praia, campo e música. Se você é ativo, tem até 35 anos, me escreva que terei prazer em responder sua carta. Irma — Rua D. Pedro II, 433, aptº 102-A, Bairro Campinas, Florianópolis, SC, CEP: 88.000.

UNIVERSITÁRIO, 21 anos, 1,72m, 68kg, moreno, deseja corresponder-se com entendidos de todo o Brasil, sem preconceitos de cor, sexo, idade, religião, etc... Respondo a todas as cartas. Ronaldo A. Brito — Rua João Vaz, 14, Formiga, MG, CEP: 37.290.

MEIA-IDADE, bom nível cultural, social e financeiro, alto, físico bem proporcionado, simpático, discreto, morando sozinho, procura jovens até 28 anos, bonitos e discretos, para um bom relacionamento. Sea Khan — Caixa Postal, 30, Recife, PE, CEP: 50.000.

UNIVERSITÁRIO, 32 anos, simpático, versátil e amável, procura contato com pessoas maduras e emocionalmente estáveis. Aldous — Caixa Postal 20, Juazeiro do Norte, CE, CEP: 63.180.

ENTENDIDO PASSIVO, deseja corresponder-se com rapazes ativos para uma boa transa. Paulo — Caixa Postal 77153, Nova Iguaçu, RJ, CEP: 26.000.

TRANSEXUAL, 25 anos, 1,78m, 73 kg, moreno claro, discreto, sensual, romântico, compreensivo e muito a fim de amar, gostaria de corresponder-me com jovens de todas as idades e partes do Brasil, para amizades, informações ou quem sabe... Katêlle — Posta Restante, Agência Central, Tupã, São Paulo, CEP: 17.600.

ENTENDIDO PASSIVO, 21 anos, louro, olhos esverdeados, cabelos castanhos claros, 1,80m, 72kg, universitário, sincero, discreto, honesto, gosto de todas as coisas da vida. Desejo corresponder-me com entendidos ativos, que sejam honestos e sinceros, com até 25 anos. Wilson Antônio Meira — Rua Embaré, 500, Jardim do Estádio, Santo André, SP, CEP: 09.000.

Para ter seu anúncio publicado na seção **TROCA-TROCA**, basta escrever para: **Jornal LAMPIÃO** — Caixa Postal 41031, Rio de Janeiro, RJ, CEP: 20.400, enviando, além do texto do anúncio, xerox da carteira de identidade e 70 cruzeiros em selos. Os anúncios são publicados por ordem de chegada.

LAMPIÃO da Esquina

Página 2

Figura 50

“MEIA-IDADE, bom nível cultural, social e financeiro, alto, físico bem proporcionado, simpático, discreto, morando sozinho, procura jovens até 28 anos, bonitos e discretos, para um relacionamento (...)” (anúncio retirado da figura acima)

Neste anúncio o autor se coloca num prisma deslocado, como se estivesse de fora do problema, monta o texto em terceira pessoa do singular: “ele tem bom nível..., ele é...” Seus argumentos colocam esta pessoa como se estivesse em uma eleição; o candidato a um relacionamento se define tentando ganhar pontos com os leitores. Embora de meia-idade ele tem poder aquisitivo e um físico conservado, pressupostos que no disputado mercado do amor/sexo parecem ser importantes, ou seja, uma pessoa mais-velha, fora de forma e sem condições financeiras é tida como carta fora do baralho. O culto a imagem é a moeda corrente. Com o uso da frase sou discreto e procuro alguém discreto ele, o autor, leva em consideração e assume como verdadeiro o estereótipo de que o gay possui características visíveis que o tornam ímpar – o afeminado - no entanto se exclui “totalmente”.

Pedir por alguém discreto também pode identificar que se quer alguém não assumido e que não freqüente ambientes gays, supondo-se assim, que a pessoa não consegue esconder sua sexualidade, ou pior, não consegue conter sua “feminilidade”. O ideal para vários gays é ser discreto, isto é, que ninguém saiba de sua sexualidade, nem por sua própria boca, nem por seus atos por aquela velha idéia do “me diga com quem andas e te direi quem és”

Ao analisarmos como o gay constrói sua imagem na seção *Troca-Troca* do jornal *Lampião*, percebemos que a grande maioria se baseia em diversos estereótipos sobre o próprio grupo, indicando que os homossexuais mantêm, entre si, o preconceito existente na cultura tradicionalmente heterossexual.

3.2.3 A Bixórdia de *Lampião*

A seção Bixórdia era uma espécie de coluna social gay. (o termo pode ser um neologismo baseado na palavra “mixórdia” que significa mistura confusa de coisas variadas, situação ou fato atrapalhado) Tal iniciativa apontava para uma vontade do jornal em cumprir o propósito de abrir-se a diversidade de expressões.

Bixórdia fazia questão de utilizar uma linguagem cheia de trejeitos, muito própria do gay afetado e afeminado, denominado bicha, bicha louca, Barbie. Algumas expressões como Entendido (homossexual enrustido), Babado (algum acontecimento), Bofe (homem bonito), Dona Borboleta (homossexual muito afeminado), Boca de Veludo (bom de sexo oral) apareciam com frequência para falar e criticar os estigmas que rodas de sociabilidade homossexuais utilizavam ao rotular a multiplicidade de maneiras de singularizar o desejo. Curiosamente, essa coluna era assinada por uma personagem mítica, criada pelos editores, Rafaela Mambaba, um homem que pela linguagem se travestia de mulher.

Para Foucault um discurso é essencialmente uma prática, ou seja, não existe fora do sistema de relações materiais que o estruturam e o constituem. O discurso definido como uma prática diz respeito a um conjunto de situações internas e externas ao ato discursivo, sempre relacionados às posições do sujeito – os lugares que o sujeito vem ocupar no discurso. A prática se institui no quadro de certos sistemas de formação, estruturados e hierárquicos - embora mutáveis pois não estão congeladas no tempo.

Por sistema de formação é preciso, pois, compreender um feixe complexo de relações que funcionam como regra: ele prescreve o que deve ser correlacionado em uma prática discursiva, para que esta se refira a tal ou qual objeto, para que empregue tal ou qual enunciação, para que utilize tal ou qual conceito, para que organize tal ou qual estratégia. Definir em sua individualidade singular um sistema de formação é assim, caracterizar um discurso ou um grupo de enunciados pela regularidade de uma prática.¹⁵⁵

Sem um conhecimento prévio do significado de certas expressões fica muito complicado para o leitor identificar o sentido completo que o autor está querendo passar. De uma maneira geral Rafaela Mambaba procurava criticar através da ironia e do deboche o quanto o universo estereotipado gay era perverso para aqueles que nele viviam.

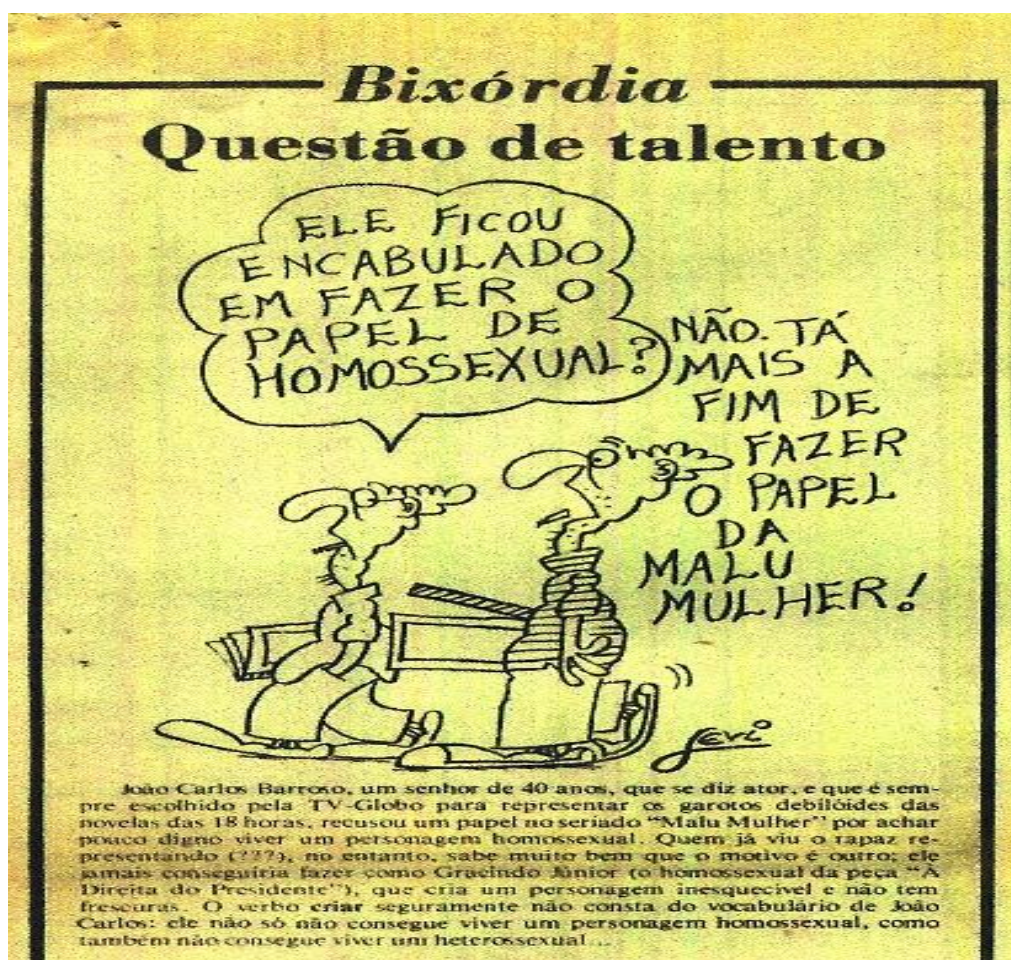


Figura 51

¹⁵⁵ FOUCAULT, 1995: 82

3.2.4 Vozes criativas

Entendemos criatividade como uma forma de expressão de um potencial humano de realização, que se manifesta através das atividades humanas e que gera produtos na ocorrência de seu processo. Ou seja, através da criatividade o ser humano pode realizar a construção de seu destino e do próprio mundo. *Lampião da Esquina* antes de qualquer coisa foi um jornal criativo.

Sua imaginação fértil conseguiu criar estruturas polifônicas complexas. O que caracteriza a polifonia é a posição do autor como regente do grande coro de vozes que participam do processo dialógico. Mas este regente é dotado de um ativismo especial, rege vozes que ele cria ou recria, mas deixa que se manifestem com autonomia e revelem no homem um outro “eu para si” infinito e inacabável. Trata-se de uma “mudança radical da posição do autor em relação às pessoas representadas, que de pessoas coisificadas se transformam em individualidades.”¹⁵⁶

O lingüista russo Mikhail Bakhtin enxerga a questão da polifonia por esta mesma linha:

A polifonia se define pela convivência e pela interação, em um mesmo espaço textual, de uma multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis, vozes plenivalentes e consciências equípolentes, todas representantes de um determinado universo e marcadas pelas peculiaridades desse universo. Essas vozes e consciências não são objeto do discurso do autor, são sujeitos de seus próprios discursos.¹⁵⁷

Por isso, o autor do discurso polifônico não define os interlocutores e suas consciências à revelia das próprias personagens, mas deixa que elas mesmas se definam no diálogo com outros sujeitos-consciências, pois as sente a seu lado e à sua frente como “consciências equípolentes dos outros, tão infinitas e inconclusíveis” como a dele, autor.¹⁵⁸

O jornal é uma plataforma comunicativa polifônica por excelência. *Lampião da Esquina* com sua estrutura dialógica cumpriu o contrato comunicativo estipulado em seu editorial de número zero: através de seu conteúdo trouxe conscientização, visibilidade, troca de experiências e para que também não houvesse nenhum ruído no processo comunicativo, o jornal publicou de tempos em tempos um léxico gay acompanhando suas matérias. Sempre com muita criatividade

¹⁵⁶ BRAIT, 2006:194

¹⁵⁷ Ibidem: 195

¹⁵⁸ Ibidem:196

e dando um contexto jocoso para cada um dos vocábulos, este novo vocabulário, por vezes, transcendeu seu universo, derrubou fronteiras e acabaram sendo assimiladas no discurso heterossexual: Jaburu, Elza, entre outras são exemplos desta migração.

Estes são os termos quentes do verão

Banheirismo — Nova concepção política e ideológica, assumida pelos que gostam de frequentar banheiros. Os públicos naturalmente.

Bira — Hotel de alta-rotatividade para viados, com o grande detalhe de que nunca receberia nem meia estrela da EMBRATUR. É aquele dos quartos em forma de gaveta.

Broto — Substitui os já "demodê" gata ou gatinha. Sendo muito popular tempos atrás — lembram-se do Francisco Carlos? —, agora está de volta.

Carcará — Bicha hiperpintosa. Cabelos desgrenhados, nariz de tucano salientar, andar cheio de dengos e um leve sotaque abaianado, apesar de nem sempre ser baiana. Está presente em todas as estradas festivas onde se faz confundir com Caetania ou Bethânio.

Convergetes — Bichas recém convertidas a atuação político-partidária. Ainda confusas, pois não descobriram, até agora, nada semelhante a expressão "anaúê" para se saudarem umas as outras. Assemelhadas: são as que, simpáticas às convergetes, relutam em aderir.

Delphinianos — Designa o michê que aumenta o preço de seus serviços de acordo com os índices inflacionários. Designa, também, os que perderam o emprego e aderiram a chamada "vida fácil". Muito comum hoje em dia, prometem grandes serviços para o verão de 81.

Diaglev — (Já-se diagueleife). Expressão caída em desuso a partir de março de 1964 e substituída por parródica. Anistiada, ela retorna com a torrente de exilados. Atualmente muito em voga em nossa redação.

Donaldetes — Os que vão para o McDonald's da Rua São José comer hamburger e tentar serem comidos pelo garçon. (E tem uns ótimos).

Eflúvias — Bichas pintosas que acham que ninguém sabe que o são. Geralmente negam até a morte. A não ser que antes apareça uma barata por perto.

Elza — Substantivo masculino. A bicha ladra.

Eufórica — Adjetivo. A bicha muito louca que, contra tudo e contra todos, insiste em dar pinta, às vezes cheia de balangandãs, na praia, sobretudo na Montenegro.

Fera — Define o garotão bonito.

Filhas d'Anibal — Bonecas e menos bonecas adeptas de uma coisinha. Também conhecidas como "mayrinquetes". Quando presas rezam para acabar na sétima vara. Maiores informações no *Lampião* nº 30.

Fomos — O mesmo que Êramos, só que menos sofisticado. Serve para designar os que abandonaram os grupos homossexuais organizados.

Gato — O popular felino define o adolescente gostoso. É bom notar que só pode receber tal denominação quem tem um certo gingado, típico do felino.

Homossexualérrimas — A grosso modo são os que não pertencem, jamais pertenceram e nunca pertencerão a nenhum grupo organizado. Mas adoram dar bandeira.

Homossexualistas — Antônimo de Homossexualérrimas. Define os adeptos dos grupos homossexuais organizados.

Jaburu — Define a mulher feia. O mesmo que dragão, usado também para definir a bicha horrerosa.

Lampionetes — Os novos adeptos do Lampião. Aqueles que fizeram troca-troca com os integrantes dos grupos. As lampionetes deixaram os grupos e passaram ao Lampião em substituição aos que deixaram o Lampião e foram para os grupos.

Micagem — Define o ato de fazer dublagem. Muito comum entre as bonecas, que assim designam os que têm pretensão artística.

Micrônicas — São as banheiristas intelectuais, com pretensões oswaldianas. Geralmente poetas. Há várias na redação deste jornal.

Motorizadas — Os que adoram motoristas. Costumam ficar horas a fio fazendo o itinerário Campo Grande-São Francisco, no Rio, sobre o capô do ônibus. Nas horas vagas podem ser vistas nos pontos finais, pedindo caronas nas estradas ou frequentando a Rodoviária.

Nosferatas — Bichas vampiras. As que vagam à noite pelos buracos, mas que, ao contrário do Nosferatu, não chupam exatamente o pescoço de suas vítimas. Não suportam a lua cheia e às vezes permanecem nas ruas até o sol nascer. Quando morrem, ao contrário dos vampiros da história, que se transformam em cinzas, as nosferatas costumam virar purpúria.

Patineiro — Substantivo masculino. Quem patina.

Patinha — O broto que patina.

Peroba — O termo vem do nordeste e substitui os velhos chavões usados para definir a bicha que patina. O o deve ser surdo, do contrário, definiria aquela madeira conhecida de nossos avós e que, com a destruição ecológica, quase acabou.

Pulssteiras — Bichas masturbatórias.

Aquelas que, radicais, não comem e nem dão, e ao chegarem na cama dizem: "Vamos gozar juntos?"

Reflexivas — Bichas, também, masturbatórias. Em seu grau mais passivo são conhecidas como "Filhas de Ghandi".

Samambala — Antigamente utilizada como filho de bicha. Hoje aplicado àquelas adeptas do verde. O mesmo que bicha ecologista.

Simonetas — Substantivo feminino. Vestem-se de branco, usam um senhor topete, calçam 45 e só fazem uma coisa aos sábados à noite: Ficar na porta do Canecão esperando Simone passar.

Siremas — Tipo de bicha frequentadora de rodas granfinas, mas que não possui um tostão. Costumam andar aos bandos pela Zona Sul e vez ou outra debandam para outras áreas da cidade. Suas características principais são: o olhar sempre lânguido, corpo extremamente erecto, andar ligeiramente ciscaente e vestuário vastamente propagandístico de uma tal loja Newsplan. Conselho: Mantenha-se sempre afastado delas.

Uvas — Integrantes da União dos Viados de Alagoas. O primeiro grupo underground do movimento homossexual. Os grupos mais ortodoxos evitam pronunciar tal palavra em público e já dispensaram por completo as frutas de igual nome, não por acharem que estas estivessem verdes.

Viado — É viado mesmo. Este termo está sempre em moda, em todos os verões. De pai pra filho desde 1910.

LAMPIÃO da Esquina

Figura 52

Por ser um material antigo, a digitalização nem sempre é de boa qualidade. Assim, para facilitar a leitura reproduzimos abaixo os vocábulos:

BANHEIRISMO; BIRA; BROTO; CARCARÁ; CONVERGETES; DELFINIANOS; DIAGLEV; DONALDETES; EFLÚVIAS; ELZA; EUFORIA; FERA; FILHAS D'ANIBAL; FOMOS; GATO; HOMOSSEXUALÉRRIMAS;

HOMOSSEXUALISTA; JABURU; LAMPIONETES; MICAGEM; MICTÓRICAS; MOTORIZELDAS; NOSFERATAS; PATINEIRO; PATINHA; PEROBA; PULSETEIRAS; REFLEXIVAS; SAMAMBAIA; SIMONETAS; SIRIEMAS; UVAS; VIADO.

3.3 *Lampião* e a educação

Lampião da Esquina sempre presente quando o assunto é polêmico entrevistou Marta Suplicy sobre a educação sexual nas escolas brasileiras. Participaram desta entrevista, o deputado João Batista Breda, do MIB paulista, Darcy Penteado, João Silvério Trevisan e três representantes do Grupo Somos: Emanuel, Marcos e Conceição.¹⁵⁹

Perguntada como as escolas enxergam o problema da educação sexual, Marta foi categórica e disse que basicamente, se tem muito medo de se falar sobre qualquer coisa que vá além da mera informação biológica. A coisa se resume em perguntar: se ensinam o aparelho digestivo na escola, porque não se pode ensinar o aparelho reprodutor? A resposta é simples, pelo tabu e o preconceito. Estes dois elementos direcionam as políticas públicas governamentais, os projetos pedagógicos particulares de cada escola, como também na atuação dos professores. A grande maioria limita-se a contar que o óvulo sai por aqui, desce por ali e mais nada. Falar sobre a homossexualidade então é quase impensável.

Marta também disse que existia um projeto de se colocar ensino sexual nas escolas, seu piloto focou primeiramente três escolas públicas, com um resultado bastante questionável. Perguntada também se este projeto incluía a questão homossexual, Marta foi taxativa: “Imagine, Nunca...! Mas num país como este, há psicólogos que nem sabem que existe o clitóris, não sabem como é o hímen. Se você está criticando a falta de informação sobre o homossexual, posso lhe garantir que a mesma coisa acontece até mesmo entre os psicólogos.”

Foucault propõe a reflexão de uma ética onde as pessoas não sejam guiadas por normas universais, onde se tem um modelo pré-estabelecido. Ele abre espaço para uma ética que seja, de algum modo, uma arte de viver, em que não haja modelos prontos e acabados. Tal ética é norteadada pela idéia da amizade que seria um meio para que as condutas, quando não guiadas

¹⁵⁹ LAMPIÃO, 17: 10

pelos universais, não se encaminhassem para a indiferença ou para o desrespeito pela dor do outro.

A linha de pensamento de Foucault se aproxima de algumas reflexões de Platão. O filósofo grego imaginou que alguns seres humanos foram presos desde a infância no fundo de uma caverna, imobilizados, obrigados pelas correntes que os atavam a olharem sempre a parede em frente; os habitantes deste triste lugar só podiam enxergar o bruxuleio das sombras de pessoas e objetos, surgindo e se desfazendo diante deles. Era assim que viviam os homens, concluiu ele. Acreditavam que as imagens fantasmagóricas que apareciam aos seus olhos (que Platão chama de *ídolos*) eram verdadeiras, tomando o espectro pela realidade. A sua existência era inteiramente dominada pela ignorância (*agnóia*)¹⁶⁰.

Podemos observar que, por não conhecerem o fenômeno das sombras de suas próprias imagens, esses seres-humanos, imaginados por Platão, passaram a elaborar fantasias para as suas percepções tão limitadas. É fato que, ao vermos uma porta fechada, é natural que comecemos a fantasiar sobre o que existe do outro lado. Contudo, se não tivermos como passar para o outro lado desta porta, poderemos ficar na ignorância causada pelo nosso estado de alienação.

Sair da ignorância não é tarefa fácil. Emanuel em determinado ponto da entrevista ilustra sua pergunta dizendo que qualquer atitude de apoio ou mesmo simpatia pela homossexualidade é vista com estranheza dentro da escola. “Eu sou professor e homossexual, mas não posso falar abertamente com meus alunos sobre a questão. Isso iria despertar neles uma desconfiança e, levando para um extremo, talvez até abalasse a minha autoridade diante deles ou ameaçasse o meu emprego. Talvez até eu fosse despedido por isso. O máximo que eu posso fazer é tocar em temas próximos, por exemplo, o feminismo, pois a escola já está suficientemente aberta para que se toque neste assunto. Porém, mesmo assim, elas acham estranho que um homem defenda radicalmente o feminismo. Os alunos reproduzem todos os valores que se encontram fora da escola e esperam que eu faça o mesmo.”

Marta respondeu apontando para o fato de só se pode falar em feminismo hoje, dentro da escola, por que fora dela aconteceu um movimento organizado de mulheres, que tem provocado

¹⁶⁰ PAPAS, 1998: 123

uma mudança na sociedade. Há dez anos ninguém tocara neste assunto. Aí eu vejo o grupo de vocês como uma coisa muito importante. De qualquer modo, as coisas começam a mudar fora da escola e isso reflete dentro dela.

O preconceito e a desinformação estão incrivelmente acentuados nos jovens. As direções de escolas, na maioria das vezes, fecham os ouvidos para não participar de conflitos. Em escolas particulares o caso se complica pelo fato de que a imagem da escola deve ser de agrado aos pais, e isto termina muitas vezes na indiferença para não serem tachadas de disseminadoras de homossexualidade ou qualquer outro tabu. O colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo, para driblar este problema e auxiliar todos os alunos, possui uma matéria específica para tratar dos problemas sociais, e um dos temas tratados nessa aula é exatamente a homossexualidade. Nas escolas da rede pública não acontece o mesmo, pois a grade curricular não é voltada para esta formação, mas ainda assim alguns professores tomam a iniciativa e tratam deste assunto nas suas respectivas matérias, porém ainda de forma muito tímida.¹⁶¹

Ao associarmos o problema das escolas ao lidar com a sexualidade de seus alunos com o mito da caverna de Platão, podemos perceber que o sistema educacional ainda tendia a manter o aluno “preso à ignorância vivenciada na caverna”.

Se por um acaso, segue Platão na sua narrativa, alguém resolvesse libertar um daqueles pobres diabos da sua pesarosa ignorância e o levasse ainda que arrastado para longe daquela caverna, o que poderia então suceder-lhe? Num primeiro momento, chegando do lado de fora, ele nada enxergaria, ofuscado pela extrema luminosidade do exuberante Hélios, o Sol, que tudo pode, que tudo provê e vê. Mas, depois, aclimatado, ele iria desvendando, aos poucos, como se fosse alguém que lentamente recuperasse a visão, as manchas, as imagens, e, finalmente, uma infinidade outra de objetos maravilhosos que o cercavam. Assim, ainda estupefato, ele se depararia com a existência de um outro mundo, totalmente oposto ao do subterrâneo em que fora criado. O universo da ciência (*gnose*) e o do conhecimento (*espiteme*), por inteiro, se escancarava perante ele, podendo então vislumbrar e embevecer-se com o mundo das formas perfeitas¹⁶².

Trevisan, mais adiante na entrevista, pergunta para Marta, qual seria a reação dos pais brasileiros perante a possibilidade de um filho saber coisas que eles não gostariam que o filho soubesse? Sobre homossexualismo, por exemplo? Marta responde dizendo que sua experiência

¹⁶¹ Maciel, S.S. disponível em: www.mga.org.br (consultado em 05/10/2009)

¹⁶² PAPPAS, 1996: 25.

era mínima com pais, mas podia falar do que via ocorrendo em volta. “Esse pavor que as pessoas têm em serem homossexuais me parece que vem dos pais que criam seus filhos machos, quer dizer, parece que isso mexe com a masculinidade do pai o fato de ter gerado um filho homossexual. Quanto aos educadores, eles também entram em pânico, pois acham que se trata de uma doença; então, não querem saber como ajudar e sim como podem curar. Certa vez disse em um congresso que o comportamento homossexual é um comportamento alternativo como ser destro ou canhoto, os pais e educadores presentes não aceitaram e ficaram revoltados.”

Foucault diz que somos muito mais livres do que pensamos e que nos construímos a nós mesmos, encarando o poder e também resistindo a ele. Assim, podemos nos utilizar da nossa liberdade para construir condições para vivermos melhor e resistirmos aos estados de dominação. *Lampião da Esquina* em vários textos levantou essa idéia.

3.4 O Sagrado e o Profano em Lampião

Não há como abordar a questão da Homossexualidade sem expor um conflito que acompanha a História desde os primórdios da humanidade: os embates entre algumas religiões e os homossexuais. *Lampião da Esquina* não se intimidou e lançou sua luz sobre esta questão dando um destaque enorme ao assunto em suas edições. O número 1 do jornal já traz um matéria intitulada *A igreja e os Homossexuais* com um espaço de duas páginas inteiras em seu corpo e no número 28 foi dado um espaço de seis páginas com direito a uma chamada de capa inteira: *A Igreja e o Homossexualismo: 20 anos de repressão* (ver Figura 54). *Lampião* acredita ser possível viver duas identidades aparentemente antagônicas: ser católico e ser gay.

Segundo Foucault, a homossexualidade pode ter tido as suas origens na Grécia Antiga, onde as relações homossexuais faziam parte do desenvolvimento dos meninos: “Os gregos não se opunham, como duas escolhas excludentes, como dois tipos de comportamento radicalmente diferentes, o amor ao seu próprio sexo ao amor pelo sexo oposto. As linhas de demarcação não seguiam tal fronteira”.¹⁶³

Quando a antropologia aborda o tema sexualidade, o primeiro mandamento a ser enfatizado é que, enquanto no reino animal irracional as funções sexuais são determinadas fundamentalmente pelo instinto, a sexualidade humana se manifesta através de padrões

¹⁶³ FOUCAULT, 1984: 167

culturais historicamente determinados, donde sua dinamicidade temporal e diversidade espacial e performática. A sexualidade humana é uma construção cultural, tanto quanto os hábitos alimentares e corporais. Nascemos machos e fêmeas e a sociedade nos faz homens e mulheres. Mais ainda: o ser masculino e o ser feminino variam enormemente de cultura para cultura, modificando-se substantivamente ao longo das gerações dentro de uma mesma sociedade.

3.4.1 O problema com as religiões

As grandes religiões mundiais tiveram início no Oriente: o judaísmo, o cristianismo e o islamismo. O Cristianismo e o Islã se difundiram muito mais que o Judaísmo e o antigo testamento da Bíblia Judaica é considerado sagrado por Cristãos, Judeus e Mulçumanos¹⁶⁴.

Até os dias de hoje, as religiões judaico-cristãs ainda são predominantes no Ocidente, destacando-se por milhões de fiéis que seguem suas leis e seus dogmas.

Mesmo não sendo mais considerada uma patologia pela ciência, a homossexualidade sempre foi condenada no meio religioso, que a considera como um comportamento homossexual anticristão e pecaminoso. Trata-se de uma herança judaica, com fortes embasamentos nos livros do Antigo Testamento.

Contudo, a prática do amor entre parceiros do mesmo sexo aparece na Bíblia, ainda no Antigo Testamento. Ao condenar a homossexualidade, os Cristãos afirmam que os homossexuais eram chamados de “sodomitas”, e que estes foram condenados por Deus quando Sodoma e Gomorra foram destruídas por causa do pecado. As religiões Abraâmicas disseminaram tal linha de pensamento e esta foi aderida pelo judaísmo e, conseqüentemente, herdada pelo Cristianismo. O Islamismo, por sua vez, também foi fortemente influenciado por tais idéias, e passaram a condenar também tais práticas.

Outro forte argumento utilizado pelas religiões, está no livro de Levíticos, 18:22 e 20:13 que diz: “Se um homem dormir com outro homem, como se fosse uma mulher, ambos cometerão uma coisa abominável. Serão punidos de morte e levarão a sua culpa.”

Por outro lado, os homossexuais que ainda se mantêm na fé Cristã se defendem das interpretações que geralmente são feitas sobre tais passagens Bíblicas, afirmando que Deus

¹⁶⁴ RIBEIRO; 2004: 33

nunca os condenou verdadeiramente em nenhum aspecto, de forma que em várias passagens bíblicas são evidenciadas relações de amor profundo entre homens.

“O pecado de Sodoma e Gomorra não era a “sodomia”. Segundo os mais respeitados estudiosos das Sagradas Escrituras, o pecado de Sodoma é a injustiça e a anti-hospitalidade, nunca a violação homossexual. Prova disto, é que todos os textos que aludem à Sodoma no Antigo Testamento atribuem sua destruição a outros pecados e não ao homossexualismo”¹⁶⁵.

Lampião da Esquina na matéria de sua edição 26 – *A Bíblia e o Homossexualismo* - corrobora com esta opinião “(...) A começar pela tristemente célebre narrativa de Sodoma e Gomorra: os especialistas estão cada vez mais de acordo em dizer, nos dias que correm, que esse texto não está centralizado na condenação de práticas homossexuais, mas antes evoca uma grave falta de hospitalidade e de acolhida devidas a forasteiros. Conclusão bastante paradoxal se pensarmos que durante séculos, esse texto serviu para justificar a falta de hospitalidade em relação aos homossexuais”¹⁶⁶.

Já em outra matéria publicada na edição 12 de *Lampião da Esquina – Um padre escreve sobre o amor de Jônatas e Davi*, Padre Netto, autor do texto, diz que é correto afirmar que a Bíblia condena de certa forma, em alguns de seus livros, a prática homossexual (Deut. XXIII:17). Mas afirmar que a Bíblia condena de maneira total e final a prática homossexual é desconhecer por completo as minúcias exegéticas do Livro Sagrado.

Um exegeta, convicto de sua técnica, profundo conhecedor dos textos hebraicos e gregos, jamais poderá afirmar negativamente que houve uma afinidade amorosa entre Davi e Jônatas (...) o amor que Davi sentia por Jônatas era tão forte, que ele o considerava superior ao “amor por mulheres” é bom frisar que o verbo amar na língua hebraica pode ser empregado tanto no amor filial quanto ao amor para com Deus ou no amor sensual ou carnal. Para o caso de Davi e Jônatas, queiram ou não os preconceituosos teólogos modernos, o sentido do verbo está relacionado com o amor sensual e carnal. E não adianta quereremos dar outra conotação à palavra. Também esquecem alguns teólogos que a Bíblia Sagrada foi escrita por 30 ou 40 homens comuns, mas devidamente inspirados por Deus, cada um escrevendo isoladamente num período compreendido de aproximadamente 1.500 anos, condicionados aos usos e costumes de suas épocas. Em alguns livros que compõem a Bíblia, aquilo que era “pecado” para o povo judeu, não o é para nós, gentios de hoje.¹⁶⁷

¹⁶⁵ MOTT, 2004: 104

¹⁶⁶ LAMPIÃO, 26: 05

¹⁶⁷ LAMPIÃO, 12: 15

Outro conflito ainda relacionado à Fé Cristã refere-se ao período da Inquisição, onde os homossexuais eram perseguidos pela Igreja Católica e lançados a fogueiras. O Papa João Paulo II pediu desculpas por tais atitudes cruéis e desumanas praticadas pela Igreja Católica ao longo da história, especialmente naquele período. O atual Papa Bento XVI repetiu o mesmo ato dias após a sua posse, mas com menos de um ano de governo já deu diversas demonstrações de que se preocupa com a presença de homossexuais em seminários e no exercício do sacerdócio. No dia 29 de novembro de 2006, foi divulgado no Vaticano um documento que desencoraja a ordenação de padres “gays”, a não ser que eles tenham apresentado uma “tendência transitória” e já a tenham superado há pelo menos 3 anos. De acordo com o Vaticano, quem é ativamente “gay” ou tem “profundas tendências homossexuais” ou ainda apóia a cultura “gay”, não deve ser ordenado. Pode-se concluir que tais preocupações tenham também sido resultantes de diversos crimes de pedofilia praticados por padres nos últimos anos, o que deixa a impressão de que a Igreja confunde o significado das duas práticas que se difere em todos os sentidos¹⁶⁸.

Em fevereiro do mesmo ano, líderes da Igreja Anglicana de 38 países se dividiram em torno da nomeação de um clérigo homossexual da cidade de New Hampshire, nos Estados Unidos, o anglicano, assumidamente “gay”, Gene Robinson. Ele foi nomeado bispo e se recusa a renunciar a seu posto, após a divulgação do novo documento do Vaticano e enfatiza que é perversa a idéia de acabar com escândalos do abuso de crianças excluindo homossexuais dos seminários. A opinião das pessoas da região também se divide e alguns anglicanos conservadores continuam a afirmar que a Bíblia ensina que homossexuais cristãos têm que se arrepender e abdicar de uma vida sexual; contudo, os mais liberais alegam que a Igreja deve interpretar a Bíblia sob o prisma do conhecimento moderno, aceitando as diferentes formas de sexualidade¹⁶⁹.

Ao analisar os julgamentos repressores e severos feitos aos relacionamentos homoeróticos, torna-se necessário retornar às idéias de Foucault que é incisivo ao afirmar que esses problemas se mantêm devido às relações de poder e à necessidade de manter o controle social¹⁷⁰

É essa concepção que comanda tanto a temática da repressão quanto à teoria da lei, enquanto constitutiva do desejo. Em outros termos de repressão dos instintos e a que se faz em

¹⁶⁸ RIBEIRO, 2004: 38

¹⁶⁹ www.bbcbrasil.com (consultado em 25/02/2009)

¹⁷⁰ FOUCAULT, 1988: 80

termos de lei do desejo é, certamente, a maneira de conceber a natureza e a dinâmica das pulsões; não é a maneira de conceber o poder.

Ao estudar os conflitos existentes entre as duas partes, percebe-se que eles já se estendem desde a antiguidade, sendo permeados por episódios que evidenciam diversos tipos de preconceitos e discriminações, que acabaram oferecendo até subsídios para que o preconceito se espalhasse em outras crenças, que também têm como base o cristianismo.

O traço definidor da moral sexual judaico-cristã é a sexo-fobia. Diferentemente de outras culturas, onde deuses e sacerdotes praticavam toda sorte de "perversões sexuais" consideradas ou neutras do ponto de vista moral, ou mesmo virtuosas - a religião judaica prima pela dificuldade em conviver com os "vícios da carne". Javé - diferentemente dos Orixás, de Apolo e Tupã, é um deus assexuado. O céu judaico-cristão - tão diverso dos congêneres dos muçulmanos e germanos - é um paraíso assexual, onde os que na terra foram virgens ou celibatários estarão mais próximos do trono do Cordeiro e da Virgem Maria.¹⁷¹

Como traços cardeais da cultura sexual abraâmica, salientam-se o tabu da nudez, o machismo, o patriarcado, a monogamia e indissolubilidade do matrimônio como alicerces da família nuclear, a noção de honra e a virgindade pré-nupcial como requisito para as alianças matrimoniais. Modelo tão rígido comportou, desde os tempos bíblicos, espaço para os desvios, que mesmo castigados alguns até com o apedrejamento ou a fogueira, fizeram parte integrante do *modus vivendi* de nossos antepassados.

O Islamismo, por sua vez, não proíbe que se desfrute da vida na terra, mas lembra constantemente que esta não passa de uma preparação para a vida que começará depois do julgamento divino. Contudo, a bigamia é permitida e vista como algo normal na Arábia e região e a formação de haréns acabou resultando no aparecimento do Lesbianismo na história Islâmica. Existem pesquisas que ainda apontam para o fato de que haviam meninos com rostos maquiados nos haréns do Afeganistão até o século XIX.

Ainda assim, parece que o assunto é um grande tabu para a os países de Leis Islâmicas, já que estes punem severamente a homossexualidade e defendem que os problemas advindos dos haréns são dos homens, já que estes não foram criados por Alá.

¹⁷¹ MOTT; 2003: 103

Ao pensarmos as questões referentes ao Judaísmo, torna-se claro que as leis Judaicas são altamente seletivas. Para os Judeus é importante a preservação do grupo étnico, e, dessa forma, a prática sexual só poderia ser admitida com a finalidade de procriação, o sêmem não poderia ser desperdiçado. *Lampião da Esquina* também entra nesta ceara publicando uma entrevista com um rabino gay intitulada “*As confissões de um rabino guei: não espargir as sementes em vão ...*”¹⁷² O rabino Josef (Bem Ami é um pseudônimo que significa “do povo”) nasceu no campo de concentração alemão de Bergen-Belsen, uma semana antes da chegada dos aliados. Seus pais já haviam perdido então nada menos que dez filhos, e as perseguições continuaram na Romênia sob domínio soviético, até que a família foi para os EUA e depois para Israel. As perseguições transformaram-se então em paranóia permanente: um pai quis lhe impor terapia de aversão quando Josef declarou-se homossexual. O resultado disso tudo, ao contrário do que se poderia esperar, é um homem equilibrado que acredita com insistência na mudança dos padrões judaicos em relação à homossexualidade, embora saiba que isto não é para amanhã. *Lampião da Esquina* em sua edição de número 11 publica uma matéria chamada *Judeus Homossexuais: a 13ª tribo de Israel* onde explica que embora insipiente o ativismo homossexual israelense está se desenvolvendo.

A cultura ocidental herdou princípios depreciativos sobre a homossexualidade numa tal medida que eles permanecem vivos até hoje, alimentando a homofobia.¹⁷³ Acredita-se que cerca de 6 milhões de judeus foram exterminados durante a 2ª Guerra Mundial, e os que eram homossexuais ainda recebiam um tratamento diferenciado, marcado por maiores agressões e discriminações estimuladas por um comportamento homofóbico e desumano.

Uma outra voz contra a corrente apareceu na matéria publicada na edição de número 01 de *Lampião* intitulada *Cristo também está conosco* apresentando para seus leitores o grupo Dignity, uma organização nacional norte-americana de homossexuais católicos, fundada em 1968 em San Diego, Califórnia e na época da matéria, tinha cerca de 50 representações em outras cidades americanas. A existência dessa organização é conhecida e de certa maneira apoiada pela

¹⁷² LAMPIÃO, 12: 14

¹⁷³ RIBEIRO, 2004: 71

Igreja. Mesmo passados quarenta e três anos desde seu início, a organização continua trabalhando para a comunidade gay seguindo as premissas de sua declaração de direitos.¹⁷⁴

Nós temos uma dignidade inata por que Deus nos criou. Cristo morreu por nós e o Santo Espírito nos santificou pelo batismo, fazendo-nos Seu Templo e o caminho pelo qual o amor da força divina existe. Por esta razão, esta é a nossa certeza, nosso privilégio e nosso direito, para viver de acordo com os sacramentos da Igreja, porque assim poderemos nos tornar um instrumento útil ao amor de Deus, em benefício da coletividade. Acreditamos que os homossexuais possam expressar a sua sexualidade da maneira que seja concernente com os ensinamentos de Cristo. Acreditamos que toda sexualidade possa ser praticada com moralidade responsável e desinteressada. Trabalhamos pela justiça e pela nossa aceitação social, através da educação e propondo reformas legais. Pelos homossexuais, individualmente, trabalhamos para reforçar a sua auto-aceitação e o seu senso de dignidade, ajudando-o a tornar-se um membro ativo da Igreja e da sociedade. Nossa finalidade é ajudar o católico homossexual a adquirir esse senso de dignidade e eliminar da consciência católica o temor puritano e a ignorância trocando-os pelas verdades de Cristo que são amor e tolerância.¹⁷⁵

As religiões são tão importantes a ponto de sempre envolver o homem em seu cotidiano através da história. Capra¹⁷⁶ declara que a ciência não precisa do misticismo, nem este daquela; porém o homem precisa de ambos. O homem, ao entrar em contato com a sua espiritualidade se *re-liga* ao cosmo. Tanto é assim que este é o sentido literal da palavra religião.

De certo modo, toda pessoa está envolvida por alguma crença. A fé leva o homem a perceber que não está sozinho neste universo infinito. A sensação de poder contar com algo além de suas próprias forças, faz com que ele se sinta protegido, acolhido, amado.

Pelo processo natural de apreensão dos padrões culturais que regem uma cultura, o indivíduo, ao desenvolver-se, absorve uma gama de conhecimentos relativos à religião e/ou espiritualidade. A fé torna-se uma base para se alcançar os objetivos a que o ser humano se propõe.

A fé leva os indivíduos a convergirem o seu comportamento e o seu pensamento, para os ditames de suas crenças. Muitos resolvem conduzir-se realmente por este conjunto de valores, pautados em suas tradições, muitas delas milenares, que geram no ser humano, uma perspectiva

¹⁷⁴ Sobre Dignity ver o site www.dignityusa.org

¹⁷⁵ LAMPIÃO, 01: 07

¹⁷⁶ CAPRA, 1980: 27

de estar se espelhando em algo não-físico, não-visível, que o manterá bem, por pior que seja a situação que estiver enfrentando.

Em todas as religiões existe uma fé comum que é basicamente humana: é a fé no futuro; é fé igual à da mãe que, apertando seu filho nos braços no meio do terremoto, ou da enchente ou da peste ou da guerra, lhe diz que tudo acabará bem. (...) O misticismo pode ser o ponto de encontro dos cientistas com os crentes das várias religiões. Ele acredita que as pessoas religiosas abordam o problema no nível do mistério, do último sentido, da transcendência; e podem dialogar com aqueles que abordam o mesmo problema como psicólogos, psiquiatras, neurologistas, físicos ou biólogos.¹⁷⁷

Lampião da Esquina não nega a importância das religiões e destaca a atuação do grupo Dignity na tentativa de fazer o bem ao ser humano, especificamente na comunidade gay, por estar acolhendo e trabalhando seus medos e conflitos, tanto internos quanto externos. Por outro lado, o jornal também enxerga as religiões ao proibirem qualquer prática relacionada à homossexualidade podem estar reafirmando um poder de controle social, chegando a influenciar até mesmo aqueles que não se dizem cristãos. Isto porque a sua voz é ativa e desta forma colabora na construção de identidades homoafetivas negativas, fermenta o preconceito e favorece a formação de ideologias homofóbicas em todos os meios sociais.

A seguir reproduziremos somente as capas do ano 3 de *Lampião da Esquina* com seus respectivos títulos.

¹⁷⁷ JOHNSTON, 1989: 45



Figura 53

Edição número 25 – junho 1980

Opinião: *O aborto segundo Pasolini*

Reportagem: *Um roteiro turístico: os buracos do Rio/Mulheres e Bichas*

Gaúchas invadem movimento estudantil

Violência: *Porto Alegre: A morte de “Luisa Felpuda”/Lições Políticas*

do caso Marli

Ativismo: *O racha no SOMOS(SP)/Por uma política menos bicha/Lésbicas*

inauguram a utopia

Festim: *Amsterdã: Bichas Vermelhas promovem a festa*

Ensaio: *Começam a nos entender, mas é isso o que interessa?*

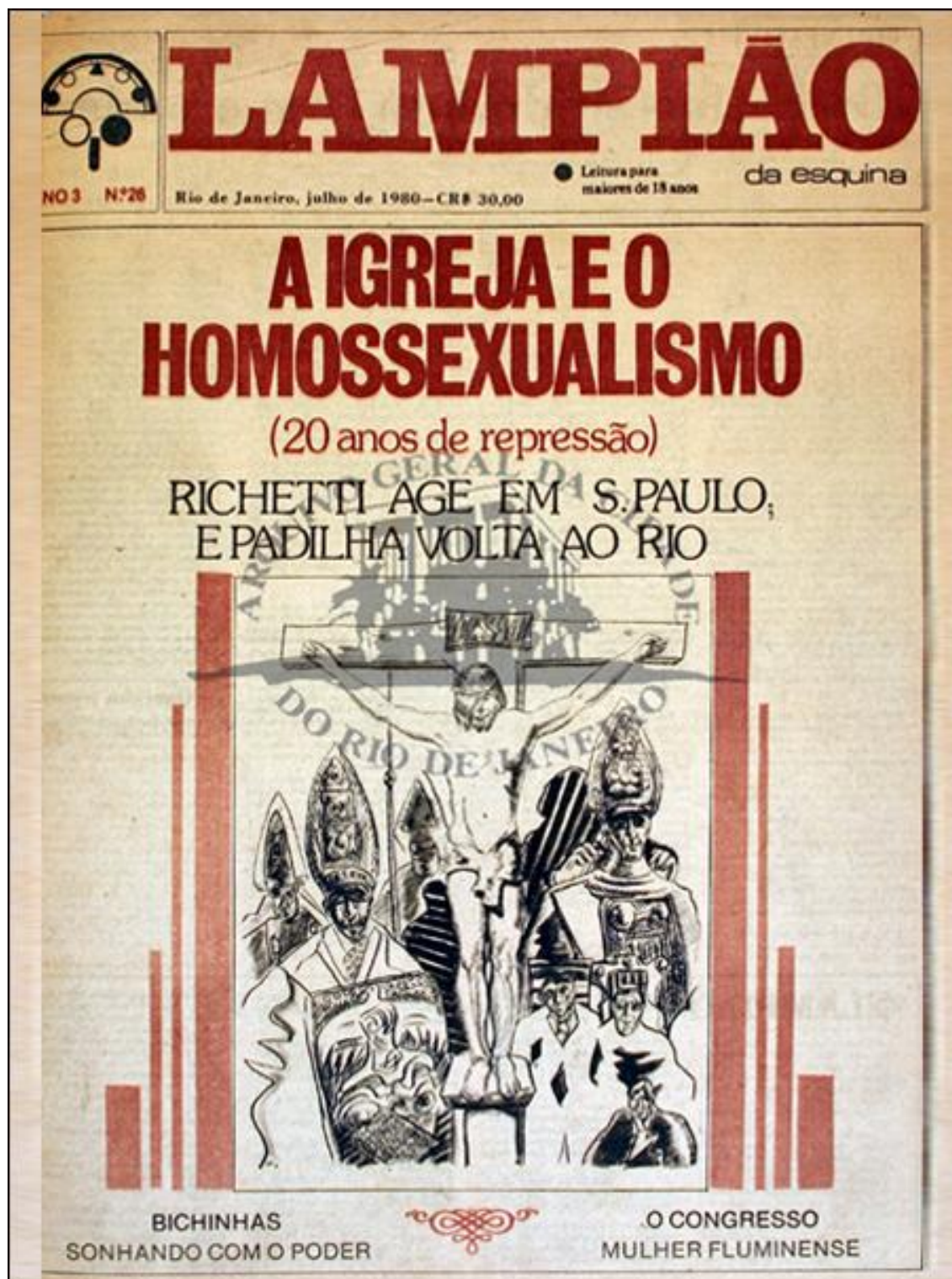


Figura 54

Edição número 26 – julho 1980

Opinião: *Bichinhas sonhando com o poder*

Reportagem: *A Igreja e o Homossexualismo: 20 séculos de repressão/Mulheres*

Encontram mulheres/Dignity: Agrupamento de Cristãos gueis/Uma experiência com

Cristão guei

Reportagem: *A Bíblia e o Homossexualismo/Um ex-seminarista fala de sua*

Temporada no inferno

Esquina: *Boas de cama? viva a pintosa!/Ouro Preto Gay/A arte dos Negros/*

Madureira surreal/e o 13 de maio?/Minorias de quê?/Notícias da Bahia

Ensaio: *Pequenos Gestos, Pequenas Revoluções*

Ativismo: *Autonomia ou não, eis a questão*



Figura 55

Edição número 27 – agosto 1980

Opinião: *Quem liga pro meio ambiente?*

Ativismo: *Brasília: carta aberta ao Sr. Karol Woitjila*

Entrevista: *Ninuccia Bianchi, depois da absolvição/Jean-Paul*

Sartre

Ensaio: *Mais tesão, menos politicagem*

Reportagem: *A incrível transformação de Andrea Casparely*

Violência: *Deraldo Padilha: um delegado exibicionista*

Esquina: *Novas mulheres em Copenhague*

LAMPIÃO
da esquina

ANO 31 n.º 28 Rio de Janeiro, Setembro de 1980. Cr\$ 40,00 • Leitura para maiores de 12 anos

EM AGOSTO FOI ASSIM:

**CRIOULO NÃO É GENTE,
BICHA E MULHER
TEM MAIS É
QUE MORRER**

Mantuel Puig
fala da mulher aranha

QUANTOS VOCES SÃO AO TODO?

SEM ERAMOS ONZE!
SENDO QUE OS QUATRO
MENORES MORRERAM
SUBNUTRIDOS, O CASAL
DE GÊMEOS FOI
LINCHADO PELA
SOCIEDADE POR
SEREM
HOMOSSEXUAIS,
OS TRÊS RAÍZES
TOMAM SUICÍDIOS
PELO ESQUADRÃO
E MEU MARIDO SAIU
ATRAS DO PAPEL
COBRANDO O
MILAGRE
BRAGUETIRO.

censo-80

Figura 56

Edição número 28 setembro 1980

Opinião: *Nós ainda estamos aqui*

Reportagem: *Recife: mais uma bicha executada/Mulheres assassinadas: a história*

De sempre/Lecy Brandão vai à luta contra o racismo

Entrevista: *"Snob", "Le Femme"...Os bons tempos da imprensa guei*

Reportagem: *Um carnaval negro no Haure/Manuel Puig fala quase tudo*

Ativismo: *Frente de Liberação Homossexual da Argentina: uma história*

LAMPIÃO
Rio de Janeiro, outubro de 1980. Cr\$ 40,00 • Leitura para maiores de 18 anos. **da esquina**

Ao 3Nº 29

3 entrevistas pra derrubar

1ª Cassandra Rios:
Pornográfica?
Então, leiam a Bíblia!

2ª Roger Peyrefitte:
Um listão
com Paulo VI,
Pompidou...

**3ª Ruddy,
de Ipanema:**
Na zona
eu me
divertia
muito mais

E mais: Pega pra capar em Brasília.
Quem salvará nossas crianças?





Figura 57

Edição número 29 – outubro 1980

Opinião: *Dando nomes aos bois*

Esquina: *Quem salvará nossas crianças?/Por trás do mictório um policial/Pega*

Pra capar em Brasília/ Meus encontros com Daniel Guérin

Entrevista: *A enriquecedora viagem de Ruddy, da zona de Belô ao barulho de*

Ipanema /Peyrefitte fala (mal) do Vaticano, da Dietrich de Sartre, de Pompidou.../

Cassandra Rios: “Assim, até a Bíblia é pornográfica”

Ensaio: *Aborto corpo livre/Devolver aos homossexuais o gosto pela vida*

LAMPIÃO

Rio de Janeiro, novembro de 1980 ▼ Cr\$ 40,00 ▼ * Lettura para maiores de 18 anos

da esquina

ano 3 / Nº: 30

PROSTITUTOS

ESTES MICHES
(NEM TÃO) MARAVILHOSOS
E SUAS INCRÍVEIS
MÁQUINAS DE FAZER SEXO!

(Um dossiê completo sobre
a prostituição masculina)

Um juiz pelas minorias...

**ÁLVARO
MAYRINK**

fala de racismo,
homossexuais,
maconha,
mulher submissa, etc..

Finalmente:
a Justiça do nosso lado.

LAMPIÃO
ensina
como fotografar
um homem pelado!

Figura 58

Edição número 30 – novembro de 1980

Reportagem: *Mulheres e bichas contra a violência/Estes michês (nem tão) maravilhosos e Suas incríveis máquinas de fazer sexo*

Esquina: *Uma lição de Sade, o libertino/Matador de Felpuda quase estupra menina/ "Pixote", um casamento que deu certo/Finalmente a UNE já pensa no prazer*

Entrevista: *Álvaro Mayrink um jiz pelas minorias/Cyntia Martins: como fotografar um homem pelado*



Figura 59

Edição número 31 – dezembro 1980

Reportagem: *Masturbação o prazer da maioria/Prazer*

Solitário: eu, heim?/De ativos, passivos e reflexivos/Para as

Mulheres apenas mais um tabu/O onanista/E agora, a

Tradicional "enquete"/André Gide e o onanismo/Algumas

Teorias e uma alegoria

Ativismo: *Lampiãoicos: ativista, astronautas?/Mendigos da*

Normalidade/Convergindo: da Mesopotâmia a Richetti



Figura 60

Edição número 32 – janeiro 1984

Reportagem: *Brasil: campeão mundial de travestis/Libélulas, mariposas,
vampiras, damas da noite.../Paulicéia, com olho de lince e pernas de avestruz/*

Um passeio na zona

Entrevista: *Rogéria superstar*

Ativismo: *Afinal, o que é um grupo homossexual organizado?/Na reunião
dos grupos, o reflexo da crise*

Esquina: *Suspeita do Itamarati não basta para afastar aluno/Homossexualismo?*

Diabetes?Assassinato Cultural?/O ativismo e o abismo dos nossos desejos/

Notas sobre um coquetel de ódio

LAMPIÃO
ANO 3 n.º 33
Rio, Fevereiro de 1981 CR\$ 50,00
Lecture para maiores de 13 anos da esquina

CUBA OS ÓRFÃOS DE SIERRA MAESTRA



Carnaval: Mauro Rosas



Hambre de sexo en Argentina. de pão duro.

MAS AVIOLÊNCIA DO SISTEMA PODE!

Figura 61

Edição número 33 - fevereiro 1981

Ativismo: *Veredas Tropicais/...Mas a violência do*

Sistema pode/Jogaram bosta no II EGHO

Entrevista: *Mauro Rosas: pão duro, amor e fantasia*

Esquina: *Sex shops: pornôs ou farmácias?*

Reportagem: *Cuba: dez anos de caça às bichas/Histórias*





*que Mãe-Revolução não contava/Go home, gay yankee!/
Os órfãos de Sierra Maestra/ Yo soy cubana; da terra de*

Fidel/Hambre de sexo em Argentina

LAMPIÃO
no 3134 Rio de Janeiro, março de 1981 — Cr\$ 50,00 * Lettura para maiores de 18 anos da esquina

HOTEIS DE PEGACÃO um roteiro para a EMBRATUR pensar no assunto

HOMEM COM HOMEM
(O CARNAVAL GAY)



ROGERIA
ATOR REVELAÇÃO

¿quien llora por ti argentina?

Figura 62

Edição número 34 – março 1981

Ativismo: *Bahia: os ativistas vão à luta/Novela: pó que o II EGHO dançou?*

Reportagem: *Só para cavalheiros/ Memórias de guerra/E por esta Argentina, quem chora?*

Esquina: *Um jornal com muitas chanas/ Bichinhas ipanemenhas/História de Macho-beleza*

LAMPIÃO
da esquina

Ano 3/Nº 35 Rio de Janeiro, abril de 1981 - Cr\$ 50,00 * Letura para maiores de 18 anos

ENTREVISTA: A BICHA QUE VIROU MULHER
com uma discussão sobre **TRANSEXUALISMO**




HOMEM PELADO
um STRIP-TEASE COMPLETO para VOCE.....

como curar sua GONORRÉIA | **LÉSBIAS tascam o MR-8**

MACONHA na PUC

Figura 63

Edição número 35 – abril 1981

Reportagem: *Homem/Mulher: pra virar tudo basta operar?/Quem*

Lucra com esta operação?/Como um conto de fadas/Claudie: o

Transexualismo é um estilo de vida?

Medicina: *Doença venérea: o mito e o reto*

Esquina: *O vaivém da poesia pornô/Quando a sacanagem é criativa/*

Minha quase experiência com um anão guei/Os novos deuses do sexo/

Ativismo: *A hora da porrada/Um conjunto bem-pensante?*

LAMPIÃO
da esquina

Ano 3/Nº **36**
Rio de Janeiro, maio de 1981 — Cr\$ 60,00
a leitura para maiores de 18 anos

A PRACA É DAS BICHAS

E A NOSSA PEGAÇÃO, COMO É QUE FICAT

Mas querem fotear a velha TIRADENTES

TODOS NUS!

5 bofes!

Ney Mattogrosso & Zé Rodrix & O Incrível Hulk

LAMPIÃO agora tem 3 anos

PARAPLE GICOS
TAMBÉM AMAM

SAIBA COMO É A TRANSA DELES... E EXPERIMENTE

Figura 64

Edição número 36 – maio 1981

Esquina: *Loucuras no Parque Lage/Um show Pra Gente*

Reportagem: *Os paraplégicos também transam/ Daniel*

Postura diz como é e convida: Experimente!/ Tiradentes,


Sublime tentação/Minha casa é um ladrilho/Tudo começou

com “seu” Pachoal/As crianças no Poder?

Bate-boca: *A peleja entre Darcy Penteadado e Antônio Calmon*

 **LAMPIÃO**
Ano 3/Nº 37 Cr\$ 60,00 ● Leitura para maiores de 18 anos **da esquina**

VIADO GOSTA DE APANHAR?
Uma viagem ao mundo dos sadomasoquistas

 **A QUESTÃO QUEI INVADE O TEATRO**
NUNCO PARENTE + ROBERTO LOPES em "AS TIAS"

HOMOSSEXUAL SE AFOGA APOS FOTOGRAFIAR GAROTO NU!



ENQUETE: O que o SENHOR faria se visse SEU MARIDO beijando outro HOMEM?

Figura 65

Edição número 37 – junho 1981

Entrevista: *Hocquenghem: Revolucionário é o travesti/ A nova
Versão de “A médica e o monstro”/Contra a bicha institucionalizada/
Estrelas brasileiras em Paris*

Esquina: *Um novo lançamento da Esquina Editora para seus
Leitores/ Um palácio para muitas rainhas*

Porrada: *Viado gosta de apanhar/Uma visita ao QG das bichas
de couro*

Reportagem: *O teatro é uma arte guei?*

*Eu não espero pelo dia em que todos os
homens concordem. Apenas sei das diversas
harmonias possíveis, sem juízo final.*

Caetano Veloso

Nossa pesquisa demonstrou que o jornal alternativo *Lampião da Esquina* é, antes de tudo, um manifesto vivo da recente história do Brasil e assim sendo, não podia ficar somente disponível para consulta no site do grupo dignidade ou guardado apenas na memória de uma comunidade específica. Ele precisa fluir para a memória de toda a nação.

Durante sua existência *Lampião* criou estruturas polifônicas complexas. Estabeleceu um diálogo com seus leitores, com a comunidade gay e a sociedade em geral. Sua presença, sempre polêmica, deixou sua marca durante o período da ditadura militar. Suas páginas continham uma gama diversificada de discursos verbais (textos) e não verbais (gráficos) instigantes e auto-irônicos.

Buscando conscientizar seus leitores, dar visibilidade as minorias e proporcionar a troca de experiências, *Lampião* construiu uma plataforma comunicativa que propiciou o surgimento de debates, reflexões, inferências e epifanias que atuaram sobre a subjetividade homossexual.

Ao analisarmos suas capas, seu conteúdo jornalístico e as cartas dos leitores com as respectivas respostas dos editores notamos que o projeto comunicacional do periódico realmente privilegiou o compartilhamento de sentidos entre os sujeitos interlocutores, realizado através de uma materialidade simbólica (seus ensaios, artigos, matérias juntamente com os elementos gráficos e visuais), estando este processo inserido em um determinado contexto sobre o qual atua e do qual recebe reflexos (seus leitores e suas cartas como também a sociedade em geral).

Este tripé comunicativo deu legitimidade e autenticidade ao jornal ajudando-o tanto a Informar quanto a Formar identidades afirmativas gays desmitificando os argumentos depreciativos que os saberes religioso, médico e jurídico e a mídia de uma forma genérica, até então propagaram na tentativa de se perpetuar o padrão heterossexual patriarcal.

O problema com a religião foi destaque de várias edições do jornal pela relevância e força que seu discurso tem na construção identitária homossexual. Publicando Ensaios, Artigos, Reportagens e Entrevistas buscou conscientizar seus leitores que a idéia de abominação e de pecado podia ser vista de outra maneira e que o gay podia ser também filho de Deus e viver em

paz com sua religiosidade. Matérias como “Confissões de um carmelita descalço” (edição 1), “As confissões de um rabino guei” (edição 12), “Um padre escreve sobre o amor de Jônatas e Davi” (edição 12), “A igreja e o Homossexualismo: 20 anos séculos de repressão” (edição 26), “Dignity: agrupamento de cristãos gueis” (edição 26), “A Bíblia e o homossexualismo” (edição 26), “Um ex-seminarista fala de sua temporada no inferno” (edição 26) serviram para endossar esta postura do periódico .

Desmitificando alguns argumentos preconceituosos do saber médico, principalmente o discurso proveniente do universo da psicologia, *Lampião* trouxe para seus leitores matérias como a do ensaísta Darcy Penteado “Homossexualismo: que coisa é essa?” (edição 02). Outras matérias seguiram esta linha: “Assumir-se por quê?” (edição 02), “Heterossexualidade perversão ou doença?” (edição 06), “A fantástica fábrica de Heterossexuais” (edição 15). A mensagem comum nestes textos pode ser resumido em um único ponto: o gay não é louco e também não sofre de patologia nenhuma, assim, não precisa de tratamento médico para curar seu “homossexualismo”.

O saber jurídico também foi contemplado pelo periódico. Matérias como “Anormal assassinado em Copacabana” (edição 06), “Um eterno suspeito o Homossexual” (edição 06), “Que tu tenhas teu corpo (Habeas Corpus)” (edição 17). O jornal discute o problema da falta de uma legislação que ampare os gays e do preconceito policial e jurídico presentes em nossas repartições públicas. Por outro lado, deixa claro para seus leitores que o gay deve sair da posição de vítima e começar a lutar por seus direitos.

Matérias focando outras minorias também rechearam as edições de *Lampião*: negros, feministas, índio, entre outras, foram alvo de ensaios e reportagens. O temática ativista e de militância gay estiveram sempre presente nos números lampiônicos. Temas como educação e homossexualidade e assuntos mais sóbrios e pesados, com cunho histórico, como a relação do nazismo com os homossexuais, também fizeram parte de suas páginas. Filósofos e pensadores como Sartre tiveram espaço e voz no periódico. Todos discutindo, refletindo, problematizando a questão gay.

Lampião em suas capas com suas chamadas, como também os títulos de suas matérias dentro de seu corpo eram auto-irônicos e debochados. Buscaram (re)construir uma nova

imagem gay utilizando o discurso reverso foucaultiano. O estilo “camp” também foi detectado para dar suporte a este intento.

Denominar seções do jornal com títulos como “Bixórdia” ou utilizar termos normalmente pejorativos e humilhantes retirados do universo machista como bicha, veado, traveca era uma forma de reverter o processo injurioso isto sem mencionar que ao escrever a palavra gay de forma abasileirada já é era uma abordagem auto-ironica. Os exemplos são diversos: a famosa capa de Fidel Castro vestido de rumbeira virou um clássico. A edição do então líder sindicalista e posteriormente presidente da república Lula também foi irônica, em sua chamada trazia os seguintes dizeres: “Alô, Alô, classe operária: e o paraíso nada!” , alusão debochada do bordão cunhado pelo comunicador Chacrinha: “Alô, Alô, Teresinha!!!”

Títulos debochados estiveram sempre presentes em suas edições: “Eram os homossexuais astronautas?” (alusão ao livro *Eram os deuses astronautas?*), “Ao Pasquim com carinho” (alusão ao filme *Ao mestre com carinho*), “A fantástica fábrica de heterossexuais” (alusão ao filme *A fantástica fábrica de chocolate*), “Um bonde chamado prazer (alusão à peça *Um bonde chamado desejo*), “Nos embalos de Calmon” (alusão ao filme *Nos embalos de sábado à noite*), E o negro é beautiful? (alusão a músicas beautiful people de Jimmy Cliff) e assim vai ...

Lampião introduziu algumas novidades: trouxe para dentro de suas páginas o universo dos quadrinhos com temática gay, questionou a moral hipócrita burguesa publicando debochadamente e audaciosamente o nu frontal (não pornográfico), serviu de correio elegante para seus leitores, deu espaço para que seus leitores escrevessem, divulgou roteiros gays como também notícias sociais e culturais do universo gay: livros, filmes, poesia etc.

Em junho de 1981 foi publicada a última edição de *Lampião da Esquina* e com ele se apagou a luz de uma época. *Lampião* não era somente mais um impresso alternativo que circulou no país durante a ditadura militar e sim, um jornal alternativo que deixou impresso na alma de seus leitores uma marca profunda. Nos dizeres de um de seus leitores: “Lendo este jornal não mais me sinto como carta fora do baralho, antes eu me sentia complexado perante todos, agora é diferente”¹⁷⁸.

¹⁷⁸ LAMPIÃO, n° 03, 1978 – Cartas na Mesa

Acreditamos ter demonstrado que *Lampião da Esquina* através de seu projeto político-comunicacional conseguiu, em sua época, construir novas identidades afirmativas. Amado e odiado, mas nunca passou incólume entre seus pares. Ainda não apareceu na mídia impressa outro veículo que conseguisse causar um fenômeno tão marcante e instigante.

Infelizmente *Lampião* terminou deixando a comunidade gay órfã. Terminou por vários motivos: pela abertura política que proporcionou aos jornalistas envolvidos voltarem a trabalhar na chamada grande imprensa, por uma questão de ego ou talvez pelo fato de seus integrantes não conseguirem enxergar o fenômeno lampiônico como um todo, não perceberam que mesmo seguindo visões diferentes a voz do jornal continuaria dialogando com a sociedade. É muito difícil para alguém enxergar o todo quando se é parte integrante deste mesmo todo. O deslocamento é necessário (temporal, físico, afetivo) para lançar uma luz clara sobre qualquer situação.

Em *Lampião* houve uma inegável centralização do poder. Graças a ela, as decisões acabaram ficando nas mãos de um ou dois editores que vetavam ou cortavam o que queriam, dificultando ou não permitindo discussões mais amplas sobre as novas perspectivas para o jornal. O resultado final foi que, no último ano, *Lampião* foi perdendo o interesse de gregos e troianos. Tal fato ficou patente num dos seus números mais importantes, no qual se publicou um amplo e sério dossiê sobre a questão homossexual em Cuba, com a caricatura de Fidel Castro vestido de rumberia, na capa. Para espanto dos editores, esse foi o número menos vendido de toda a história do jornal. Sintomaticamente, o número seguinte – que ostentava na capa fotos escandalosas do carnaval – foi um dos mais vendidos. A partir daí, com as divergências acirrando-se dentro do Conselho Editorial, decidiu-se fechar o jornal, em julho de 1981, depois de três anos de vida e 37 números publicados mensalmente, com distribuição em todo o território nacional.¹⁷⁹

Desta maneira, passados trinta anos desde seu término, acreditamos ter demonstrado a totalidade deste fenômeno comunicativo e jornalístico. Foi um vôo panorâmico com apenas algumas escalas para abastecimento. Talvez seja mais justo dizer que assim, como João do Rio flanava pelas ruas do Rio de Janeiro, nós também flanamos pelos discursos de *Lampião*. João do Rio acreditava que as ruas têm alma, nós acreditamos na alma de *Lampião*. Em nossa trajetória apareceram mais perguntas do que respostas. Esperamos que outros pesquisadores continuem buscando essas respostas.

¹⁷⁹ TREVISAN: 2007: 362

A seguir, reproduzimos as três capas das Edições Extras de *Lampião da Esquina*. Os títulos das entrevistas já se encontram nas próprias capas, assim, não reproduziremos os mesmos.

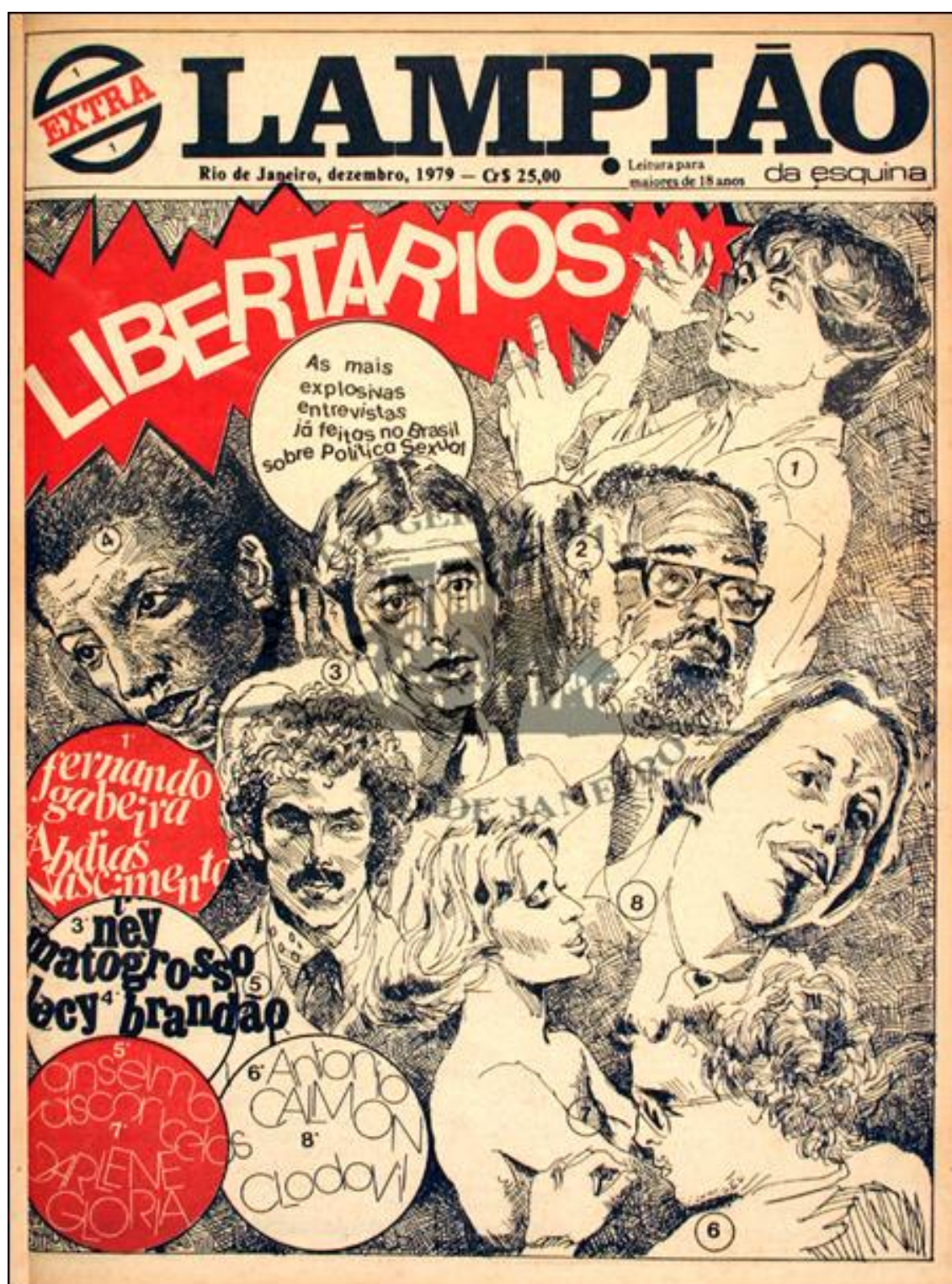


Figura 66

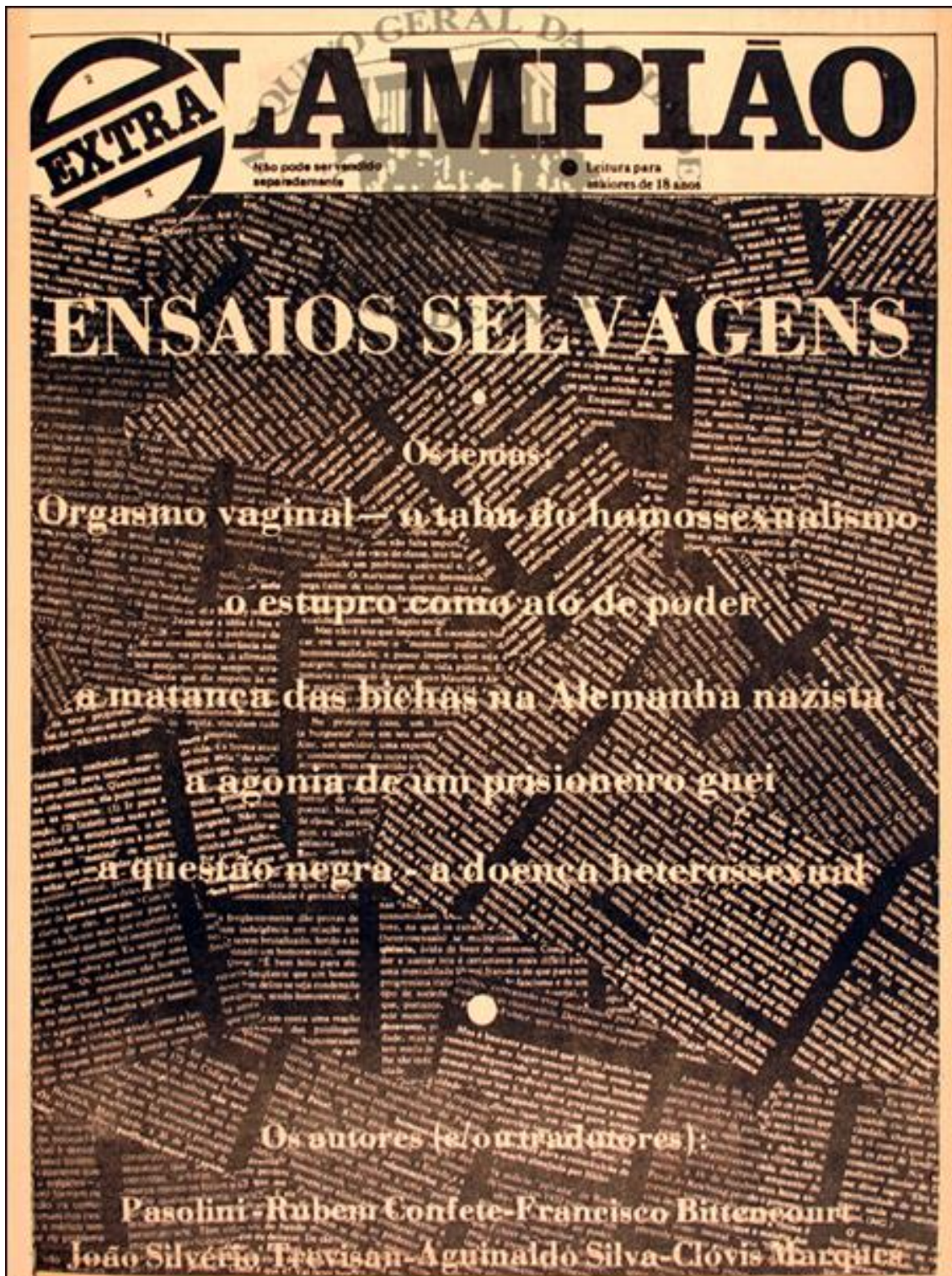


Figura 67



LAMPILÃO
Rio de Janeiro, 1980. Cr\$ 200,00. • Leitura para maiores de 18 anos **da esquina**

3 EXTRA 3

ENTREVISTAS

1 Manuel Puig
fala de bichas sonhadoras
e mulheres submissas

2 Sartre, antes da morte, abre o jogo
e fala de homossexuais

3 2 travestis
dão um depoimento vivo sobre
o sufoco paulista

4 Movimento Louco-Lésbico:
mulher com mulher
não dá jacaré

Acompanha um suplemento especial: o calendário Nus Masculinos/81
Não pode ser vendido separadamente

Alfredo Castro, Marcia

Figura 68

Referências

ADORNO, Teodor; HORKHEIMER, Max.. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

ALEJANDRO, Roberto. *Hermeneutics, Citizenship and the Public Sphere*. New York Press: New York, 1993.

ALZAMORA, Geane.. *Comunicação e Cultura na Internet – Em busca de outros jornalismo culturais*. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica), São Paulo: PUC, 2005.

ANKERBERG, J.. *Os fatos sobre a Homossexualidade: Pesquisas Científicas e Autoridade Bíblica: Os Homossexuais podem mudar?*, 2ª edição, Porto Alegre: Obra Missionária Chamada da Meia Noite, 2000.

ARISTÓTELES. *Poética*. Madri: Alianza, 1998.

BACHELARD, Gaston. *A poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BANDEIRA, M.. *Será que ele é? Sobre quando Lampião colocou as cartas na mesa*. Dissertação (Mestrado em História), São Paulo: PUC, 2006.

BARNARD, Frederik M.. *Culture and civilization in modern times*, in: WIENER, Philip P. (ed.). *Dictionary of the history of ideas. Studies of selected pivotal ideas*, vol 1. New York: Charles Scribner`s Sons, 1973.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. *Vida para consumo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BHABHA, Homi. *The Location of Culture*. London: Routledge, 1994.

_____. *O Local da cultura*. Trad. De Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas: UNICAMP, 1996.

_____. *Bakhtin conceitos-chave*. Beth Brait, (org.). 3ª Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BRENNER, C.. *Noções Básicas de Psicanálise – Introdução à Psicologia Psicanalítica*; 5ª edição; São Paulo; Imago; 1987.

BORDIEU, P.. *Gostos de classe e estilo de vida*. In: Ortiz, Renato (org) Pierre Bordieu: sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

_____. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BUBER, Martin. *Eu e Tu*. Tradução ZUBEN, Newton. São Paulo: Centauro, 2001.

_____. *Do diálogo e do dialógico*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BUITONI, Dulcilia S.. *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Summus, 2009.

BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

BUTLER, J.. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CALHOUN, Craig. *Social Theory and the Politics of Identity*. In: _____(Ed). *Social Theory and the politics of Identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

CANDIDO, A.. *A literatura e a sociedade*. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CAMPOS, D.M.S.: *Psicologia da Adolescência*, 11ª edição; Petrópolis, Vozes, 1996.

CAPLAN, Pat. *The cultural construction of sexuality*. London: Tavistock Publications, 1987.

CAPRA, F.: *O Ponto de Mutação*, São Paulo, Cultrix, 1980.

CASTELLS, Manuel. *O poder da Identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

CASTRO, E.. *Vocabulário de Foucault*. Tradução XAVIER, Ingrid. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CATALÀ, J. M.. *La imagem compleja: La fenomenologia de lās imágenes em La era de la cultura visual*. Barcelona: Bellaterra, 2005.

CHARAUDEAU, P.. *Para uma nova análise do discurso*. In: CARNEIRO, Agostinho Dias (org.). *O discurso da mídia*. Rio de Janeiro: Oficina do autor, 1996.

CHINEM, Rivaldo. *Imprensa Alternativa: Jornalismo de oposição e inovação*. São Paulo: Ática, 2004.

CIRNE, Moacy. *A linguagem dos quadrinhos*. São Paulo: Vozes, 1973.

_____. *Uma introdução política aos quadrinhos*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1982.

COHEN, Cláudio. *Saúde Mental, Crime e Justiça*. São Paulo: EDUSP, 1996.

COSTA, J. F.. *A ética e o espelho da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

_____. *Amizade e estética da existência em Foucault*. São Paulo: Graal, 1999.

_____. *A face e o verso: estudos sobre o homoerotismo II*. São Paulo: Escuta, 1995.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Lisboa: Mobilis in Mobile, 1971.

DOURADO, L.A.. *Homossexualismo e Delinqüência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1963.

ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Tradução Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FENICHEL, O.: *Teoria Píscanalítica das Neuroses*; tradução de Samuel Penna Reis; São Paulo: Atheneu, 1997.

FILHO, C.M.: *Televisão – A Vida Pelo Vídeo*; 7ª edição; São Paulo; Moderna; 1988.

FOUCAULT, M.: *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*; tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque; 16ª edição; Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, M.: *História da Sexualidade 2: O Uso dos Prazeres*; tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque; revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuquerque; 10ª edição; Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, M.: *História da Sexualidade 3: O Cuidado de Si*; tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque; revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuquerque; 8ª edição; Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. *História da Loucura*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

_____. *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

FREUD, S.. *Obras Completas de Sigmund Freud*. São Paulo: Imago, 1999.

FRIEDMAN, H.S., SCHUSTACK, M.W.. *Teorias da Personalidade – Da Teoria Clássica à Pesquisa Moderna*; 2ª edição; São Paulo: Prentice Hall, 2004.

FOSTER, E. M.. *Aspectos do romance*. Porto Alegre, Globo, 1959.

FRY, P., MACRAE E: *O Que é Homossexualidade*; São Paulo; Brasiliense; 1985.

GIDDENS, A.. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GOFFMAN, E. *Estigma – Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*, 4ª edição, Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

GOLDENBERG, M.: *De Perto Ninguém É Normal – Estudos Sobre o Corpo, Sexualidade, Gênero e Desvio de Cultura Brasileira*; 2ª edição; São Paulo: Record, 2005.

GREGOLIN, Maria do Rosário. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos*. São Carlos: Claraluz, 2007.

_____. *Discurso e mídia*. GREGOLIN, M. (org.), São Carlos: Claraluz, 2003.

GUARESCHI, Pedrinho A. *Comunicação & Poder – A Presença e o Papel dos Meios de Comunicação de Massa Estrangeiros na América Latina*; 12ª edição Petrópolis: Vozes, 1994.

GUARESCHI, Pedrinho A. e Colaboradores. *Comunicação & Controle Social*; 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 2000.

HABERMAS, J.. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1984.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HOPCKE, R.H.: *Jung, Junguianos e Homossexualidade*; Tradução Cássia Rocha; 2ª edição; São Paulo: Siciliano, 1993.

JOHNSTON, W. *Música silenciosa: A ciência da meditação*, 2ª edição, São Paulo: Loyola, 1989.

KAPLAN, H. I. , SADOCK, B.J., GREBB, J. A. *Compêndio de Psiquiatria – Psiquiatria Clínica e Ciências do Comportamento*; 7ª edição. Porto Alegre; Artes Médicas, 1994.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. São Paulo: EDUSC, 2001.

KIERKEGAARD, S. A.. *O conceito de ironia*. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.

KOTLER, P.. ARMSTRONG, G. *Princípios de Marketing*; Rio de Janeiro: Prentice Hall, 1993.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários da imprensa brasileira*. São Paulo: Escrita Editorial, 1991.

LEYLAND, Winston. *Now the volcano: na anthology of latin american gay literature*. San Francisco: Gay Sunshine Press, 1979.

LOPES, D.. *O homem que amava rapazes e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

LOURO, G. L.. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Atênica, 2004.

LUNDIN, R.W.: *Personalidade – Uma Análise do Comportamento*; tradução de Rachel Rodrigues Kerbauy; 2ª edição, São Paulo: EPU, 1977.

MATOS, Olgária. *A escola de Frankfurt*. São Paulo: Moderna, 1993.

MASTERS, W.H., JOHNSON, V.E.: *Homossexualidade em Perspectiva*; tradução de Bárbara Krotoszynski; Porto Alegre: Artes Médicas, 1979.

MEYER, M.. *The politics and poetics of camp*. London: Routledge, 1994.

MOLINE, A.. *O grande livro dos mangás*. São Paulo: JBC, 2004.

MORRIS, C.G., MAISTO, A.A.. *Psicologia*; tradução de Ludmilla Teixeira Lima e Marina Sobreira Duarte Baptista; 6ª edição; São Paulo; Prentice Hall; 2004.

MOTT, Luiz. *A cena gay de Salvador em tempos da AIDS*. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 2000.

_____. *Assassinato de Homossexuais – Manual de Coleta de Informações, Sistematização e Mobilização Política Contra Crimes Homofóbicos*. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 2003.

_____. *Sexo Proibido: Virgens, Gays e Escravos nas garras da Inquisição*. Campinas: Papirus, 1989.

MORIN, E.. *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

NAPHY, William. *Born to be gay. História da Homossexualidade*. Tradução ARAÚJO, Jaime. Lisboa: Edições 70, 2006.

OLIVEIRA, Sandra. *Imagem também se lê*. São Paulo: Rosari, 2009.

PAPPAS, N.. *A República de Platão*. São Paulo: Guias Filosóficos, 1998.

POSSENTI, S.. *Os humores da língua*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

RIBEIRO, J.P.. *Gestalt Terapia: Refazendo um Caminho*; 3ª edição, São Paulo: Summus; 1985.

RODRIGUES, João Carlos. *João do Rio: vida, paixão e obra*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2010.

RODRIGUES, H. *O Amor Entre Iguais*. São Paulo: Mytos, 2004.

RODRIGUES, Jorge Luís C. P.. *Impressões de Identidade: Histórias e Estórias da Formação da Imprensa gay no Brasil*. Tese (Doutorado em Ciências da Literatura), UFF, 2007.

SANTAELLA, Lucia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.

SCHPUN, M.R. *Masculinidades*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004.

SCOTT, Joan. "The evidence of experience". In: ABELOVE, Henry; BARALE, Michèle; HALPERIN, David (orgs). *The Lesbian and Gay Studies Reader*. London: Routledge, 1993.

SEDGWICK, Eve K.. *Epistemology of the closet*. In: ABELOVE, Henry et alli. *The lesbian and gay studies reader*. New York/London: Routledge, 1993.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) *Identidade e Diferença – a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SIMONS, J.. *Foucault and the political*. London: Routledge, 1995.

SONTAG, S.. *Contra a interpretação*. Porto Alegre: L&PM, 1997.

_____. *Notas sobre o camp*. In: *Contra a interpretação*. Porto Alegre: LPM, 1987.

SPARGO, T. *Foucault e a teoria queer*. Rio de Janeiro: Pazulin, 2006.

TREVISAN, João S.. *Devassos no paraíso*. São Paulo: Record, 2007.

VEIGA-NETO, A.. *Foucault e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

XAVIER, F. C. / EMMANUEL (espírito). *Vida e sexo*. São Paulo, FEB, 1979.

WEILL, P.: *Pequeno Tratado de Psicologia Transpessoal*, 5ª edição, Rio de Janeiro: Vozes, 1979.

YOUNG, Iris. *Justice and the politics of difference*. Princeton: Princeton University Press, 1990.

_____. *Difference as a resource for democratic communication*. In: Bohman, J. e Rehg, W. *Deliberative Democracy*. Cambridge: Mit Press, 1997.

ZIMERMAN, David E.. *Fundamentos Psicanalíticos – Teoria e Técnica Clínica*; Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

Periódicos

Revista *Junior* números: ano 1, número 5; ano 2, números 10 e 12; ano 3, número 18

Revista *DOM* : edições 04 e 14

Revista *Aimé* : ano 3, número 11

Webgrafia

www.acapa.virgula.uol.com.br – último acesso 10/02/2011

www.dignityusa.org - último acesso em 12/02/2011

www.catholicforum.org – último acesso em 12/02/2011

www.diversidadecatolica.com.br – último acesso em 12/02/2011

www.grupodignidade.org.br – último acesso em 13/02/2011

www.bbcbrasil.com.br – acessado em 2010

www.brokebackmountain.com.br –acessado em 2008

www.mapplethorpe.org – acessado em 2010

www.psicologiaonline.com.br – acessado em 2009

www.ciceropaes.com.br – acessado em 2009

www.vejaonline.com.br – acessado em 2010

www.brasildefato.com.br – acessado em 2010

www.mga.org.br – acessado em 2009

www.stonewallbrasil.com – desativado - último acesso 2009

Índice de Poemas (por ordem de colocação)

Um sacrilégio – Valério Perelechin (página 136)

Poema para o modelo – José Renato Pimentel (página 142)

O canibal – Valério Perelechin (página 144)

A vitrina da tabacaria – Constantino Cavafi (página 146)

Poema para teus seios – Leila Míccolis (página 152)

Soneto – Mário de Andrade (página 154)

Antropofagia – Franklin Jorge (página 156)

Glossário

Bissexuais: são indivíduos que se relacionam sexual e/ou afetivamente com qualquer dos sexos. Alguns assumem as facetas de sua sexualidade abertamente, enquanto outros vivem sua conduta sexual de forma fechada.

Expressão de gênero: contrariamente à identidade de gênero e à orientação sexual, aquela, por sua natureza, é eminentemente social. Refere-se ao modo de vestir, aos maneirismos, ao discurso verbal, a aparência, e a outros aspectos sociais que não estão contemplados no termo “identidade de gênero”, os quais, em muitas sociedades, são regulados pela lei, inclusive no campo penal.

Gays: são indivíduos que, além de se relacionarem afetiva e sexualmente com pessoas do mesmo sexo, têm um estilo de vida de acordo com essa sua preferência, vivendo abertamente sua sexualidade. Atualmente a palavra gay está mais associada a imagem do homossexual masculino.

Homoafetiva/homoerótico: relações afetivas de pessoas do mesmo sexo.

Homofobia: são expressões do preconceito e mecanismos de discriminação, de estigmatização e violência contra pessoas GLBTT. A homofobia vai além da hostilidade, ela desencadeia e (re)alimenta processos discriminatórios, representações estigmatizantes e, processos de exclusão, dentre outros, voltados a tudo aquilo que, de alguma forma, se remete, direta ou indiretamente, às práticas sexuais e identidade de gênero discordantes do padrão heterossexual.

Homossexuais: são aqueles indivíduos que têm orientação sexual e afetiva por pessoas do mesmo sexo.

Homossexualidade: A homossexualidade é a atração afetiva e sexual por uma pessoa do mesmo sexo. Da mesma forma que a heterossexualidade (atração por uma pessoa do sexo oposto) não tem explicação, a homossexualidade também não tem. Depende da orientação sexual de cada pessoa. Por esse motivo, a Classificação Internacional de Doenças (CID) não inclui a homossexualidade como doença desde 1993.

Homossexualismo: atualmente, evita-se o emprego do termo devido a associação do sufixo “ismo” com patologia.

Identidade de gênero: refere-se ao profundo sentimento experimentado por uma pessoa, bem como a sua vivência individual, quanto ao gênero, os quais podem ou não corresponder ao sexo que lhe foi originalmente atribuído no seu nascimento, inclusive no tocante ao seu inconformismo com o seu corpo (o qual pode incluir a sua modificação, seja por meio da aparência ou da funcionalidade, por meio de intervenção cirúrgica, terapia hormonal, ou quaisquer outros meios), e outras expressões de gênero, como é o caso do vestuário, discurso verbal, e maneirismos.

Identidade sexual: é o conjunto de características sexuais que diferenciam cada pessoa das demais e que se expressam pelas preferências sexuais, sentimentos ou atitudes em relação ao sexo. A identidade sexual é o sentimento de masculinidade ou feminilidade que acompanha a pessoa ao longo da vida. Nem sempre está de acordo com o sexo biológico ou com a genitália da pessoa.

Lésbicas: terminologia utilizada para designar a mulher homossexual.

Orientação sexual: orientação sexual é a atração afetiva e/ou sexual que uma pessoa sente pela outra. A orientação sexual existe num continuum que varia desde a homossexualidade exclusiva até a heterossexualidade exclusiva, passando pelas diversas formas de bissexualidade. Embora tenhamos a possibilidade de escolher se vamos demonstrar, ou não, os nossos sentimentos, os psicólogos não consideram que a orientação sexual seja uma opção consciente que possa ser modificada por uma ato da vontade.

Sexo: atualmente a palavra “sexo” é usada em dois sentidos diferentes: um refere-se ao gênero e define como a pessoa é, ao ser considerada como sendo do sexo masculino e feminino; e o outro se refere à parte física da relação sexual.

Sexualidade: transcende os limites do ato sexual e inclui sentimentos, fantasias, desejos, sensações e interpretações.

Transexuais: são pessoas que não aceitam o sexo que ostentam fisicamente. Sendo o fato psicológico predominante na transexualidade, o indivíduo identifica-se com o sexo oposto, embora dotado de genitália externa e interna do outro sexo.

Transgêneros: terminologia utilizada que engloba tanto as travestis quanto as transexuais. É um homem no sentido fisiológico, mas se relaciona como mulher com o mundo.

Transtorno de identidade de gênero: é um termo que desde 1994, a American Psychiatric Association, através da edição da DSM-IV (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders), passou a utilizar, em substituição ao anterior “transexualismo”, o qual vinha sendo empregado desde a sua edição anterior, em 1980.

Fonte: stonewallbrasil.com – acessado em setembro de 2009